

O CENTRO COMUNITÁRIO DO BAIRRO DA PONTE DE ANTA: DINÂMICAS E LÓGICAS DE INTERVENÇÃO

REFLEXÃO A PARTIR DO PERCURSO DE ESTÁGIO

ANA MARISA DE OLIVEIRA CRUZ

RELATÓRIO DE MESTRADO APRESENTADO
À FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

O Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta: Dinâmicas e Lógicas de Intervenção

Reflexão a partir do percurso de estágio

Ana Marisa de Oliveira Cruz

Relatório de Mestrado apresentado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, no domínio de Desenvolvimento Local e Formação de Adultos.

Orientador: Professor Doutor João Caramelo

Resumo

O relatório de mestrado apresenta o estágio realizado no Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta, em Espinho, com as de finalidades dar conta do percurso ali realizado e encetar uma reflexão que busca compreender as dinâmicas e as diferentes lógicas de relação/intervenção com/na comunidade que se apreenderam a partir da participação quotidiana no seu funcionamento.

Para além do interesse pessoal e profissional no conhecimento e participação nas dinâmicas de uma instituição que mantém uma relação de proximidade e de intervenção com a comunidade em que está inserida, este estágio, e o relatório que dá conta do mesmo, constituiu também uma oportunidade, para aprofundar a leitura desta realidade a partir dos contributos do quadro concetual do desenvolvimento local e comunitário.

O Centro Comunitário (CC) foi criado em Novembro de 1996, com a finalidade de apoiar e trabalhar em conjunto com a população do Bairro da Ponte de Anta, em Espinho, para a melhoria das condições de vida e satisfação de necessidades de várias famílias e do Bairro em geral, quer a nível de infraestruturas, quer a nível social e educativo. Estas melhorias foram possíveis com esforços da comunidade e com várias parcerias que foram estabelecidas com instituições concelhias. O relatório retrata a génese do Centro Comunitário, imanando da Cerciespinho, e dá conta das várias mudanças que foram acontecendo ao longo do tempo no CC e na sua acção na e com a comunidade. Apresentamos também uma reflexão sobre o percurso do estágio, procurando apreender as diferentes fases pelas quais passou, retratando não só as atividades que se foram realizando, como também a transformação do papel que pude desempenhar na instituição durante o estágio.

Esta reflexão foi possível através da análise dos dados que resultaram de uma observação participante a partir da integração nas dinâmicas e quotidiano do Centro Comunitário, e respetiva produção de notas de terreno, de uma entrevista que foi realizada ao coordenador do Centro Comunitário e de documentos oficiais e informativos da Cerciespinho e Centro Comunitário.

Finalmente, é importante salientar a reflexão que é feita em relação às competências que o estágio permitiu promover e a reflexão sobre a profissionalidade em Ciências da Educação.

Resumé

Le rapport de maîtrise présente le stage réalisé au Centre Communautaire du Quartier de Ponte de Anta, à Espinho, afin de rendre compte du parcours réalisé et d'essayer une réflexion pour comprendre les dynamiques et logiques de relation/intervention avec/dans la communauté qu'on a pu apprendre par la participation quotidienne dans leur fonctionnement.

En plus de l'intérêt personnel et professionnel dans la connaissance et la participation dans la dynamique d'une institution qui entretient une relation de proximité et intervention avec la communauté dans laquelle elle opère, ce stage, et le rapport qui rend compte du même, est aussi une opportunité d'approfondir la lecture de cette réalité à partir de la contribution du cadre conceptuel du développement local et communautaire.

Le Centre Communautaire (CC) a été créé en Novembre 1996 avec le but d'appuyer et de travailler ensemble avec le quartier de Ponte de Anta pour améliorer les conditions de vie et la satisfaction des besoins des familles et du quartier en général, tant en termes d'infrastructures comme à niveau social et éducatif. Ces améliorations ont été rendues possibles grâce aux efforts de la communauté et des divers partenariats avec des institutions du territoire. Le rapport décrit la genèse du Centre communautaire, née de la Cerciespinho, et raconte des nombreux changements qui se sont déroulés au fil du temps dans le CC et dans son action dans et avec la communauté. Nous présentons aussi une réflexion sur le parcours de stage, cherchant apprendre les différentes phases dont il s'est déroulé, présentant non seulement les activités développés, mais aussi la transformation du rôle qu'on a pu jouer dans l'institution pendant le stage.

Cette réflexion a été possible grâce à l'analyse des données résultant d'une observation participatif à partir de l'intégration dans la dynamique quotidienne du Centre communautaire, et respective production des notes de terrain, d'une entretien qui a été réalisé au coordonnateur du Centre Communautaire et des documents officiels de la Cerciespinho et du Centre communautaire.

Enfin, il est important de souligner la réflexion qui est faite en ce qui concerne les compétences que le stage était capable de promouvoir et sur la profesionalisation dans le champ des Sciences de l'éducation.

Abstract

This report presents the period of apprenticeship performed in the Community Center of the Bairro Ponte de Anta (Ponte de Anta Neighborhood), in Espinho, with the purpose to give an account of the journey carried out there and to produce a reflection that seeks to understand the dynamics and the different logics of relationship/intervention with/in the community that we could figure out from the daily participation in its functioning. In addition to the personal and professional interest in knowledge and participation in the dynamics of an institution that maintains a close relationship and a proximity intervention with the community in which it operates, this apprenticeship period, and the report which gives an account of the same, also provides us the opportunity to deepen the reading of this reality from the contributions of conceptual framework of local and community development.

The Community Center (CC) was established in November 1996, with the purpose of supporting and working together with the population of the Bairro Ponte de Anta for the improvement of living conditions and the satisfaction of basic needs of families and of the neighborhood in general, in terms of infrastructures, social and educational conditions. These improvements were made possible with the efforts of the community and of several partnerships that were established with institutions present in the same territory. The report describes the genesis of the Community Center, uprising from Cerciespinho, and gives an account of the many changes that have been happening over time in CC and in its action in and with the community.

A reflection on the path of the stage is also presented, looking for understanding the different phases through which it passed, depicting not only the activities that we were able to develop, as well as the transformation of the role that we played in the institution during the stage. This reflection was possible by means of the analysis of data collected through participant observation, and respective field notes production, arising from the integration in the dynamics and everyday life in the CC, of an interview that was conducted with the CC coordinator and on official and informative documents from Cerciespinho and the Community Center.

Finally, it also presents a reflection about the competencies that the stage was able to promote and about professionalization in the Sciences of Education field.

Agradecimentos

Em primeiro lugar aos meus pais porque sem eles era impossível alcançar este objetivo, dando-me todas as ferramentas durante todos estes anos;

À minha família que sempre me apoiou e incentivou a continuar este percurso;

A todos os meus amigos, incluindo as amigas que fiz com a entrada na faculdade, Marina e Vânia, porque percorremos este caminho juntas, ajudando-nos mutuamente;

Ao Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta e a todos os seus técnicos, por me acolherem e ajudarem durante todo o estágio;

À faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade e a todos os docentes que me orientaram durante a Licenciatura e Mestrado;

Por fim e um agradecimento especial, ao Professor Doutor João Caramelo que me orientou neste relatório e ao longo de toda a minha formação no ensino superior.

Abreviaturas

ANMP- Associação Nacional de Municípios Portugueses

BPA – Bairro da Ponte de Anta

CC – Centro Comunitário

CLDS – Contratos Locais de Desenvolvimento Social

GAI – Gabinete de Apoio Integrado

GAP – Gabinete de Apoio Psicossocial

IRHU – Instituto de Reabilitação e da Habitação Humana

ISSIP – Instituto de Segurança Social, I.P

RSI – Rendimento Social de Inserção

Índice de Tabelas

Tabela 1- Mapa de Indicadores do CC	34
Tabela 2- Evolução da Cerciespinho	42
Tabela 3- Atividades disponíveis no CC	48
Tabela 4- Perspetivas sobre a intervenção no desenvolvimento comunitário numa perspetiva da animação	57
Tabela 5 - Tabela síntese do percurso do CC do BPA	58
Tabela 6- Resumo da categorização dos diários de Bordo	71
Tabela 7- Resumo Categorização da Entrevista.....	73
Tabela 8- Tabela resumo (Negociação e Mediação)	91
Tabela 9 - Parcerias do CC.....	95

Índice de Figuras

Figura 1- Presépio feito com rolhas de cortiça	49
Figura 2- Anjos de Natal feitos com cartolina	49
Figura 3- Árvore de Natal feita com anjos e flores de papel.....	49
Figura 4- Suporte de Velas.....	49
Figura 5- Arranjo de Natal	50

Índice

Introdução.....	19
Capítulo I – Uma conceptualização do Desenvolvimento Local como reflexão do percurso de estágio	23
Capítulo II – Caracterização do contexto de estágio.....	39
Da CerciEspinho ao Centro Comunitário do Bairro da Ponte de anta	40
Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta.....	44
A intervenção do Centro Comunitário	59
Capítulo III – O Percurso de estágio	67
O percurso de estágio no Centro Comunitário: da observação à autonomia	68
Metodologias utilizadas no estágio	68
Relato da trajetória do estágio	74
Análise de pontos fulcrais ao longo do estágio	83
Capítulo IV- Considerações Finais.....	99
O Centro Comunitário e a sua intervenção.....	100
O estágio e a profissionalização em Ciências da Educação	103
Referências Bibliográficas	105
Apêndices.....	109
Anexos	111

Introdução

O presente relatório de estágio, realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, mais concretamente no domínio de Desenvolvimento Local e Formação de Adultos, visa relatar o processo de estágio em que estive envolvida, em paralelo com uma reflexão teórica fundamentada, relacionando a prática de estágio com a necessidade de a interpretar à luz de contributos das Ciências da Educação.

O estágio decorreu no Centro Comunitário (CC) do Bairro da Ponte de Anta, na freguesia de Anta, que pertence ao concelho de Espinho. Este bairro, no qual vivi quando era criança, segundo os técnicos do CC, não obstante ser palco de vários problemas sociais, pode-se igualmente dizer que é um bairro no qual têm ocorrido mudanças sociais, quer a nível do aumento das taxas de emprego, quer ao nível do envolvimento na intervenção de um maior número de parcerias que são estabelecidas com entidades concelhias. Esta dinâmica deve-se em muito, em nossa opinião, à existência do Centro Comunitário, criado pela CERCÍ Espinho, com propósito de combater as desigualdades e promover mudanças positivas na comunidade do bairro.

Quando optei por este domínio do mestrado em ciências de educação foi com o intuito de trabalhar e aprofundar a temática do desenvolvimento local. Como tal, quando tivemos de decidir o local de estágio, tive preferência pela Câmara Municipal de São João da Madeira. O estágio foi aceite, mas com as eleições autárquicas registou-se uma mudança na autarquia e só poderia dar início ao estágio depois do novo executivo camarário tomar posse. Embora a cidade de São João da Madeira seja uma cidade educadora e, como tal, me parecesse de todo interesse realizar aí o estágio, tive a noção de que a espera me estava a prejudicar e, como tal, na procura de alternativas para a realização do estágio, desloquei-me à Associação de Desenvolvimento de Espinho para procurar ter conhecimento de Instituições existentes na cidade que trabalhassem na área do desenvolvimento local. Foi aí que me falaram da CERCÍ Espinho e do Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta

A CERCÍ Espinho está muito associada ao trabalho com pessoas portadoras de deficiência e a verdade é que a sua intervenção foi por aí que começou, mas mais tarde criaram outras valências, como o Centro Comunitário, o Espaço Multivivências do

Programa Escolhas, que trabalha diretamente com a população do Bairro da Ponte de Anta de etnia cigana. Esta instituição vem, assim, contribuindo potencialmente para o desenvolvimento e integração social de toda a comunidade de Espinho, trabalhando com populações muito diversas: pessoas portadoras de deficiência, desempregados, crianças, jovens, adultos e idosos, a partir de valências de intervenção diversas.

A minha reflexão será realizada a partir da prática do estágio, do que observei durante esse tempo e de todas as funções que desempenhei na instituição, sendo que a minha postura enquanto estagiária, numa fase inicial de adaptação e familiarização com o espaço e com as pessoas do centro, foi de observadora participante, havendo, passado depois para uma etapa de ação integrada nas dinâmicas do Centro e de algum modo mais autónoma, nunca deixando de manter um olhar atento para o modo de funcionamento global da instituição. Ou seja, apesar de me integrar nas atividades e de me serem dadas algumas responsabilidades nunca deixei de refletir e interpretar o dia-a-dia do Centro Comunitário procurando compreender as suas lógicas de relação com a comunidade (e vice-versa) e de intervenção na mesma.

Posto isto, o meu relatório de estágio incide também na reflexão do trabalho e apoio dado pelo Centro Comunitário à comunidade, de forma a compreender as atividades e iniciativas que potencialmente constituem ferramentas para que esta comunidade se sinta incluída e desempenhe um papel proactivo na restante sociedade. Procuro, assim, entender como é que o Centro Comunitário contribui para o desenvolvimento do bairro, ou seja, inscreve a sua ação numa dinâmica de desenvolvimento Local, entendendo aqui que o desenvolvimento local

“é uma modalidade de desenvolvimento económico e social, acompanhado pelo incremento de transformações nas estruturas sociais e económicas” (Gómez, José & Freitas, Orlando & Callejas, Germán, 2005:123),

bem como, que o desenvolvimento das comunidades locais parte dos problemas e recursos específicos da população local propondo e trabalhando em conjunto para uma melhoria da satisfação das necessidades e anseios da população. Ou seja, durante o relatório será feita uma reflexão a partir das experiências do estágio, no seu cruzamento com o que os teóricos afirmam, de modo a equacionar se e de que modos

o centro comunitário se constitui numa instância que contribui para o desenvolvimento do Bairro. Admitindo-se que o desenvolvimento local é fulcral para a existência de autonomia por parte da comunidade, seja a nível económico como social e cultural.

No relatório há ainda lugar a uma abordagem à Mediação, porque o desenvolvimento local passa também pela mediação interinstitucional, neste caso por via das parcerias com instituições do concelho de Espinho e na própria comunidade. Este processo de mediação é constante e pertinente, na medida que vai permitindo um entendimento entre o CC, as instituições e a comunidade, havendo assim uma Mediação a nível Social e a nível Comunitário. Por outro lado, no âmbito do processo de estágio, foi igualmente possível desenvolver a animação de um espaço que o próprio CC designava de “mediação”, envolvendo um conjunto de mulheres da comunidade na discussão de assuntos e problemas que foram elas próprias identificando como pertinentes, tendo aí a estagiária desempenhado uma função que acreditamos estar próxima da mediação socioeducativa.

O relatório está organizado em quatro capítulos, o primeiro capítulo consiste numa contextualização teórica com uma abordagem de vários autores que fazem incidir a sua reflexão na problemática do desenvolvimento local; o segundo capítulo comporta uma caracterização do contexto de estágio, incluindo a Cerciespinho e o Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta, fazendo, para além da caracterização, uma reflexão a partir do processo vivido no estágio; o terceiro capítulo diz respeito ao percurso de estágio, ou seja, são assinaladas várias fases pela qual o meu percurso foi passando e evoluindo e também os métodos que utilizei durante a minha permanência no CC; por fim, apresentam-se as considerações finais, onde para além de fazer uma reflexão com base em todo o relatório e todo o estágio se procede a uma reflexão de como este estágio contribuiu para a profissionalização (ou construção de uma profissionalidade) em Ciências da Educação.

Capítulo I – Uma conceptualização do Desenvolvimento Local como reflexão do percurso de estágio

A intervenção educativa no Desenvolvimento Local constitui a minha área de interesse profissional, por isso decidi basear a minha reflexão e análise do estágio em teóricos que trabalham as questões de desenvolvimento local. Resolvi começar desde o início a abordar o tema que será fio condutor do relatório, uma vez que a apresentação e análise do processo de estágio será feita em função de perceber de que formas o Centro Comunitário contribui ou protagoniza acções (ou não) que tenham os princípios e finalidades do desenvolvimento local em consideração.

Segundo Ferreira (2005: 395-398), o conceito de desenvolvimento está muito enraizado ideologicamente no ocidente, associado ao processo de industrialização e urbanização. No contexto do capitalismo industrial, assistiu-se a uma “*desterritorialização*” da economia e da vida social, inserindo-se estas num espaço mais vasto e supostamente homogéneo – o Estado-Nação.

“É este processo de «desinserção das relações sociais dos contextos locais de interacção» que Giddens (2002) designa por «descontextualização dos sistemas sociais». É na medida em que a experiência e a posição social deixam de ser determinadas por uma presença a um espaço físico que é possível falar, como faz Rifkin (2001), de uma crescente «desterritorialização das nossas vidas» (Canário, 2005:155)

No entanto, de acordo com Lopes (2009), atualmente estamos a assistir a um processo inverso de “*recontextualização*” da vida social, na expressão de Giddens, ou na expressão simétrica de Rifkin de “*reimplantação do laço social ao nível do território*”, ou seja, o local tem sido alvo de um interesse crescente. Em termos políticos, sociais e científicos. Neste âmbito é portanto importante perceber a importância do território enquanto espaço social, uma área de relações e de desenvolvimento quer económico, quer social, opondo-se ao conceito de globalização no sentido em que apenas apela às especificidades locais, outras vezes, integrando o particular no global, pelas oportunidades e pelas alternativas de desenvolvimento que daí podem surgir. Ferreira (2005) refere também que, de acordo com Amaro (1996), anteriormente vinculado apenas ao nível nacional e à ação centralista do Estado, o

conceito de desenvolvimento passou a ser encarado, ao longo das últimas quatro décadas, em função de diversos níveis: o nacional, o supranacional e o infranacional.

Atualmente, o conceito de desenvolvimento é assim amplamente debatido e configura uma mistura de visões que variam e que fazem dele uma realidade complexa e dinâmica, em constante mudança, que mais não é do que o espelho das dinâmicas sociais, culturais e económicas. Nesse sentido,

“Entre as diversas abordagens que surgem em oposição ao modelo dominante de desenvolvimento, a do «desenvolvimento local» tem sido a que mais se tem afirmado, desde os anos de 1970, quer enquanto teoria, quer enquanto prática” (Ferreira, 2005: 395).

Na mesma linha, de acordo com Fragoso (2005), poder-se-á dizer

“O surgimento do desenvolvimento local como campo de desenvolvimento foi fundamental na questão das escalas do desenvolvimento, bem como a valorização/ desvalorização da noção de território” (idem: 2005).

Ferreira (2005) afirma que foi apenas ao longo das décadas de 1980 e de 1990 que o desenvolvimento local se configurou em torno das instituições e organizações, depois em torno dos atores e, finalmente, em torno da ação pública local. Este autor refere Alberto Melo (2000), afirmando que:

“o desenvolvimento local assume uma dupla função: abertura/uniformização e resistência/pluralismo. Por um lado, ele tem a função de inserir, descompartmentar, criar dinâmicas de abertura e de progresso; por outro, possui a função de resistir às forças de massificação, de afirmar as especificidades do território, de sublinhar as diferenças, de inventar e testar a permanência originais, reforçando assim o pluralismo” (Ferreira, 2005:77).

Este conceito tem vindo a ser concebido num ambiente de crítica aos fenómenos de exclusão social, que foram mais acentuados com o processo de

globalização. Na perspectiva de Gallicchio (2003:45) referenciado por Dalila Oliveira (*idem*), o desenvolvimento local surge como uma nova forma de olhar e de atuar no território, mas num contexto de globalização.

Nesta perspectiva poder-se-á entender o desenvolvimento local como

*“Um processo de crescimento económico e de mudanças estruturais que conduzem a uma melhoria do nível de vida da população local, onde se podem identificar três dimensões: uma **económica**, na qual os empresários locais usam a sua capacidade para organizar os factores produtivos locais com níveis de produtividade suficientes para ser competitivos nos mercados; outra, **sócio-cultural**, onde os valores e as instituições servem de base ao processo de desenvolvimento; e, finalmente, uma dimensão **político-administrativa** onde as políticas territoriais permitem criar um clima económico local favorável, protegendo das interferências externas e impulsionando o desenvolvimento local”* (Oliveira, 2008:23).

Fragoso (2005), por sua vez, refere que, o desenvolvimento local/comunitário tem hoje em dia como principais características: partir de problemas comunitários ou necessidades; constituem-se como processos de mudança, coletivos, profundamente educativos; tem um carácter endógeno e integrado; como objetivos centrais aparecem a melhoria de qualidade de vida das pessoas e a valorização/formação dos recursos locais; o fortalecimento de capacidades, organização e confiança das pessoas; implicam a participação dos interessados; implicam a redistribuição de poder ou *empowerment*, bem como o controlo do processo pelos participantes; por fim devem articular-se com processos externos.

Em alternativa a estes conceitos (de desenvolvimento comunitário e de desenvolvimento local) o autor propõe outros três conceitos que poderão ser importantes referenciar. Em primeiro lugar refere-se à *acção comunitária* ou participação comunitária como sendo um conceito que nos remete para atividades concretas. Este tipo de ação procura acabar com a existência de elites locais procurando desta forma dar mais poder e voz aos menos favorecidos. Em segundo

lugar, Fragoso refere-se ao conceito de *organização comunitária*. Este conceito anteriormente aparecia associado ao de desenvolvimento comunitário, sendo entendido como um dos seus elementos base. Apresenta uma forte preocupação com

“lutas e protestos contra as estruturas representativas do poder”
(Fragoso 2005:32).

Posteriormente, e em terceiro lugar, surge o conceito de *desenvolvimento participativo* sendo entendido como uma proposta de substituição dos conceitos até então apresentados. Procura colmatar as lacunas existentes nos conceitos anteriormente abordados e, segundo o autor,

“[...] aponta mais claramente para aquilo que consideramos essencial no desenvolvimento hoje em dia” (ibidem).

Importa referir que o desenvolvimento participativo surge numa altura em que o Neoliberalismo ocupa um lugar relevante na sociedade. O neoliberalismo acredita que

“ o mercado livre capitalista é essencial para a democracia e liberdade individual, e contra o poder do Estado dever-se-iam privatizar as empresas públicas.” (Fragoso, 2005:34),

o que veio favorecer a expansão do comércio livre. Deste modo, para o neoliberalismo o mercado é fundamental, sendo uma entidade que tem a capacidade de regular, por exemplo, o emprego das populações. Explicando melhor, enquanto que, anteriormente o mercado era entendido apenas como um instrumento de comercialização de bens e serviços, com o neoliberalismo, este passa a ser o principal regulador tanto da ação coletiva como individual, de maneira a que, segundo esta visão, o desenvolvimento só é alcançado se o indivíduo estiver disposto a descartar os seus valores e tradições, a troco de conseguir alcançar um ganho económico. Uma vez que o neoliberalismo é contra a intervenção estatal, isso vai fazer com que o Estado deixe de intervir em diversas áreas, sendo que as primeiras a sofrer com este afastamento vão ser as áreas sociais como a educação e a segurança social, onde o Estado faz cortes de

financiamento como medida para reduzir as despesas. Fragoso refere que, durante o neoliberalismo foi uma altura onde a sociedade ansiava por participação, o que fez com que os neoliberais passassem muitas das funções que eram da responsabilidade do Estado para os cidadãos. O que leva a crer que ao mesmo tempo que os cidadãos

“...clamam pela participação como algo legítimo e (...) criticam ferozmente o neoliberalismo, funcionarem como suportes essenciais desse mesmo neoliberalismo.” (Fragoso, 2005:35).

Fragoso (2005) utiliza o contributo de Rahnema (1999: 117-120) para referir alguns pontos que caracterizam a participação de hoje em dia, contudo destes pontos apenas irei mencionar os que considero serem mais relevantes. Assim sendo, a participação deixa de ser concebida como uma ameaça, pois as políticas de desenvolvimento geraram na sociedade uma forte dependência consumista que garante o apoio dos cidadãos relativamente aos projetos, na ilusão de que as vantagens daí resultantes, embora se estendam apenas a uma minoria, um dia irão estender-se a todos. Outro dos pontos diz respeito, ao facto de atualmente a participação na vida social ter-se tornado um

“...slogan politicamente atraente.” (Fragoso, 2005:37),

sugerindo que a atividade política estabelece relações de confiança com a população, dando a ideia de que a rede política se importa sinceramente com a vida dos cidadãos. Para além disto, importa referir que os projetos participativos trouxeram um conhecimento mais preciso da realidade e permitiram o estabelecimento de redes relacionais que se mostraram cruciais para a obtenção de êxito a longo prazo dos investimentos.

Assim sendo, não poderia falar do conceito de desenvolvimento participativo se não explicitasse, em que consiste este conceito e que tipo de participação e desenvolvimento é então aqui valorizado, segundo Fragoso (*idem*). Neste conceito de desenvolvimento, a participação que se privilegia está assente em três pilares-chave: o da população, o da educação e o da democracia. Referente à população, privilegia-

se aqui a sua organização e capacidade de mudança e melhoria sociais, pelo que devem ser estas a produzir essa participação e, simultaneamente, a usufruir dela, pois as mudanças despoletadas por um processo de desenvolvimento terão forçosamente que reverter a favor das populações que participaram nele e a favor das suas comunidades. São as populações também que devem exercer um controlo efetivo sobre todas as fases do processo de desenvolvimento e a estas deve ser dada a autonomia necessária para que possam agir e transformar, daí que a participação tenha aqui um carácter imprevisível. Relativamente ao carácter educativo desta participação, importa referir que este conceito vai estabelecendo ligações com um paradigma de educação não-formal e, como refere o autor,

“[...] a participação e o desenvolvimento participativo representam processos de aprendizagem colectivos, em que é possível identificar e qualificar as aprendizagens que os sujeitos vão realizando ao longo do tempo, se bem que enquadrados por contextos organizativos distintos dos escolares” (idem:44).

Por outro lado, esta participação deve aliar os conhecimentos populares assentes no senso comum a conhecimentos científicos e técnicos, promovendo o seu entretecer, pois o conhecimento popular, por si só, não é suficiente para determinar as mudanças necessárias, primando-se aqui por um confronto de saberes, que promova o desenvolvimento de aprendizagens em diversas direcções, valorizando-se sempre os conhecimentos já existentes, pois

“a participação é um acto que educa e que simultaneamente requer uma aprendizagem” (ibidem).

Por fim, relativamente ao carácter democrático, prima-se aqui por uma participação que nos aproxime de formas de democracia direta ou, pelo menos, mais participada.

Posto tudo isto, este conceito de desenvolvimento participativo leva a considerar que é possível fazer crer às populações que estas podem gerar mudanças à sua volta e é um conceito de desenvolvimento que assume um carácter profundamente

educativo, dado que dota os cidadãos de uma posição crítica sobre o que os cerca, capacitando-os para actuar e promover melhorias sociais, a partir de uma lógica de promoção de processos de democracia participativa.

Com efeito, de acordo com Oliveira (2008) o desenvolvimento local é uma construção coletiva em consequência dos esforços dos atores locais, através de metodologias participativas que conduzem a mudanças constantes e onde se torna imperioso existir um espírito empreendedor e uma abertura, por forma a construir uma nova realidade local, onde o reforço das capacidades dos agentes locais e o protagonismo do poder local/dos municípios é fundamental. Neste sentido, Degenne (1986) e Villasante (1988) citados por Dalila Oliveira (2008), definem o local como sendo um conjunto de redes sociais que se vão articulando e que integram, naturalmente, relações de cooperação ou conflito, tendo por base não só interesses mas também recursos e valores, num espaço em que o perímetro é determinado pela forma deste conjunto. Para estes autores, como se percebe, o local não é, portanto, apenas fisicamente localizado, mas socialmente construído.

Na perspectiva dos autores, os municípios são instituições que desempenham um papel preponderante neste processo de construção do desenvolvimento social, uma vez que podem assumir uma posição de mediador das intervenções sociais, quer sejam de carácter educativo ou não. Esta mudança e intervenção passa por uma ligação interna, onde vários atores concebem uma estratégia de desenvolvimento, mas com abertura ao exterior, uma vez que o local deve ter a capacidade de estabelecer contactos externos e aceder às dinâmicas de desenvolvimento globais.

O desenvolvimento local transfigura-se assim num instrumento de harmonização de estratégias e iniciativas, que se desejam sustentáveis. Isto implica que surjam competências que até agora estavam concentradas na administração central e isto imprime uma maior responsabilidade ao poder local formalmente instituído. Ou seja, sustentando-se que o

“poder local é o poder que na área social fomenta a inclusão dos mais carenciados, a coesão social, o diálogo, a parceria, a igualdade de

oportunidades, a participação democrática nas decisões colectivas”
(Oliveira, 2008:19).

Como refere Cabeças (2000) in Dalila Oliveira (2008),

“o Poder Local é a espinha dorsal da estrutura político-social de base no nosso país e é a fonte do equilíbrio de Poderes e o verdadeiro guardião das liberdades democráticas”.

Neste contexto, o poder local assume um papel imprescindível, atuando como possível líder ou catalisador do processo de desenvolvimento e como guia das forças vivas da comunidade local

Segundo Dalila Oliveira (2008), o poder local, embora local também é Estado, e citando Ruivo (1999: 19) esta situação intermédia é que lhe imprime

“riqueza, complexidade e características cujas especialidades interessa inventariar e analisar...Por ser Estado, ordena o tecido social, mas por ser local, essa ordenação torna-se flexível, aberta a uma multiplicidade de novos actores e susceptível de co-ordenação. Por ser estado, actua no sentido de uma mediação reguladora de conflitos, mas por ser local, mais facilmente esses conflitos poderão ascender ao seu interior. Por ser Estado e local, um Estado mais localizado, o mecanismo de dispersão das contradições que constituiu é, todavia, simultaneamente contraditório e suscetível de se apresentar como uma nova plataforma de agentes e atuações, atravessada por novos tipos de consensos e conflitos.”

Para a Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP) (2004), o

“Poder local acaba por ser um reflexo de determinadas caminhadas históricas em sociedades concretas. A narrativa do poder local na Europa, por exemplo, mostra-nos que na base dos diferentes modelos existentes estão diferentes evoluções históricas dos seus Estados

enquanto Estados Modernos. Ora, da mesma forma o modelo do Sul, herdado por Portugal, Espanha e Grécia e que tem na sua origem a concepção administrativa francesa do tempo napoleónico, acaba por ser o reflexo de uma determinada caminhada histórica e de uma determinada concepção muito mais centralista do Estado e da gestão da esfera pública.”

Posto isto, o sucesso do Poder Local não se encerra em si mesmo, enquanto vontade popular e na máxima do poder político dos cidadãos, mas na cultura de partilha democrática e na verdadeira aproximação ao cidadão.

Quando falamos em desenvolvimento local e articulação territorial do desenvolvimento temos, forçosamente, que analisar dois paradigmas que têm influenciado e caracterizam grandemente duas perspetivas de desenvolvimento vigentes nas últimas décadas na Europa: a corrente funcionalista e a corrente territorialista.

Existe um confronto de pensamento entre estas duas correntes. Enquanto a corrente funcionalista afirma que o desenvolvimento é um fenómeno induzido do exterior, a corrente territorialista afirma que o desenvolvimento parte do próprio território, pela mobilização dos recursos e humanos aí existentes.

Segundo Cabugueira (2000), o paradigma Territorialista abrange acontecimentos ocorridos durante as décadas de 70 e 80, nomeadamente: as transformações demográficas; as reformulações tecnológicas e os choques petrolíferos, que evidenciam e acentuaram as desigualdades sociais; os desequilíbrios territoriais da distribuição da riqueza e a dependência externa de muitas regiões em relação aos meios de produção e aos centros e decisão. Este novo cenário abalou profundamente a fundamentação teórica do paradigma funcionalista e criou condições para a emergência do paradigma territorialista.

Desde logo, o paradigma territorialista traça como principal objetivo a

“satisfação efectiva das necessidades básicas de toda a população de uma unidade territorial através de um uso integral dos seus próprios recursos” (Henriques 1990, in Cabugueira 2000).

Este modelo de desenvolvimento tem uma escala de valores que segundo Cabugueira (2000), aponta no sentido:

- ✓ da satisfação das necessidades básicas de todos os elementos da sociedade (não só a nível quantitativa, mas também a nível qualitativo);
- ✓ de um desenvolvimento determinado pela população de território e fundamentado na mobilização de recursos humanos, materiais e institucionais;
- ✓ de um desenvolvimento igualitário e cumulativo (assente no desenvolvimento local);
- ✓ de um desenvolvimento fundamentado por um elevado grau de autodeterminação do território;
- ✓ de se privilegiar o desenvolvimento das pessoas e não dos lugares;
- ✓ de um crescimento económico seletivo, orientado para a redistribuição, procurando que as pessoas sejam envolvidas em todo este processo;
- ✓ de um desenvolvimento que pressupõe estruturas de tomada de decisão a diversos níveis.

Esta corrente territorialista começou a ser posta em prática nas décadas de 70 e 80, mas ainda caracteriza certos locais da nossa sociedade, e com a crise económica que se atravessa, sente-se particularmente a necessidade da comunidade ajudar e trabalhar no seu próprio desenvolvimento local.

Tendo em conta o que referi até agora e a experiência de estágio no Bairro da Ponte de Anta é importante salientar que, numa primeira aproximação, os objetivos e os modos de intervenção do Centro Comunitário parecem ir ao encontro dos princípios próximos da corrente territorialista do desenvolvimento, isto porque o trabalho desenvolvido pelo centro afirma visar a emancipação das pessoas daquele bairro aos níveis social, económico e cultural, e porque ao sistematizar o trabalho feito pelo centro comunitário e habitantes do bairro, conjugados com recursos exteriores, se identificam alguns indicadores de que o centro trabalha com a comunidade para um bem comum, ou seja, procura contar com a participação de todos. Não obstante, temos de reconhecer igualmente que todos os processos de intervenção assentes numa lógica de promoção do desenvolvimento local são marcados por relações de poder entre

atores individuais e coletivos, e que não se pode sempre esperar que o agir individual, os interesses e as estratégias de cada um destes atores, resultem na convergência num agir plural marcado intrinsecamente pela preocupação com o bem comum, em particular quando este entra fortemente em choque com os interesses de algum dos atores envolvidos. Ou seja, como em qualquer outro contexto onde se verifiquem situações de intervenção, também no Bairro da Ponte de Anta, e mais concretamente nas relações que se estabelecem entre o Centro Comunitário e as parcerias que são estabelecidas com várias instituições do concelho de Espinho, incluindo a Camara Municipal de Espinho, se podem encontrar situações caracterizadas por maior ou menor proximidade em termos de princípios e finalidades para a intervenção.

Um dos documentos que nos parece apontar melhor para possíveis indicadores de desenvolvimento é o Mapa de Indicadores de 2013 do Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta, uma vez que nos proporciona uma visão alargada dos apoios e atividades realizados durante o ano, tendo sempre em conta que estas atividades e apoios são potencialmente impulsionadores de desenvolvimento local, ainda que seguramente segundo lógicas de intervenção bastante diferentes entre si.

Tabela 1- Mapa de Indicadores do CC

Indicadores de Processo	N.º/ Taxa	Identificação/ Análise dos resultados
N.º de Clientes	1000	- Carta social/ Listagem de clientes
N.º de Clientes apoiados Banco Alimentar	183	- Listagem apoios concedidos (60 famílias)
N.º de Clientes apoiados PCAAC (Programa Comunitário de Ajuda Alimentar a Carenciados)	400	- Listagem apoios concedidos (135 famílias)
N.º de Clientes apoiados Alimentação	525	- Listagem apoios concedidos
N.º Novas famílias Acompanhadas	33	- N.º de processos novos
N.º Visitas Domiciliárias	131	- Registo de Visitas - Mapa de atendimento
N.º de Casos articulados com a CPCJ	11	
N.º de Casos articulados com o tribunal	16	

Impacto dos seus programas e serviços na sociedade	1000	- N.º de clientes/atividade (Mediateca; Atividades ao Ar livre; Clube de Artes Decorativas - 14; Aeróbica - 28; Modelismo - 13; Sala de Apoio ao Estudo - 35; Atividades Socioculturais; Espaço de Convívio – 12; Colónias de Férias - 11; GAP - 25; BAR - 175; GAI - 489)
	33	- N.º de novas famílias apoiadas
	24	- N.º de colaboradores
	5	- N.º de estágios
	10	- N.º de pessoas a realizar trabalho a favor da comunidade
	3	- N.º de pessoas integradas no mercado de trabalho
	1	- N.º de pessoas em estágio/Atividade de interesse social
	49	- N.º de ATI (identificação de cada atividade)
	10	- N.º de visitas
	22	- N.º de parceiros
	8	- N.º de entidades apoiadas
	1	- N.º de participações em trabalhos de investigação ou curriculares

Como referimos antes, esta tabela é alusiva a alguns indicadores de execução, retratando apoios, atividades e parcerias do Centro comunitário do Bairro da Ponte de Anta no âmbito do seu trabalho na comunidade durante o ano de 2013, mencionando apenas alguns dos indícios presentes no mapa de indicadores do centro comunitário, tendo em conta os que são mais relevantes e elucidativos do desenvolvimento da comunidade. Este mapa permite também perceber que o CC trabalha com a comunidade para que as mudanças sejam visíveis, ou seja, o facto de haver apoios alimentares, visitas domiciliárias, acompanhamento a famílias, permite que o CC esteja a par dos problemas da população e possa atuar de uma forma mais eficaz, dando ferramentas a estas famílias para resolução das suas dificuldades. Nunca

esquecendo do factor da animação que está bem presente nestes indicadores, dando conta que no geral todos os indivíduos inscritos no CC usufruem dessas mesmas atividades.

Como mencionamos antes, a participação diversa e efetiva dos atores locais tem vindo a assumir um papel fundamental na promoção de dinâmicas de desenvolvimento e de mudança da realidade ao nível local. Neste sentido, outro dos fatores que contribui para o desenvolvimento local é o relacionamento entre a comunidade e o centro comunitário e as relações entre técnicos e comunidade, uma vez que são estes a ponte entre a comunidade e muitos dos serviços que são fundamentais para o desencadeamento de dinâmicas de desenvolvimento.

“Nós procuramos intervir com crianças, jovens adultos e idosos, como já te fui dizendo, e também porque tu vês, porque para mim é essencial trabalhar com todos para estimular o desenvolvimento sociocultural pretendido por nós nesta comunidade e também a inserção socio económica deles, porque com toda esta crise os mais afetados e os que sentem mais são as pessoas com o historial das famílias que temos aqui no bairro, salários baixos, famílias monoparentais, situações de desemprego, enfim, muita coisa. Posso-te dizer que aqui na mediateca é o sítio com mais afluência de pessoas, quer crianças, quer adultos, e com este espaço mais familiar cativamos os miúdos para estarem cá enquanto a família não tem disponibilidade, e assim tenho a certeza que evitamos muitos problemas e comportamentos desviantes deles.” (Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário)

Existem também outras atividades informais que promovem uma aproximação entre a comunidade e os técnicos, quando há a dinamização de festas por exemplo, uma vez que para a realização destas iniciativas trabalham todos (comunidade e técnicos) em conjunto e no fim existe um convívio entre todos e o Dr. L deixa de ser Dr. e passa a ser um elemento como todos os outros na festa, o que retrata também um pouco da relação que existe entre o CC (equipa técnica) e a comunidade, os técnicos quando estão fora do contexto de trabalho procuram estabelecer uma convivência saudável e próxima, criando-se muitas vezes um ambiente familiar.

“(…), isto, às vezes, é uma segunda casa, eles têm e usam coisas aqui que não têm oportunidade de ter em casa e quando vêm para aqui é porque se sentem bem, seguros e gostam.” (Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário)

Caso contrário, e se a implementação do mesmo não tivesse sido positiva, a comunidade que acolheu o centro também a teria rejeitado. A verdade é que os resultados estão à vista, quer a nível social (emprego, formações, atividades), quer a nível de infraestruturas em todo o bairro, construção de parques de diversões, campos de futebol, jardins, obras em vários blocos de habitação e nas estradas de acesso e ruas no bairro.

Capítulo II – Caracterização do contexto de estágio

Da CerciEspinho ao Centro Comunitário do Bairro da Ponte de anta

A Cerciespinho, Cooperativa de Educação e Reabilitação do Cidadão Inadaptado, é uma cooperativa de solidariedade social, sem fins lucrativos e de utilidade pública. Foi constituída em Julho de 1976 por um grupo de cidadãos do Concelho de Espinho, membros de uma Associação de Pais, preocupados com a inexistência de respostas dirigidas à população com deficiência mental. Este espírito de cooperação na resolução das necessidades identificadas promove o crescimento de uma organização vocacionada para a intervenção junto de pessoas com deficiência mental e que ao longo dos anos diversificou a sua atividade, passando a incluir nos seus serviços respostas sociais dirigidas a pessoas em situação de exclusão social e de dependência. A Cerciespinho inscreve a sua intervenção no concelho de Espinho e nas freguesias dos concelhos confinantes.

Segundo documentos oficiais da Cerciespinho, a cultura e tradição da Cerciespinho mantêm-se hoje patentes na sua missão e sua carta de valores salientando-se aí a centralidade das pessoas, a diversificação dos serviços como resposta às necessidades detetadas e a cooperação interinstitucional como valores e metodologias de promoção da cidadania, igualdade, aspirando e construindo uma sociedade melhor.¹

A missão da CERCI passa por *“promover a cidadania e a qualidade de vida de pessoas com deficiência mental e/ou em situação de dependência e/ou exclusão social, fornecendo serviços, intervenções, estruturas e respostas sociais de qualidade, havendo assim uma visão de ser uma entidade reconhecida na comunidade pela promoção de serviços e intervenções integrados, globais e de qualidade”*²

Segundo a carta de valores, da CERCI, o seu trabalho procura valorizar:

¹ Informação retirada: <http://www.cerciespinho.org.pt/index.php/2012-05-14-11-23-02/caracterizacao-da-cerciespinho>

² Informação retirada: <http://www.cerciespinho.org.pt/index.php/2012-05-14-11-23-02/caracterizacao-da-cerciespinho>

- ✓ **As Pessoas** – Centrar o trabalho na pessoa/família, nas suas necessidades e expectativas, assegurando o respeito pelos seus direitos fundamentais, pela sua dignidade, individualidade, autonomia, igualdade, participação e capacidade de escolha e defender o cumprimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e a Convenção sobre os Direitos da Criança.
- ✓ **Inclusão/Cidadania Plena/Qualidade de Vida** – Oferecer um tratamento igualitário promovendo o comprometimento e o exercício da cidadania plena. Defendem a igualdade de oportunidades e de género e, o bem-estar físico e psicológico dos clientes³. Intervêm para a inclusão enquanto direito inalienável;
- ✓ **Educação/Formação/Aprendizagem ao Longo da Vida**- Considerar que o conhecimento é uma das fontes de realização pessoal e de desenvolvimento. Valorizando a formação e educação numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida encorajando a participação ativa.
- ✓ **Trabalho/Emprego** - Defender a importância do trabalho/emprego como fator de realização pessoal, valor social e promotor do exercício de cidadania plena.
- ✓ **Inovação/ Dinamismo/Pragmatismo/ Flexibilidade/ Adaptabilidade** – Acreditar que a vantagem da intervenção depende da capacidade e determinação em inovar, obtendo melhorias contínuas e aumentando a eficiência. Incentivar uma cultura de abertura, transparência, dinamismo, pragmatismo, flexibilidade, adaptabilidade, como forma de potenciar uma intervenção integrada e global e garantir a satisfação dos/as clientes.
- ✓ **Cooperação** - Acreditar na cooperação, no trabalho em parceria e em equipa, como meio de garantir o *know-how*, experiência e responsabilidade na execução de tarefas quotidianas, na resolução de problemas complexos e no desenvolvimento de atividades, numa perspetiva multidisciplinar.
- ✓ **Ética/ Profissionalismo/ Responsabilidade** – defender a ética, responsabilidade e transparência das intervenções e relações, promovendo

³ Designação utilizada pela Segurança Social para englobar todo público que frequenta instituições. A Cercispinho e todas as suas valências utilizam estas designações da Segurança Social.

o benefício do/a cliente/partes interessados e assegurando o respeito pela diferença no cumprimento da missão. As relações com as partes baseiam-se no respeito, honestidade e integridade assumindo assim uma responsabilidade social.

- ✓ **Qualidade** - Defender, em toda a intervenção, o cumprimento, de forma continuada, criteriosa e exemplar dos parâmetros de qualidade procurando a eficiência e eficácia dos serviços.

A Cerciespinho é assim constituída por vários departamentos e serviços complementares que ao longo do tempo da sua existência se foram construindo e consolidando, tal como se pode verificar no quadro seguinte:

Tabela 2- Evolução da Cerciespinho

Departamentos	Serviços complementares
1989 – Departamento de Formação Profissional	1976 – Ações de Sensibilização (para jovens e adultos sobre diferentes temas, como, a toxicodependência, alcoolismo, etc.)
1992 - Centro de Atividades Ocupacionais I 2002 - Centro de Atividades Ocupacionais II	1989 – Serviços de produção e formação (iniciou-se a formação para jovens e adultos portadores de deficiência com o objetivo de os integrar no mercado de trabalho)
1996 - Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta	1994 - Oficinas de Produção (Serralharia, Carpintaria, Costura. Direcionado para jovens e adultos portadores de deficiência e em muitos casos ficavam a trabalhar nessas mesmas oficinas)
1998 – Serviço de Apoio Domiciliário	2004 - Banco Ajudas Técnicas (por exemplo: o GAI- Gabinete de Apoio Integrado no Centro Comunitário e o GAP – Gabinete de Apoio Psicossocial)
2011 – Departamento Residencial	2006 – Banco de Alimentos e Recursos
- Lar Residencial “Manto de Sonhos”	2007 – Projeto “Vivências Multiculturais 2010 - Projeto Multivivências 2013 – Projeto Multivivências 5G

- Residência Autónoma “Ponto de Partida”	2012 – Serviços Educativos
--	----------------------------

Após a análise deste quadro verifica-se que houve uma preocupação por parte da Cerciespinho em iniciar a sua intervenção com a população portadora de deficiência e depois de terem os alicerces desse projeto construído, passaram a abranger a restante população, crianças, jovens e adultos e também trabalhar com diferentes etnias.

“A CERCI tem como filosofia a identificação de problemas e a promoção de soluções, isto com o objetivo de combater a exclusão social, e como aqui na área de Espinho, todos sabem que o bairro é e sempre foi o local onde existem pessoas com problemas financeiros, e outros problemas mais graves, tráfico de droga, prostituição e então resolvemos atuar. Porque apesar da CERCI atuar tradicionalmente com pessoas portadoras de deficiência, formação profissional para a população com deficiência, desempregados de longa duração, beneficiários do RSI e também o apoio a idosos, nós tínhamos a noção que faltava ainda intervir com outro tipo de população. “ (Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário)

Tendo em conta o excerto, percebe-se as razões que levaram à criação do CC no BPA e também é de notar a preocupação da Cerciespinho, uma vez que foi com esta medida que se começou a detetar e a apoiar na resolução de muitos dos problemas que foram mencionados pelo coordenador do CC. O facto de a Cerciespinho “*resolver atuar*” com pessoas para além daquelas com que já estavam habituados a intervir, fez com que a Cerciespinho passasse a ser uma das poucas instituições no concelho de Espinho que trabalha com todas as faixas etárias e com variados problemas sociais, começando desde aí a alargar a sua intervenção com diversos projetos, como é possível verificar no quadro anterior. De seguida, irei caracterizar em concreto o Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta.

Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta

O Centro Comunitário de Bairro da Ponte de Anta (CC), é um dos projetos idealizados e concretizados pela Cerciespinho:

“O Centro Comunitário iniciou a intervenção, não com o nome de Centro Comunitário, mas sim enquanto projeto “Construir a partir do insucesso” em Novembro de 1996, já vai fazer 18 anos e quem trabalha cá desde o início como eu, nem dá pelo tempo passar! Este projeto que falei é resultado do Programa Integrar (Medida I), a CERCI candidatou-se e o nosso projeto foi aprovado.” (Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário)

Em 2000, a Cerciespinho conseguiu que o projeto “Construir” se tornasse em Centro Comunitário, para poder ficar permanentemente no terreno e intervir junto da comunidade com o objetivo de criar meios para um desenvolvimento e integração da comunidade, trabalhando com os habitantes e com o apoio do Centro Comunitário para o aparecimento de melhorias que, apesar de acontecerem num processo longo, têm sido notórias. Este projeto foi financiado pelo Estado com o objetivo de combater o insucesso escolar na escola que está situada no BPA. Com o passar do tempo o CC alargou o público alvo, procurando

“(…) intervir com crianças, jovens adultos e idosos, como já te fui dizendo e também porque tu vês, porque para mim é essencial trabalhar com todos para estimular o desenvolvimento sociocultural pretendido por nós nesta comunidade e também a inserção socio económica deles, porque com toda esta crise os mais afetados e os que sentem mais são as pessoas com o historial das famílias que temos aqui no bairro, salários baixos, famílias monoparentais, situações de desemprego, enfim, muita coisa. (Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário)

A partir deste excerto é notória a perspetiva de intervenção que existe no CC, ou seja, “estimular o desenvolvimento sociocultural” e a “inserção socio económica”,

isto porque é a partir das preocupações que o coordenador mencionou (crise económica do país, salários baixos, famílias monoparentais, desemprego) que pensam na intervenção.

Tal como referi anteriormente, com o alargamento da intervenção e para combater muitos dos problemas sociais detetados no concelho de Espinho, mais concretamente na freguesia de Anta, à qual a Cerciespinho pertence, foi então criado o Centro Comunitário do Bairro da Ponte da Anta que

“é uma resposta social, desenvolvida em equipamento, onde se prestam serviços e se desenvolvem atividades que, de uma certa forma articulada, tendem a constituir um pólo de animação com vista à prevenção de problemas sociais e à definição de um projeto de desenvolvimento local, coletivamente assumido, constituindo uma resposta social atípica.”⁴

É uma entidade financiada pelo Ministério da Solidariedade e da Segurança Social, com o fim de prestar assistência a cerca de mil indivíduos que frequentam este centro.

O Centro Comunitário é um espaço que apesar de ser pequeno é muito familiar e aconchegante, como pude verificar quando aí me dirigi.

“A primeira coisa que fiz foi conhecer melhor o centro com o Dr. L. O hall de entrada do centro tem uma série de papéis afixados com o regulamento do centro, os contactos mais importantes em caso de alguma urgência (bombeiros, hospital, centro de saúde, câmara municipal de espinho e polícia), todas as valências do centro e o funcionamento das mesmas, ou seja, a mediateca e o espaço internet; o GAI (gabinete de atendimento integrado); o GAP (gabinete de apoio psicossocial); a sala de apoio ao estudo; a aeróbica; o clube de artes decorativas; o espaço de convívio; o espaço de mediação social; o

⁴ Documento oficial do Centro Comunitário- “Projeto de Intervenção”, Anexo II

grupo de pais: e o atelier de Modelismo. De seguida, tem uma sala onde se encontra a mediateca, o espaço de convívio e um wc; tem também uma cozinha que serve apenas para servir pequenos-almoços e lanches tendo em conta o seu tamanho, o gabinete da psicóloga, uns arrumos e a sala do espaço internet.” (Diário de Bordo III – dia 4 de Novembro de 2013)

O trabalho desenvolvido no Centro Comunitário consiste numa intervenção direcionada para diversos grupos etários: crianças, jovens, adultos e idosos. Procurando fomentar o desenvolvimento sociocultural da comunidade em geral, favorecer a inserção socioeconómica da população e promover uma maior abertura da comunidade. A zona de intervenção situa-se no Bairro da Ponte de Anta onde habitam cerca de três mil pessoas. Segundo documentos oficiais do Centro Comunitário, o bairro caracteriza-se por uma construção em altura verticalizada sendo composto por um conjunto de blocos em sequência, com carências ao nível de infraestruturas sociais e arquitetónicas. Apresenta, de acordo com os mesmos documentos, uma população heterogénea com diferentes culturas e modelos de vida, socialmente desenraizada, acentuado insucesso e abandono escolar, baixa qualificação profissional, elevada taxa de desemprego e trabalho precário; famílias monoparentais com baixos rendimentos, situações de pobreza extrema e difícil gestão dos recursos económicos e população idosa em situação de isolamento.

O que pude constatar durante o estágio é que apesar de o bairro ter boas condições habitacionais existem realmente alguns problemas nas suas infraestruturas, como por exemplo entrada de água para as caves e fissuras nos prédios, uma vez que desde a sua construção, na década de 80, ainda não existiu qualquer tipo de manutenção. Os edifícios em melhor estado sofreram obras, que foram os moradores que se reuniram e as realizaram. A responsabilidade destes défices é da Câmara Municipal de Espinho e do IRUH (Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana), uma vez que estes edifícios são propriedade destas entidades, existindo poucos apartamentos que foram comprados pelos habitantes, mas uma grande maioria de habitações são arrendadas a estas instituições.

O principal objetivo do CC é promover o desenvolvimento da comunidade local, nomeadamente a sua qualidade de vida, contribuindo para a criação de condições que possibilitem aos indivíduos o exercício pleno do seu direito de cidadania e apoiar as famílias no desempenho das suas funções e responsabilidades, reforçando a sua capacidade de integração e participação social.

Os objetivos específicos do Centro Comunitário são os de: possibilitar uma sintonia com a comunidade envolvente, para ter uma capacidade de resposta mais rápida aos problemas e a possibilidade de obter um feedback constante dos progressos que vão sendo alcançados à medida que o CC se desenvolve; Criar condições facilitadoras da frequência escolar, promovendo a reintegração no sistema educativo dos/as jovens em situação de abandono escolar, através da articulação tripartida: jovens, família e escola; possibilitar às crianças e jovens o acesso às aprendizagens básicas de relacionamento (convívio, cultura, desporto, lazer), essenciais para o crescimento saudável e harmonioso, permitindo atenuar a situação de exclusão em que vivem; proporcionar a integração socioeconómica das/os jovens através da sua inserção a médio prazo no mercado de trabalho; criar condições para a manutenção da situação profissional das famílias residentes no bairro, e favorecer a mudança de atitudes e de valores que regem a dinâmica familiar diária, proporcionando a aquisição de competências profissionais que permitam uma futura inserção no mercado de trabalho; fomentar a organização e participação da população na resolução de problemas comuns; capacitar a população para o exercício dos seus direitos e deveres de cidadania; apoiar a comunidade aos níveis escolar, de saúde, económico, profissional e habitacional, numa perspetiva de promoção da inserção social; e a criação de atividades no âmbito cultural e recreativo para ocupar os tempos livres dos idosos de forma a fomentar o combate ao isolamento, convívio e a melhoria da autoestima.⁵ O CC procura atingir estes objetivos através de diferentes valências, projetos e lógicas de intervenção.

As atividades que o Centro realiza e tem vindo a realizar ao longo de vários anos, vão-se modificando de acordo com os apoios e parcerias que têm disponíveis, como tal vou apresentar uma tabela com as atividades de que tive conhecimento a

⁵ Documento oficial do Centro Comunitário- “Projeto de Intervenção”, Anexo II

partir de documentos oficiais do CC e com as atividades que são realizadas agora no CC.

Tabela 3- Atividades disponíveis no CC

Atividades (Centro Comunitário, 2000)	Atividades (Atualmente)
Aeróbica	Aeróbica
Clube de Artes Decorativas	Clube de Artes Decorativas
Espaço Convívio	Espaço Convívio
Espaço Mediação	Espaço Mediação
Grupo de País	_____
Atelier de Modelismo	Atelier de Modelismo
Equipa de futebol masculino e feminino	_____
Dança	_____
Teatro	_____
Colónia de Férias	Colónia de Férias

Segundo a tabela acima é possível perceber que desde o ano 2000 até agora deixou de haver quatro atividades, o Grupo de Pais, as equipas de futebol, o teatro e a dança. Mas os técnicos pensam em retomar estas atividades porque dizem ser essenciais na comunidade.

A mediateca, que é o local de encontro e que proporciona momentos de brincadeiras e atividades entre todos, foi o primeiro local que comecei a frequentar e onde permaneci durante algum tempo, porque assim mais facilmente tive contacto com as crianças e com os jovens. O início do estágio coincidiu com a fase de preparação de materiais de natal para venda⁶, e, a partir daí, comecei a interagir mais com todos como irei retratar mais à frente. Apesar de não estar nas minhas previsões realizar este tipo de tarefas/funções, foram fulcrais do ponto de vista da minha

⁶ É uma das formas através das quais o CC vai procurando angariar fundos próprios

integração. Agora irei apresentar algumas imagens de objetos que fiz com as crianças e jovens e que estiveram disponíveis para venda.



Figura 1- Presépio feito com rolhas de cortiça



Figura 2- Anjos de Natal feitos com cartolina



Figura 3- Árvore de Natal feita com anjos e flores de papel



Figura 4- Suporte de Velas



Figura 5- Arranjo de Natal

Do ponto de vista normativo, os CC têm de obedecer a um conjunto de requisitos, como tal, seguindo a Direção-Geral de Ação Social, os centros comunitários deverão cumprir vários requisitos que de seguida irei abordar, fazendo um paralelo entre essas diretrizes e o que apurei no meu estágio no centro comunitário do Bairro da Ponte de Anta.

“O centro comunitário é uma estrutura polivalente onde se desenvolvem serviços e atividades que, de uma forma articulada, tendem a construir um polo de animação com vista à prevenção de problemas sociais e à definição de um projeto de desenvolvimento local, coletivamente assumido”. (DGAS, 2000)

O CC do Bairro da Ponte de Anta, assume o discurso oficial na forma como se define, pois é exatamente desta forma que nos documentos internos da instituição se apresenta. Ora, o objetivo central da criação de centros comunitários é,

“contribuir para a criação de condições que possibilitem aos indivíduos, o exercício pleno do seu direito de cidadania e apoiar famílias o desempenho das suas funções e responsabilidades,

reforçando a sua capacidade de integração e participação social”
(DGAS, 2000)

A criação dos centros comunitários advém da necessidade de se encontrarem respostas sociais polivalentes que requerem a intervenção do maior número de parceiros e a participação e o empenho dos próprios interessados num processo sistémico, gerador de recursos e de mudanças.

“O centro comunitário surge como uma estrutura, onde se desenvolvem acções tão diversificadas quanto as necessidades sentidas pela população, não sendo apenas somatório das atividades dirigidas a pessoas e grupos de diversas faixas etárias, mas uma modalidade integrada e global de responder aos problemas das pessoas e das famílias” (DGAS, 2000)

De acordo com a minha experiência, o centro cumpre com este requisito uma vez que procura trabalhar com toda a população, abrangendo as diversas faixas etárias e tentando combater os problemas para os quais a comunidade pede auxílio e parece desenvolver uma abordagem integrada na medida em que existe um trabalho em equipa entre instituições do concelho que proporciona uma intervenção alargada e integrada na sociedade.

“Nós tentamos sempre adaptar a nossa intervenção para toda a população, porque no início estava muito debruçado para crianças e jovens, mas em 1999 passámos a trabalhar com os idosos com um clube de artes.” (Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário)

A flexibilidade e o dinamismo que devem caracterizar o centro comunitário leva a conceber um modelo adaptável ao contexto sócio-económico onde se insere, sem perder de vista os princípios subjacentes a este tipo de resposta.

Segunda a DGAS, a conceção de um centro comunitário inscreve-se num modelo de resposta integrado, dinâmico e evolutivo assente em quatro pressupostos: conhecimento global da realidade; integração; parceria; e co-responsabilização.

O conhecimento global da realidade que é mencionado pela DGAS como uma das características desejáveis desta resposta social, refere-se ao diagnóstico que tem de ser realizado para ter conhecimento da realidade onde se está a intervir, porque é imprescindível saber as características sociais, demográficas, económicas, ambientais, culturais, bem como o levantamento de necessidades. Este diagnóstico permite, a

“construção e consolidação das parcerias e significa conhecer os recursos/potencialidades existentes, recensear os problemas/vulnerabilidades, interpretar as necessidades locais, para chegar a um plano de intervenção que tenha em conta a definição conjunta de prioridades e a consensualização sobre as estratégias a adotar” (DGAS, 2000).

Quanto à integração, não se refere à existência de uma rede de serviços como solução estática e acabada dos problemas, mas sim ao resultado da dinâmica das pessoas envolvidas, na determinação de mecanismos incentivadores e potenciadores do seu bem-estar. O modelo de integração indicado pela DGAS orienta para a

“prática de interação entre a população, técnicos, outros agentes, serviços públicos e instituições locais, para um processo participativo, estrategicamente planeado e avaliado e que favoreça o estabelecimento de formas dinâmicas de parceria, unindo esforços, saberes e recursos”

Para um processo global de desenvolvimento é necessário que os centros comunitários dinamizem ações junto das instituições do meio, para existir uma

articulação e integração dos parceiros locais, incluindo os que relevam do sector económico, trabalhando em conjunto para um projeto, impedindo uma intervenção descontextualizada:

“É importante não esquecer o papel desempenhado pelos parceiros económicos num processo de desenvolvimento local, uma vez que estes representam um setor de detém enormes potencialidades que concorrem para a coesão social, com ações preventivas nas comunidades onde estão inseridas” (DGAS 2000).

Num centro comunitário estas ajudas externas são fundamentais, havendo assim um envolvimento social das empresas e instituições na comunidade, sendo também parceiros ativos que contribuem para o desenvolvimento. É importante que as parcerias funcionem de uma forma simples, desburocratizadas, que facilitem o diálogo, a participação e a decisão, que sejam flexíveis na procura de soluções para a resolução dos problemas ou para a criação de novas respostas. Como ilustração de uma ajuda externa que foi, e é normalmente, concedida ao CC podemos referir a que resulta do apoio de uma empresa às iniciativas que o CC desenvolve na altura do Natal, em articulação com a participação dos próprios moradores do bairro,

“Estivemos também junto de um funcionário dos Castros (empresa de iluminação) a escolher iluminações de natal do ano anterior que vão ser reparados por senhores do bairro e montados no centro e no parque. Esta doação é feita todos os anos por esta empresa, dando também apoio na montagem dos enfeites, tendo em conta que há sítios de difícil acesso e com o material que eles têm é mais fácil e mais seguro” (Diário de Bordo X - dia 20 Novembro 2013).

Uma das parcerias que é fulcral para muitas das famílias que são apoiadas pelo Centro Comunitário, é a parceria com o Banco Alimentar, uma vez que permite

facultar algumas das condições básicas de vida, designadamente em casos de famílias com níveis de pobreza elevados.

A co-responsabilização, de acordo com a DGAS, refere-se à responsabilização coletiva da comunidade envolvida, dos parceiros e dos técnicos, fazendo apelo ao compromisso de todos os intervenientes no processo. Os centros comunitários podem contribuir decisivamente para a consciência pessoal e coletiva dos problemas e das potencialidades da comunidade em presença, para a ativação dos meios de respostas mais eficazes para resolução desses problemas, constituindo um espaço privilegiado de inovação.

Para finalizar, os centros comunitários, segundo a DGAS, devem ter uma inserção, quer no meio urbano, quer no meio rural, de preferência num local central; terem um acesso fácil e obedecer a regras de salubridade e seguranças definidas e comprovadas pelas entidades competentes. Esta componente também está bem presente no centro comunitário onde estagiei, uma vez que se localiza mesmo no centro do bairro, tendo também afixado todos os certificados de higiene e segurança, dos bombeiros (acessos) entre outras entidades.

Após esta perspetiva mais normativa e institucional em relação aos Centros Comunitários, é igualmente importante perceber no que consiste o desenvolvimento potenciado pelos Centros Comunitários, ou seja, o Desenvolvimento Comunitário, isto admitindo que o CC é um dos meios encontrados para intervir e promover dinâmicas de desenvolvimento no contexto do Bairro da Ponte de Anta.

Segundo Montenegro (1997) o desenvolvimento comunitário tem como principais estratégias os esforços públicos e os esforços das próprias comunidades, incluindo os diversos grupos, organizações e líderes. Ou seja,

“Devem-se aproveitar e estimular as tomadas de consciência dos problemas e das responsabilidades, as capacidades de iniciativa, de adesão e participação das populações mesmo ao nível de uma localidade, de um bairro”. Devem-se coordenar os meios (recursos exógenos e endógenos) que visam a promoção global de uma

comunidade, integrando-os num projeto de desenvolvimento equilibrado e integrado, a nível económico-social e cultural, através de concertações e negociações permanentes entre as diversas perspetivas e poderes em presença” (Montenegro, 1997:37)

Com o estágio foi possível constatar que existe de facto uma atribuição de responsabilidade e um incentivo à autonomia e proactividade da comunidade do bairro. Havendo assim um trabalho de parcerias que contribui para o bem comum da comunidade e do projeto que é o Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta. Como por exemplo,

“Quando chegamos ao centro estava a D, que é uma senhora que vive no bairro, estava à nossa espera devido às golas feitas em lã que são vendidas pelo centro nesta época natalícia, ou seja, hoje de manhã foi ter connosco para escolhermos as lãs para fazer as peças para venda no natal, isto porque o centro para além das vendas feitas através da internet, provavelmente vai participar numa feira de solidariedade organizada pela câmara municipal.” (Diários de Bordo VII - dia 11 Novembro 2013)

O Desenvolvimento Comunitário implica definir uma comunidade, um território, uma população sobre o qual se projeta um compromisso de crescimento. De acordo com Garbó & Catalá (1991, in Montenegro, 1997) podem-se distinguir quatro perspetivas a partir das quais a comunidade é definida, mas na verdade é na sua conjugação que mais nos aproximamos do sentido de comunidade:

- ✓ Perspetiva geográfica, o território é um espaço físico com uma área de extensão determinada;
- ✓ Perspetiva ecológica, o território é a realidade espacial com a qual se interrelaciona o ser humano;
- ✓ Na perspetiva antropológica, o território é um espaço social e cultural necessário onde decorre toda a relação humana;

- ✓ Na perspectiva sócio cultural, o território é uma entidade espacial, onde têm lugar as relações sócio culturais de um grupo e/ou comunidade.

Ou seja, a comunidade insere-se num espaço e num território com a sua multiplicidade e globalidade de relações que nela se mantêm, isto é, com a sua complexidade. Um território cultural pode ser definido a vários níveis, tal como refere Montenegro (1997): a nível habitat-bairro; a nível local- aldeia ou cidade; a nível regional. A autora expõe várias formas de avaliar um bairro, ou seja, pode-se recorrer a vários aspetos, tais como: a vida quotidiana, onde se pode perceber a complexidade dos modos de vida e das relações sociais; as interações da vida do bairro, da qual podem emergir problemas comuns; a identificação dos elementos do bairro, onde se pode perceber quais são os grupos de referência e as culturas que os une, isto é, pode identificar-se uma identidade cultural.

Neste processo de avaliação destes vários aspetos que acabei de mencionar, o CC tem um papel fundamental, uma vez que para além de estar inserido no bairro, tem um conhecimento profundo do que se passa no bairro, muito devido ao apoio que é prestado às várias famílias. Com efeito, este apoio é necessário para ter um conhecimento alargado do historial das famílias, e como uma grande maioria das famílias tem apoio do CC, existe assim um conhecimento alargado. Para além disso, existe também um trabalho de campo por parte dos técnicos que faz com que certos aspetos que não são abordados nos apoios, possam ser visíveis com visitas domiciliárias, com o apoio de voluntários, com o contacto permanente com as escolas e câmara municipal.

Da mesma forma que se podem encontrar diferentes perspetivas a partir das quais se define a comunidade como contexto de intervenção, segundo Regovas-Chauveau & Chauveau (1993, in Montenegro, 1997) também é possível distinguir diferentes lógicas de intervenção para o desenvolvimento comunitário. Partindo do pressuposto que esta intervenção se faz essencialmente a partir de um trabalho de animação, os autores identificam diferentes modos de entender a intervenção com consequências nas formas como se entende a comunidade, os seus problemas e os seus membros, como se entende o que deve ser a intervenção e como se entendem as finalidades desejáveis de uma intervenção para o desenvolvimento comunitário. No

quadro referenciado por Montenegro (1997:40) podemos encontrar a explicitação dessas diversas abordagens de intervenção na ótica da animação (sendo que a perspectiva de Rogovas-Chauveau & Chauveau essa intervenção é pensada essencialmente como dirigida a crianças e jovens):

Tabela 4- Perspetivas sobre a intervenção no desenvolvimento comunitário numa perspectiva da animação

Perspetiva de Rogovas-Chauveau & Chauveau	Perspetiva de Besnard
1- Lógica Patologizante – Não vê senão as deficiências, as carências dos alunos, dos habitantes dos bairros frágeis...;	1 – Função Ortopédica – Preconiza-se a intervenção social em relação aos handicaps socioculturais de um corpo social doente;
2- Lógica Higiénica – Considera as crianças das zonas de educação prioritária como sofrendo de insuficiências fisiológicas: falta de sono, fadiga, má nutrição, agressividade, instabilidade e privilegia medidas sanitárias como pré-requisitos ao ensino. Nos adolescentes privilegia-se o combate aos perigos da droga;	2 – Função de Socialização – Defende-se a adaptação e integração, visando melhorar o ambiente social, construindo clubes, ateliers, centros sociais para jovens. Procura uma melhor consciência para o tecido social;
3- Lógica Lúdica – Interessa-se pela escola do fazer, propondo animação e divertimentos, clubes, ateliers de expressão, festas, passeios, espetáculos. Defende que se deve dar menos atividades intelectuais para lutar contra o insucesso escolar e mais atividades socioculturais.	3 – Função Lúdica e Recreativa - Preconiza-se a recreologia e o lazer para ocupar os tempos livres dessas populações, casas de jovens, cinemas, organismos juvenis, etc;
4- Lógica Populista – Exalta a cultura de origem da periferia, as suas especialidades culturais, valorizando certas práticas extra-escolar. Contribuem para acentuar a divisão entre a cultura escolar e o fenómeno gueto.	4 – Função Educativa e Cultural – O desenvolvimento cultural parte do princípio que a escola paralela deve completar a formação escolar fazendo emergir uma contracultura de escola;
5- Lógica de Excelência – Centra-se nos saberes intelectuais a adquirir e nas condições de trabalho a melhorar. Procura a inteligência como a melhor pedagogia e da tecnologia educativa implicando uma lógica de parceria. Procura conciliar os saberes e a inovação, a qualidade e a inovação, a	5- Função Inovadora – Defende o estabelecimento da animação cultural e de um modo de vida que procure tentativas culturais múltiplas numa busca permanente de relações a estabelecer entre os indivíduos e os grupos, levando à criação de um novo modo de vida, mais qualitativo permitindo o questionamento e a constatação de certos

excelência e a inovação, tornando-se uma zona de excelência pedagógica.	imperativos dominantes como o produtivismo, a procura do dinheiro, a passividade, a alienação. Esta função exerce-se em particular em relação à escola renovando as conceções e os métodos pedagógicos utilizados para educação, quer das crianças, quer dos adultos.
---	---

Após a análise deste quadro, as últimas lógicas apresentadas (Lógica de excelência e a Lógica de função inovadora) são, em minha opinião, as perspectivas de intervenção que, articulando-se mais proximamente com os princípios do desenvolvimento comunitário, conseguem em certa medida apresentar uma solução mais completa para o desenvolvimento das próprias pessoas, ou seja, dão importância à pedagogia, procurando trabalhar os saberes de cada um levando a uma evolução pessoal. E ainda mais importante é o facto de estas lógicas darem realce à inovação, percebendo que a animação vai mais além de atividades para “animar” ou de ocupação de tempos, mas envolve igualmente momentos de aprendizagem e de desenvolvimento de capacidades críticas.

No próximo quadro irei fazer um apanhado e evolução que o CC teve. Esta síntese será baseada em tudo o que foi referido até agora e na minha experiência de estágio.

Tabela 5 - Tabela síntese do percurso do CC do BPA

Centro Comunitário, enquanto projeto “Construir” (1996)		Centro Comunitário (Atualmente)
Infraestruturas	Sala Pequena na escola primária situada no BPA;	Instalações em vários blocos do bairro com condições para receber e realizar atividades com a comunidade, num total de quatro espaços diferenciados;
Público-alvo das acções	Principalmente Crianças e Jovens;	Toda a Comunidade;
Comunidade envolvida/com relação com o CC	Principalmente as crianças e jovens, uma vez que o CC inicialmente estava situado dentro da escola primária que fica dentro do BPA, havendo assim	Aumentou exponencialmente, uma vez que o CC está aberto a toda a comunidade (crianças, jovens, adultos e idosos), porque existem

	atividades mais direcionadas para este público.	variados apoios e atividades que abrangem toda a comunidade.
Modelo de Intervenção	Modelo Assistencialista e prestacionista ⁷	Modelo de Intervenção Heterogéneo

Consideramos o modelo atual de Intervenção Heterogéneo, porque conforme as atividades e apoios técnicos que são dinamizados pelo CC, faz com que a intervenção seja alargada e não se enquadre apenas numa das perspetivas que foram referidas anteriormente, porque o Centro diferentes lógicas de intervenção, quer seja por um lado uma intervenção prestacionista, como por outro uma intervenção de animação. No próximo subcapítulo, serão visíveis as várias formas de intervenção que o CC disponibiliza.

A intervenção do Centro Comunitário

Nos documentos de apresentação oficial do CC, é-nos referido que a intervenção se desenvolve a partir do que identificam como um modelo holístico apoiado nos domínios definidos pelo modelo de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde: físico, psicológico, relações sociais e ambiental. Na sequência, os documentos invocam a Organização Mundial de Saúde quando esta define Qualidade de Vida como a

“perceção do indivíduo sobre a sua posição na vida, dentro do contexto dos sistemas de cultura e valores nos quais está inserido e em relação aos seus objetivos, expetativas, padrões e preocupações”

⁸(Whoqol Group, 1994).

⁷ Manuel Matos (2004) refere-se a um modelo de assistencialista e prestacionista para caraterizar uma intervenção essencialmente marcada quer por uma lógica de prestação de serviços definida exteriormente aos contextos de intervenção e por uma definição deficitária dos sujeitos e que os coloca exclusivamente no papel de “assistidos”, lógica que identificamos num primeiro momento da existência do CC uma vez que a sua ação se limitava a prestar assistência às famílias carenciadas assegurando as necessidades básicas das mesmas.

⁸ Informação retirada: <http://www.ufrgs.br/psiquiatria/psiq/whoqol1.html#1>

Trata-se de um conceito alargado, influenciado de forma complexa pela saúde física, estado psicológico, nível de independência, relações sociais, crenças pessoais e relações com o meio envolvente. É de salientar que os indivíduos têm um papel importante, uma vez que um dos princípios do modelo de intervenção é dar relevância a decisões/opiniões dos sujeitos, uma vez que se pronunciam sobre o que vão fazer e como podem fazer para resolver os seus problemas nos seus diferentes níveis. A autodeterminação, enquanto qualidade de comportamento, é o objetivo central para toda a intervenção do CC. Esta postura que o CC pretende que a comunidade possua, faz com que sejam ouvidos e tenham uma palavra a dizer no que toca às decisões das atividades, na participação em dinâmicas do Centro e no próprio desenvolvimento do bairro. Existe, por exemplo, um “*Correio de Sugestões*” onde os jovens e crianças colocam ideias para novos materiais, jogos e atividades. No que toca à população mais adulta e idosa existem voluntárias que vivem no bairro e participam na organização de ateliês e projetos dinamizados pelo centro. A comunidade também tem iniciativas e ideias que comunicam aos técnicos do Centro que estes, e no caso de ser possível, colocam em prática.

Esta resposta social constitui um importante e quase único recurso local, que possibilita o acompanhamento da população do bairro e disponibiliza às famílias um apoio efetivo que lhes proporciona o encaminhamento para formações profissionais e um contacto directo com ofertas de emprego na área de formação de cada indivíduo. É um equipamento comunitário e de fácil acesso onde se privilegia o contato direto. Disponibiliza acompanhamento social e psicológico, faculta apoio escolar, proporciona atividades culturais, desportivas e recreativas. Tem uma mediateca onde se encontra uma grande variedade de recursos, jogos, brinquedos, livros, novas tecnologias e uma grande variedade de modos de ocupação de tempos livres⁹.

No CC, a comunidade pode encontrar espaços de apoio, intervenções focalizadas na família, intervenções focalizadas no indivíduo e intervenções

⁹Informação retirada: <http://www.cerciespinho.org.pt/index.php/2012-04-02-17-10-01/centro-comunitario-da-ponte-de-anta>

articuladas entre as famílias e as escolas ou entre as crianças, escola e família. Com os espaços de apoio abertos à comunidade fornece-se um conjunto de atividades que pretendem criar oportunidades de enriquecimento pessoal e social, direcionadas aos três grupos etários: crianças/jovens, adultos e idosos.

As intervenções focalizadas na família consistem na operacionalização de serviços para família, sendo a família vista como um todo, procurando-se articular respostas, encaminhamentos e atividades que favoreçam o desenvolvimento harmonioso da família.

As intervenções focalizadas no indivíduo incluem todos os serviços e atividades projetadas a partir das necessidades específicas dos indivíduos, criando oportunidades de desenvolvimento em diferentes áreas do mesmo: cognitivo, afetiva, social, escolar e profissional. Tendo como principal intervenção nesta área o gabinete de atendimento psicossocial, em que a psicóloga trabalha individualmente e também com famílias.

Existe assim uma intervenção, por um lado, individual, e, por outro lado, em grupo, nomeadamente grupos familiares, e ainda uma intervenção simultaneamente individual e em grupo.

A intervenção maioritariamente centrada nos agregados familiares é a que decorre das atividades do: Gabinete de Apoio Integrado (GAI), Grupo de Pais, Banco de Ajudas Técnicas, Banco Alimentar e Recursos. Existe apenas uma atividade de intervenção individual que resulta da ação do Gabinete de Apoio Psicossocial (GAP). As restantes atividades desenvolvidas pelo CC envolvem grupos, normalmente homogêneos em termos etários - Sala de Apoio ao Estudo, Higiene e Saúde Oral, Clube de Artes Decorativas, Grupo de Mediação, Colónias de férias, Atelier de Modelismo, Mediateca e Espaço Internet, Atividades Socioculturais, Aeróbica, Espaço Convívio e Idosos e C^a. Estas atividades são na sua essência de frequência livre. Podem, no entanto, existir situações, por exigência das entidades reguladoras, em que as pessoas são obrigadas à participação, sendo providenciado o respetivo acompanhamento, como por exemplo no caso do cumprimento de serviço comunitário, ou acompanhamento psicológico decretado por ordem dos tribunais.

O banco de alimentos e recursos são atividades transversais a várias organizações, sendo geridos por outras entidades, mas em que o Centro Comunitário tem o papel de intermediário e/ou de distribuição. Nestas distribuições há a partilha de alimentação, vestuário, mobília, entre outros bens. Outra das funções que o CC tem em relação a estas atividades é o facto de fazerem um controlo e uma prestação de informações no que toca a quantidades distribuídas e a quem foi atribuído.¹⁰

Quanto às metodologias e estratégias utilizadas pelo CC no trabalho que fazem com a população do bairro, estas consistem em: trabalho em equipa, no planeamento, intervenção reformulação e avaliação; proximidade e presença do CC no bairro; participação da população na definição das atividades e posterior divulgação; intervenção individualizada; trabalhos de grupo; cooperação entre serviços e estruturas que desenvolvem uma ação a nível local; execução de tarefas com utilidade e visibilidade na comunidade; desenvolvimento de atividades específicas para todas as faixas etárias; valorização das regras básicas de civismo, socialização e higiene; desenvolvimento de autonomia e da responsabilização; diálogo direto com os intervenientes e suas famílias; aposta nas novas tecnologias; e estabelecimento de relações de confiança e de respeito mútuo.¹¹

A avaliação do CC é feita através da comunidade com uma avaliação diagnóstica realizada pelos usuários sobre os serviços sociais que o CC oferece. A avaliação é realizada através de um questionário tipo, que é aplicado pelos vários técnicos do centro, consoante as pessoas que vão atendendo até atingir os 100 inquéritos (número de pessoas a que foi estipulado passar o inquérito para a avaliação de 2013), ou seja, são estipulados mais ou menos 20 inquéritos a cada técnico e, assim, o inquérito passa pelas diferentes faixas etárias e atividades do CC. Depois dos inquéritos serem realizados um dos técnicos é que fica responsável pelo tratamento e realização do relatório, mas no fim todos têm acesso aos dados e ao relatório. A avaliação é também feita através da monitorização contínua dos Planos de Intervenção e avaliação anual ou sempre que seja reconhecida como pertinente.

¹⁰ Documento oficial do Centro Comunitário – “Projecto de Intervenção”, Anexo II

¹¹ Documento oficial do Centro Comunitário – “Projecto de Intervenção”, Anexo II

Anualmente, é realizado o plano de atividades e o relatório de atividades, havendo uma preocupação do CC em cumprir com esse plano e posteriormente serem avaliados nessa vertente para constatar se cumpriram todas as metas a que se propuseram aquando da elaboração do plano de atividades. A avaliação torna-se assim um meio de controlo na verificação do cumprimento dos objetivos do CC.

No CC a avaliação é feita de forma interna ou seja

“ é desencadeada pelo respectivo órgão de direcção, ainda que influenciado, quer pelo contexto mais próximo (pressão de profissionais que interagem com a instituição), quer movido pela conjuntura mais ampla existente.” (Terrasêca, 2006:20).

No que respeita às finalidades, e segundo Terrasêca (2006), à avaliação interna são imputadas metas que permitem apreciar o modo como vão sendo desenvolvidas as ações, compreender aprofundadamente a realidade, melhorar o funcionamento da instituição, conhecer a sua eficácia, apreender modos de a otimizar, ser uma instância de mediação, quer para o seu interior, quer externamente. No CC, avaliação é feita com estas finalidades, uma vez que o foco de análise é perceber se têm ou não de melhorar o funcionamento do CC, perceber como a comunidade vê o CC, ou seja, compreender a eficácia de intervenção na comunidade a partir da aferição da satisfação manifestada pelos seus utentes. Esta lógica é possível de apreender, por exemplo, através do tipo de análise que o relatório de Avaliação de 2013 do CC apresenta, a partir da qual nos foi possível perceber esta predominância de uma avaliação de satisfação:

“Da análise, podemos dizer que existe um total de 66,1% de clientes que apresentam um grau de totalmente satisfeito, um total de 20,4% que estão no grau de muito satisfeito e um total de 7,3 no grau de satisfeito. O que mostra um grau muito positivo de satisfação dos clientes do centro comunitário, sendo que a satisfação global atinge 93,8% dos inquiridos.” (Relatório de Avaliação do CC relativo ao ano de 2013)

Ou seja, de uma forma muito geral é possível perceber que a comunidade está de facto satisfeita com a intervenção do Centro, devendo realçar-se que os parâmetros que foram avaliados foram: as instalações, a fiabilidade, a capacidade de resposta, a confiança e segurança e, por fim, a empatia.

Para que sejam possíveis resultados tão positivos na avaliação do CC são necessárias ajudas externas. Como tal, na intervenção do Centro Comunitário existem parcerias que têm um papel fundamental para o bom e completo funcionamento do CC, proporcionando materiais, atividades, iniciativas que só com um trabalho de rede é possível.

Segundo Ornelas & Moniz (2007:153)

“As parcerias comunitárias são uma forma de promover respostas coordenadas para problemas sociais complexos (Chavis, 1995; Roussos & Fawcett, 2000) e são um espaço de participação cívica e um tipo de estrutura aceite pelos que agem para construir comunidades mais saudáveis.”

As parcerias devem ser sustentáveis por um período de tempo relativamente longo, para poderem intervir na comunidade, uma vez que deverão promover um “trabalho colaborativo” na partilha de recursos e na coordenação de serviços para atingir determinados resultados.

Deste modo, as parcerias comunitárias assumem

“uma forte ênfase na organização comunitária, no desenvolvimento de líderes cívicos e no aumento do controlo e poder dos(as) que são direta ou indiretamente afetados pelas atividades da parceria (Himmelman, 2001 in Ornelas & Moniz, 2007:153)

Segundo estes autores as parcerias são mais eficazes se apresentarem um conjunto de características específicas: serem abrangentes, flexíveis e orientadas para respostas concretas, promotoras da ligação à comunidade e apostarem no desenvolvimento do *empowerment* comunitário. Os autores consideram que a parceria

é uma organização de organizações que se conjugam para um propósito comum, havendo assim quatro estratégias que facilitam o bom funcionamento e contribuem para o aprofundamento do trabalho em parceria:

- ✓ **Trabalho de rede** – troca de informação para benefício mútuo, partilha de recursos para benefício mútuo e construção de um propósito comum.
- ✓ **Coordenação** – Alterações de atividades ou procedimentos para um propósito comum e partilha de recursos e a vontade de aumentar a capacidade dos parceiros para benefício comum.
- ✓ **Cooperação** – Aprofundamento e a alteração de atividades que requeiram a mudança de processos organizacionais que são, por natureza, complexos, implicando a construção de acordos com vista à obtenção de maiores benefícios decorrentes da ação mútua.
- ✓ **Colaboração** – Partilha de recursos com vista a aumentar a capacidade dos parceiros para benefício mútuo e propósito comum, bem como a partilha de conteúdos e dos resultados e/ou impactos da ação conjunta.

O processo de estabelecimento de parcerias exige algum esforço para conseguir alcançar todos os requisitos que têm de ser cumpridos, como tal existem etapas para que uma parceria seja estabelecida. Como refere Montenegro (1997), segue-se as seguintes etapas:

- ✓ Passar da situação de conflitualidade e competitividade para uma situação de harmonização. Exige a identificação e reconhecimento, pelas partes envolvidas, de objetivos comuns;
- ✓ Aproveitar a situação de harmonização entre as partes para, através do reforço das práticas concertadas e a negociação, evoluir-se no sentido do estabelecimento de quadros de cooperação. Exige sentido de co-responsabilidade entre as instituições envolvidas;
- ✓ Aproveitar as relações de cooperação para desembocar numa real coordenação entre as atividades de cada uma das partes com vista à resolução de problemas comuns e aproveitamento de potencialidades. Pode dar lugar a novas modalidades organizacionais.

Finalizando, para estabelecer este tipo de rede de comunicação e cooperação, que é um dos objetivos da intervenção comunitária, segundo Rui Azevedo (1993, in Montenegro, 1997), pode-se dizer que o conceito de parcerias se divide em dois tipos, não necessariamente contraditórios.

- ✓ **A parceria Horizontal** - consiste em entidades de estatuto público ou privado representativas de diferentes sectores e interesses de base local que se juntam com vista à resolução de problemas ou do aproveitamento de potencialidades comuns. No caso concreto do CC, pode-se dar o exemplo do Centro Social de Paramos.
- ✓ **A parceria Vertical** – consiste em instituições locais, regionais e centrais, de estatuto público ou privado que se juntam, normalmente, para dar corpo a alguma intervenção concreta em favor do desenvolvimento da zona, que exija a participação de diferentes níveis de poder, como por exemplo, a Câmara Municipal de Espinho.

Assim, pode-se concluir que estabelecer parcerias é fundamental para que a intervenção de instituições como o CC seja bem-sucedida e consiga atingir vários dos seus objetivos, uma vez que este tipo de apoios proporciona um desenvolvimento mais acelerado e eficaz, porque faculta recursos que o CC trabalhando isoladamente nunca teria capacidade para adquirir.

Capítulo III – O Percurso de estágio

O percurso de estágio no Centro Comunitário: da observação à autonomia

Metodologias utilizadas no estágio

A metodologia corresponde a um programa que irá regular uma sequência de operações a executar, com o objetivo de alcançar um determinado resultado, seja na intervenção, seja na investigação. Nas Ciências Sociais, a metodologia corresponde a um conjunto de regras de como a pesquisa deve ser abordada, ou seja, relaciona-se com determinados procedimentos de forma a tornar o conhecimento válido e aceite pela comunidade científica.

É pertinente esclarecer algumas questões relacionadas com a metodologia, principalmente perceber “como se faz ciência?” e “para que queremos a ciência?”, são estas duas questões que representam a primeira e a segunda ruptura. Segundo Boaventura Sousa Santos (in Nunes, R. 2005), a primeira ruptura que corresponde à primeira questão, permite a ruptura com o senso comum; enquanto a segunda pergunta corresponde à segunda ruptura, que possibilita a distinção entre ciência e senso comum. A primeira ruptura permite a emergência da segunda, uma vez que a primeira torna possível a teoria crítica, a segunda torna possível que a crítica seja prática. A segunda ruptura

“é a ruptura de um conhecimento hermético. Ver se é possível realmente descodificar esse conhecimento hermético e privilegiado, numa forma de conhecimento que possa contribuir para a construção de cidadanias mais ativas, de formas mais inclusivas de democracia e, portanto, de participação” (Santos, in Nunes, R. 2005:57)

Num estágio há que ter sempre em conta que não estamos só perante momentos de investigação, nem só perante momentos de intervenção, ou seja, estas duas abordagens são realizadas em simultâneo, havendo assim momentos de investigação

e de ação. O que irei explicitar mais à frente são as fases pelos quais a minha investigação e ação passaram.

O método que utilizei durante o estágio foi a observação participante, tendo como estratégias de registo/recolha de dados a entrevista semi-estruturada e os diários de bordo.

No estágio, no caso de o investigador ser um observador e participante, alguns autores (Yin, 1994:88; Merriam, 1995:11), alertam para os riscos dessa condição, mas também para as excelentes oportunidades que esse papel pode proporcionar. O diário de bordo representa, não só, uma fonte importante de dados, mas também pode apoiar o investigador a acompanhar o desenvolvimento do estudo. Bogdan e Biklen (1994:151) referem que

“acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados”.

A observação participante foi um método utilizado ao longo de todo o estágio e o que de certa forma é o mais importante, porque permite a escrita das notas de terreno e todas as reflexões que fui fazendo, como tal, na observação participante é o próprio investigador o instrumento principal de observação. Integra-se no meio a investigar, e tem o papel de ator social podendo assim ter acesso às perspetivas de outros seres humanos ao viver os mesmos problemas e as mesmas situações que eles.

Assim, e de acordo com Bogdan & Biklen (1994), a participação tem por objetivo recolher dados (sobre ações, opiniões ou perspetivas) aos quais um observador exterior não teria acesso. A observação participante é uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que pretende compreender, num meio social, um fenómeno que lhe é exterior e que lhe vai permitir integrar-se nas atividades/vivências das pessoas que nele vivem.

A este propósito Bogdan & Biklen (1994) referem que

“Os investigadores qualitativos tentam interagir com os seus sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora. (...) Como os investigadores qualitativos estão interessados no modo como as pessoas normalmente se comportam e pensam nos seus ambientes naturais, tentam agir de modo a que as actividades que ocorrem na sua presença não difiram significativamente daquilo que se passa na sua ausência” (Bogdan & Biklen, 1994:68).

Como tal, é necessário uma estratégia para registar tudo o que se observa, logo, o diário de bordo constituiu um dos principais instrumentos durante o estágio. Segundo Bogdan e Biklen (1994) este é utilizado para registar as notas de campo. O diário de bordo tem como objetivo ser um instrumento em que o investigador vai registando as notas retiradas das suas observações no campo. Bogdan e Bilken (1994:150) referem que essas notas são

“ o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo ”.

Depois de ter tudo registado é necessário realizar a análise de conteúdo. A que fiz irá se debruçar sobre os diários de Bordo e as entrevistas. Vou adotar uma abordagem interpretativa, uma vez que pretendo analisar o conteúdo de uma forma qualitativa para compreender o quotidiano do CC e as suas formas de intervir na população. A análise inicia-se com a leitura flutuante dos diários de bordo e das entrevistas focada no objeto de estudo, depois passa-se à criação de categorias de análise: as categorias emergentes (identificação de temas de análise, ou tópicos), seguidamente definem-se as categorias (categorias abertas) e, por fim, procura-se encontrar conexões entre as categorias. Estes procedimentos da análise de conteúdo foram realizados com estas duas estratégias.

Agora irei explicitar as categorias que utilizei na análise dos diários de bordo e posteriormente farei o mesmo para a entrevista.

Tabela 6- Resumo da categorização dos diários de Bordo

Categoria	Sub-Categoria
Percurso na Instituição	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O primeiro contacto com a instituição ✓ Fase de negociação ✓ Observação ✓ Integração ✓ Papeis desempenhados na instituição
O Bairro	
O Centro Comunitário	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Descrição do Espaço ✓ Equipa técnica ✓ Organização ✓ Gênese
Lógicas de Intervenção	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Mediação ✓ Atividades ✓ Animação ✓ Informação ✓ Apoios Técnicos ✓ Apoio Escolar ✓ Satisfação de necessidades básicas da comunidade
Parcerias	
Público-alvo	
Relações Interpessoais	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Entre as crianças e jovens ✓ Entre a comunidade e os técnicos ✓ Entre os técnicos
Relação Centro-Comunidade (vice-versa)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Relação do Centro com a comunidade ✓ Relação da Comunidade com o Centro

Como complemento ao material que já tinha, resolvi realizar uma entrevista ao coordenador do Centro Comunitário para completar informações que necessitava de aprofundar.

A entrevista percebe a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências já que ela

“ é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo ” (Bogdan e Biklen, 1994:134).

A entrevista semi-estruturada tem como objetivos obter informação geral sobre tópicos específicos, obter novas entradas sobre determinados tópicos, alcançar opiniões sobre um tópico específico, compreender o ponto de vista da pessoa entrevistada. As vantagens hipotéticas deste método são que as entrevistas semi-

estruturadas são pouco intrusivas, têm um elevado grau de flexibilidade, fornecem respostas e os motivos das mesmas, possibilitam à pessoa entrevistada fazer questões e, por fim, proporcionam a integração de novas questões a partir das respostas dadas pelo/a entrevistado/a. Por outro lado, a qualidade da entrevista depende das competências do/a entrevistador, o/a entrevistado/a pode responder de acordo com as expectativas do/a entrevistador, é um processo demorado e não existe forma de saber se as respostas são verdadeiras¹².

As entrevistas possibilitam uma diversidade de questões e respostas, obtendo uma maior eficácia na recolha de informação, porque o facto de haver uma interação direta e uma reformulação constante do entrevistador, permite que durante a entrevista se aprofunde o que realmente se quer saber. Normalmente, as entrevistas são feitas a partir da recolha oral da informação, que em muitos casos se pode iniciar com uma simples conversa. No meu contexto foi o que aconteceu, isto porque, já conhecia o entrevistado e a entrevista ocorreu num momento em que estávamos os dois disponíveis, não se tornando imposto e/ou forçado¹³.

A entrevista enquanto método qualitativo permite conhecer a vida social para além do que aparentemente é manifestado e exige que o investigador estabeleça uma relação com o/a entrevistado/a. Durante o estágio o que aconteceu foi mesmo isto que acabei de referir, uma vez que apesar de tudo o que já tinha observado, depois de realizar a entrevista consolidei algumas das minhas reflexões e passei a poder fundamentá-las com um testemunho. Esta entrevista foi possível e foi bem-sucedida também devido ao facto de ter uma relação confortável com o coordenador.

Ao contrário do questionário, as entrevistas semi-estruturadas são organizadas a partir de tópicos; os tópicos são apenas orientadores e muitas das questões são criadas apenas durante o decorrer da entrevista; o conjunto final de questões pode não ser o mesmo para todas as pessoas entrevistadas.

As questões que foram colocadas na entrevista são as seguintes: Como surgiu a ideia de criar um Centro Comunitário no Bairro da Ponte de Anta? Como foi o

¹² Materiais de aulas Sociologia da Educação II

¹³ Materiais de aulas Sociologia da Educação II

processo de “passar da ideia à concretização do mesmo”?; Como foram os primeiros tempos do Centro Comunitário? (ao nível de infraestruturas, clientes e económicos, mas também do tipo de atividades que começaram por desenvolver); Que transformações têm sido sensíveis e visíveis desde o início do funcionamento do Centro Comunitário (no centro e na comunidade envolvente)?; Que relação procura estabelecer o Centro com a comunidade onde está inserido? O que pensa que representa o Centro para as pessoas que o procuram? Como gostaria que o Centro fosse entendido e visto pelas pessoas da comunidade?; Neste momento, que perspetivas existem para o futuro do Centro Comunitário? Como tal, a partir destas questões o meu objetivo era recolher toda a informação que necessitava e para fazer a análise à entrevista foi necessário organizar as informações recolhidas por categorias temáticas como já referi e como se apresenta na tabela abaixo:

Tabela 7- Resumo Categorização da Entrevista

Categoria	Sub-categoria
Percurso da Instituição	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Génese ✓ Constituição do Centro Comunitário ✓ Programas Europeus
Lógicas da Instituição	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Informação ✓ Mediação ✓ Animação ✓ Apoios técnicos ✓ Apoio Escolar
Infraestruturas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inicialmente ✓ Atualmente
Estereótipo do Bairro	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Diferentes representações do Bairro
Transformações na Comunidade	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Mudanças visíveis e sensíveis na comunidade
Relação do Centro Comunitário e Comunidade (vice-versa)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Relação do Centro com a comunidade ✓ Relação da Comunidade com o Centro
Representação do Centro Comunitário	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Como a comunidade vê o CCFuturo do CC

Até agora fui referindo as técnicas de investigação que fui utilizando ao longo do estágio, como tal, a intervenção não poderá deixar de ser mencionada uma vez que o estágio foi um processo de investigação e de acção como já referi. A intervenção passou por duas fases, ou seja, por um momento muito ligado à lógica de animação, fazendo atividades com as crianças e jovens, que me permitiu a integração e o conhecimento das pessoas com quem o CC trabalha; num segundo momento no

Espaço Mediação, onde intervim como Mediadora, estando assim mais direcionada para o meu foco de intervenção. Posteriormente irei especificar mais estas atividades.

Relato da trajetória do estágio

No percurso de estágio houve uma primeira fase marcada pela negociação, que apesar de decorrer durante toda a minha presença no CC, numa fase inicial estive mais presente e foi uma ação fulcral para o restante percurso. No meu caso a negociação permitiu-me estabelecer certos parâmetros com o Centro Comunitário, ou seja, estabelecer horários e o tempo de estágio, e também dar a perceber ao Coordenador qual seria o meu papel, ou seja, inserir-me nas rotinas do Centro e perceber como o Centro contribui nas dinâmicas de desenvolvimento do Bairro.

O meu primeiro contacto com a instituição não foi diretamente no Centro Comunitário, mas sim na sede, Cerciespinho, com a diretora.

“Neste dia aconteceu a primeira abordagem à Cerciespinho, uma vez que me dirigi ao local para saber se era possível realizar o estágio curricular, tendo em conta que esta instituição tem um trabalho muito importante no que diz respeito à inserção social de pessoas com deficiências, o que contribui assim para o desenvolvimento local, que sempre foi a temática que eu quis trabalhar. Assim sendo, a diretora da CERCI, Dr.ª RC, recebeu-me e perguntou qual era a minha área e o que eu queria abordar como tema de tese ou estágio e eu expliquei, foi então que ela falou do centro comunitário do bairro da ponte de anta que pertence à CERCI, dizendo que na opinião dela seria o melhor local para estagiar, uma vez que ali teria acesso a todos os recursos que necessito para trabalhar o meu tema.” (Diário de Bordo I – dia 16 de Outubro de 2013)

Foi assim, a partir desta pequena reunião, que tive conhecimento do Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta e que ficou combinada a minha primeira visita ao Centro para me reunir com o Coordenador do Centro, para acertar os últimos pormenores, começando assim a fase de negociação que referi anteriormente. Antes dessa reunião a diretora da CERCI contactou com o Coordenador para o pôr a par da situação e para o informar que passados uns dias iria ter com ele ao Centro. Assim,

“a minha primeira ida ao Centro Comunitário teve como principal objetivo a reunião com o Dr. L para acertar pormenores em relação ao meu estágio. O Dr. L começou a conversar comigo de uma forma muito descontraída, perguntando quantas horas seria o estágio, perguntou qual seria o meu tema de estágio e eu expliquei que o meu principal objetivo era trabalhar as questões de desenvolvimento local e ele, dando um ar de riso, disse logo que melhor local era impossível, dizendo que tem a noção que aquele centro contribui para que todos naquele bairro se sintam apoiados para que possam melhorar as suas vidas a todos os níveis. Falámos da data do início do estágio e ele sugeriu dia 4 de Novembro e eu aceitei de imediato, (...)” (Diário de Bordo II – dia 23 de Outubro de 2013)

Após esta reunião, pelo menos em termos formais, ficou tudo delineado e definido para o meu estágio, e fiquei também com uma primeira ideia de como era o centro e de quem o frequentava, porque mal entrei vi logo muitas crianças e jovens.

Numa segunda fase, há a integração e a observação. Esta fase foi essencial para o meu trabalho e para entender como o centro contribui ou não para o desenvolvimento do bairro. Sem estar integrada nunca iria entender as dinâmicas e a forma como o centro intervém junto da e com a comunidade.

No primeiro dia de estágio fui apresentada às auxiliares e técnicas do centro e também às crianças e jovens que estavam lá da parte da manhã, durante o restante dia eles iam perguntando uns aos outros quem eu era. Optei por ter uma postura discreta, mas ao mesmo tempo interagiu com as crianças que percebia que também o queriam fazer, não impus a minha presença a ninguém, e de facto com o passar do tempo e ao

longo dos dias que iam passando, fui falando cada vez com mais crianças e jovens. Como fui alertada do que ia acontecer, já estava preparada para que no início tivesse mesmo de adotar esta postura.

“Nestes primeiros dias o Dr. L aconselhou-me a observar todas as rotinas do centro, e avisou-me que da parte da manhã há pouco movimento, aparecendo alguns idosos para tomar o pequeno-almoço e a medicação, acabando por ficarem lá uma boa parte da manhã na conversa e também aparecem algumas crianças, por norma as mais novas, tendo em conta que não têm escola.” (Diário de Bordo III – dia 4 de Novembro de 2013)

De facto, com esta experiência aprendi que esta fase é fundamental para que haja uma integração, quer a nível de rotinas, quer a nível de aceitação por parte das pessoas. No início, tinha receio de esta fase ser mais longa do que foi, mas a verdade é que muito pouco tempo depois comecei a integração nas rotinas do Centro, tal como irei abordar a seguir.

A minha incorporação no quotidiano do centro começou por atividades e hábitos muito simples,

“durante a manhã ajudei a dona Z. a dar o pequeno-almoço às crianças, estive a ver um pouco de televisão com eles porque diziam que não tinham vontade de fazer nada porque tinham muito sono, mais no fim da manhã, comecei com uma atividade de trabalhos manuais relacionada com o natal, árvores de natal, e outros objetos feitos com rolhas de cortiça, tecido e papéis de cor, para mais tarde se vender.” (Diário de Bordo III – 4 de Novembro de 2013)

Este tipo de atividade, para além de mais algumas, proporcionaram-me uma aproximação aos idosos, crianças e jovens do Centro Comunitário, e esse também era

um dos meus objetivos, porque para além de estagiar também queria trabalhar com estas pessoas e sem as conhecer era impossível de o fazer.

Uma das atividades que mais me aproximou e me fez lidar com as crianças e a auxiliar foi a construção de presépios de cortiça, integrando-me numa atividade que o Centro já tinha agendada. No início começou como uma atividade de natal e acabou por ser uma atividade que, feita em conjunto, proporcionou a angariação de fundos para a compra de materiais novos para o Centro Comunitário. E tenho a noção de que a minha participação nesta atividade foi importante, uma vez que dei novas ideias e que a auxiliar sozinha não conseguiria fazer tanta quantidade de presépios, sendo que está muitas vezes ocupada com outras tarefas do Centro.

Para retratar um pouco do meu envolvimento nas atividades de natal do Centro passo a citar um excerto do meu Diário de Bordo IV (dia 6 de Novembro de 2013)

“No início da tarde estive a fazer um molde de um presépio (cabana), para as crianças depois fazerem um e decoraram ao gosto delas. Quando chegaram gostaram da ideia e começaram logo a fazer e enquanto faziam já falavam do natal a dizer que ainda tinham de escrever a carta ao pai natal porque apesar de ser sempre muito grande só recebiam uma prenda, e eu disse, mas o pai natal só pode dar uma a cada criança senão não tinha dinheiro para dar a todos, e eles mais satisfeitos, disseram que mais valia assim do que não receber nenhuma.”

Nestas atividades de Natal em que estive envolvida participavam mais as crianças; os jovens ficavam mais a jogar computador e não se envolviam tanto, o que fazia com que alguns ainda nem me conhecessem. Ao conversar com a psicóloga, ela sugeriu que eu participasse num jogo que ia dinamizar com eles e que iria servir para os conhecer melhor e trabalhar com eles as questões de autoestima, e assim também me ficariam a conhecer melhor.

“Posteriormente, estivemos todos a jogar um jogo orientado pela Dr.ª. L, que se baseava em papéis a circular com o nome de cada um e depois cada colega escrevia uma virtude e um defeito da pessoa que

estava no papel, no fim cada um ia recolher o papel e ler para si o que os outros escreveram acerca de si mesmos, depois cada um dava a sua opinião em relação ao que disseram no papel. Na maioria dos casos as reações foram muito positivas porque apesar de todos terem vários defeitos (teimoso, irrequieto, falador, barulhento, entre outros) a parte positiva superou na maioria dos casos, porque os adjetivos a que se referiam tinham um grande valor, ou seja, amigo do seu amigo, companheiro, fiel, etc. este jogo tinha o objetivo de eu os conhecer melhor e também de trabalhar a própria autoestima de cada um, para que percebam que todos têm virtudes, por muito que lhes digam que são malcriados, pobres entre outros adjetivos menos agradáveis que lhes são ditos.” (Diário de Bordo V - dia 7 de Novembro de 2013)

A verdade é que depois desta atividade eles começaram a dirigir-se a mim e eu também a intervir mais com eles sem receio de ser rejeitada.

Numa última fase, narro a minha evolução enquanto estagiária, ou seja, depois da fase de Observação e Integração houve uma evolução nos papéis que desempenhei no Centro, tendo assim mais responsabilidades e autonomia.

Comecei por colaborar com o Coordenador na atribuição das Comparticipações a cada família, isto porque o Centro Comunitário foi obrigado pela Segurança Social a cobrar uma mensalidade a cada família pelas atividades e este ano esta medida teve de ser implementada, uma vez que o Centro já tinha dois anos de incumprimento. No início foi complicado, porque os técnicos achavam que com esse pagamento as crianças e jovens iam deixar de frequentar o Centro, porque apesar de serem mensalidades aparentemente muito baixas, havia famílias que não iam pagar. Foi assim que comecei por ter um contato mais direto com as famílias e uma participação nas questões de organização e técnicas do Centro.

Uma das primeiras experiências que tive e com caráter mais importante foi quando,

“durante toda a manhã estive reunida com a L e com a I numa reunião em que verificámos os processos das participações um a um para ajustar valores, ou seja, se em algum dos casos estivesse um valor muito alto ou baixo em relação ao historial de família nós ajustávamos.” (Diário de Bordo XLVIII- dia 18 Fevereiro 2014)

A par da tarefa das participações que referi acima, estive encarregue por inserir e analisar os dados relativos à avaliação do centro comunitário e também elaborar o respetivo relatório de avaliação tendo em conta os relatórios dos anos anteriores, o que para mim foi uma ajuda para saber como tinha de ser feita a avaliação e como tinha de elaborar o relatório.

“(...) estive com a I a inserir os dados dos inquéritos de avaliação feitos no centro pelos utentes do centro. Já existe uma tabela no Excel em que só se insere os dados e depois só se faz os gráficos. Depois a T quando chegou perguntou se eu me importava de fazer o relatório de avaliação e disse que já têm um modelo feito, por isso não é complicado, eu disse logo que sim, porque com isto vou fazendo tarefas cada vez mais relevantes para mim e para o centro. Ou seja, sinto que estão cada vez a confiar mais em mim. Comecei assim por numerar todos os inquéritos, de 1-100 (havia apenas 73, porque ainda faltam passar os restantes), depois fui colocando na tabela a classificação que em cada inquérito foi atribuída a cada questão. (Diário de Bordo XXXI- dia 9 Janeiro 2014)

Esta avaliação é feita de forma interna (feita por técnicos do CC), mas é realizada com o intuito de controlo, ou seja, apesar do CC não ver esta avaliação como prioritária, tem de ser executada por uma questão de cumprimento de regras, porque havendo uma auditoria os relatórios de avaliação têm de ser apresentados. A verdade é que o coordenador e a restante equipa têm todos os resultados, mas não alteram as rotinas e ou atividades do Centro única e exclusivamente por causa do relatório. Caso haja alterações, estas são feitas de acordo com toda a equipa e também com o feedback

que é dado pela comunidade ao longo do ano e por outras razões diversas (tempo, disponibilidade de espaços, disponibilidade de recursos e parcerias) e não porque estejam só a pensar na avaliação que é feita no fim do ano, até porque a avaliação relativa ao ano de 2013, que foi a que eu fiz, está bastante positiva como já referi anteriormente.

Posteriormente fui inserida no projeto “Idosos e Companhia”, que consistiu em fazer um levantamento dos idosos que existem no bairro, esse levantamento foi feito por voluntários e através de inquéritos, onde ficámos a perceber se vivem ou não sozinhos, se têm problemas de saúde e se têm acompanhamento de familiares ou instituições.

Contudo, depois desta fase dos inquéritos, tive de verificar as casas que faltavam certificar da existência ou não de idosos, seguidamente fui a essas mesmas casas aplicar o inquérito e, por fim, fiz um levantamento dos idosos existentes e os que viviam sozinhos ou não têm apoios vão passar a ter visitas semanais de voluntários (habitantes do bairro). Estes dados foram enviados conjuntamente com os inquéritos para a Câmara Municipal de Espinho, para que estes sejam analisados e a câmara tome medidas para o apoio de alguns idosos. O facto de o Centro Comunitário ter a iniciativa de dinamizar as visitas semanais é para que até que a Câmara Municipal conclua o seu trabalho estes idosos não continuem sozinhos e se evitem situações graves, como se tem visto regularmente.

“À tarde surgiu um novo trabalho, que consiste em verificar quais os idosos que ainda não responderam a um inquérito, que está a ser feito por voluntários, com a finalidade de perceber se estão sozinhos em casa, se necessitam de apoio. Esta informação depois será enviada para a câmara para que seja possível fazer um acompanhamento aos idosos que estão sozinhos em casa. O que eu tenho de fazer é a partir da base de dados do centro em relação aos idosos, perceber os que falta contactar.” (Diário de Bordo XXXVI- dia 17 Janeiro 2014)

Mais tarde, fui também integrada no “Espaço Mediação”, cuja responsável é a Assistente Social do Centro Comunitário e que se propôs dinamizar sessões com um

grupo de quinze mulheres, com o objetivo de abordar temas do interesse delas, e tendo em conta que é um espaço de mediação, para mim não poderia ser feito de outra forma. Quando fui integrada nesta atividade dei a minha opinião em relação à abordagem que era feita anteriormente a este espaço, uma vez que este era pensado como um espaço/momento para “dar” formação.

“(...) estive reunida com a I para discutirmos como iríamos iniciar as sessões de mediação, sendo que ela tinha pensado em temas, mas eu sugeri que no primeiro encontro deveríamos conversar com o grupo e conhecer melhor as pessoas e perceber os interesses de cada uma, ou seja, para depois as próximas sessões serem pensadas de acordo com os interesses do grupo, (...).” (Diário de Bordo XLVII – dia 17 Fevereiro 2014)

Começámos assim a trabalhar em conjunto nesta atividade, para conseguirmos dinamizar as sessões de acordo com os assuntos sugeridos pelo grupo e por nós, uma vez que começou a existir uma maior interação e participação na escolha de temas e “aprovação” de temas sugeridos por nós ao grupo, ou seja, em algumas sessões perguntámos se concordavam com temas pensados por nós e pedíamos novas sugestões que quisessem abordar nas sessões de mediação. Assim, para além de eu própria dinamizar sessões também participaram técnicos de instituições concelhias, e não só, para concretizar pedidos feitos pelo grupo de mulheres, como por exemplo aconteceu com a realização de uma sessão sobre poupança no dia-a-dia que foi dinamizada por uma técnica da CLDS Espinho, ora,

“A sessão ficou á responsabilidade do Dr. S do CLDS em que se falou de poupanças, ou seja, no dia-a-dia formas de poupar dinheiro, este tema também foi pedido pelo grupo, uma vez que a maioria tem poucos rendimentos e tem de fazer o máximo de esforço para pagar todas as contas.” (Diário de Bordo XLIX- dia 19 Fevereiro 2014)

Para mim estes momentos de mediação foram (e continuam a ser) importantes, por um lado, para pôr em prática todos os conhecimentos que adquiri durante a minha

formação académica e, por outro lado, por que tem sido muito gratificante trabalhar com as senhoras, porque encaram aquele espaço como um momento de descontração, convívio e ao mesmo tempo de aprendizagem e estes eram os meus grandes objetivos quando me inseriram neste projeto.

“A sessão (...) baseou-se em troca de receitas de culinária, mas da minha parte foi feita uma pesquisa de receitas que à primeira vista, poderão ser feitas de uma forma económica e rápida. Estivemos então a fazer essa troca de aprendizagens em relação a pequenos truques nas receitas e depois estivemos a confeccionar um bolo que pode ser feito no micro-ondas e passado uns 10/15 min já o puderam comer junto com um chá.” (Diário de Bordo XXXIX- dia 5 Fevereiro 2014)

Este excerto é um exemplo de uma sessão que foi realizada de acordo com os pedidos das senhoras, uma vez que reconhecendo as suas dificuldades económicas queriam ter mais ideias para fazer refeições agradáveis, saudáveis e baratas. Para tal tive de elaborar uma pesquisa, até porque, com tudo isto também tenho aprendido muito e isso também era pretendido por mim, haver uma troca de aprendizagens entre todas. Durante a sessão e à medida que ia mostrando pratos, muitas delas iam dando dicas e outras ideias para confeccionar os pratos.

Agora, irei explicitar uma sessão promovida por um técnico externo ao Centro Comunitário,

“(...) houve mais uma sessão no espaço mediação, em que se abordou o tema da atividade física a pedido das senhoras na última semana. A sessão foi dinamizada por um amigo que também está a estagiar numa escola e futuramente será professor de educação física. Ele começou a sessão a perguntar o que elas faziam no dia-a-dia para perceber que tipo de atividade física têm, depois elucidou-as dos benefícios e o tempo que se deveria gastar para fazer exercício durante o dia. Na segunda parte, ele pôs em prática exercícios que as senhoras podem

fazer em casa, ou seja, sem gastar dinheiro e de uma forma fácil conseguem perder ou manter o peso. Elas ficaram mesmo satisfeitas porque perceberam que apesar de não terem dinheiro podem cuidar também da saúde delas.” (Diário de Bordo XXXV- dia 22 Janeiro 2014)

Apesar de serem técnicos externos a dinamizar algumas sessões, nós alertámos sempre que o nosso objetivo não seria o de “dar” uma formação, mas sim trabalhar com o grupo e trocar experiências entre todo o grupo.

Considereei importante mencionar a minha permanência no CC através de fases, uma vez que permite retratar a minha evolução durante o estágio e a autonomia que fui adquirindo, havendo uma fase inicial de observação, depois uma integração em várias atividades e por fim realizei atividades que estavam à minha responsabilidade, sendo elas também de carácter mais específico.

Análise de pontos fulcrais ao longo do estágio

Segundo a DGAS, como já referi anteriormente, os requisitos fundamentais para o bom funcionamento de um centro comunitário são a proximidade, a flexibilidade e a participação. O CC assume o discurso normativo, cumprindo com as diretrizes da DGAS.

A proximidade, é no local, ou seja, os problemas terão de ser resolvidos próximo da população de uma forma concentrada, articulada e preventiva. A dimensão local num centro comunitário é fundamental para definir a forma de atuar sobre esse mesmo local. Na lógica da proximidade dá-se também uma grande importância às questões relacionais e as formas de comunicação pautadas pelo respeito mútuo, pela escuta activa por parte dos técnicos. O exemplo a seguir retrata o que acontece constantemente no CC,

“Fazemos (...) a articulação com as famílias do bairro, como vês acontece ao longo de todo o dia e em muitos casos diariamente, alguns vêm solicitar ajuda, outros porque vêm buscar as crianças.”

(Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário)

No quotidiano do Centro é notória esta proximidade, porque para além de serem realizados vários apoios às famílias há uma preocupação por parte dos técnicos em fazer vários acompanhamentos, ou seja, para estarem informados das situações mais pertinentes e poderem auxiliar da forma mais adequada e, para mim, esta proximidade faz essa diferença entre poder ajudar uma família de imediato, ou prolongar por tempo indeterminado o auxílio à resolução de certos problemas.

A flexibilidade pressupõe que um centro comunitário seja moldável e que se caracterize por uma oferta diversificada de serviços/atividades, de acordo com a dinâmica desenvolvida com a comunidade e na comunidade. Quanto maior for esta flexibilidade, maior é a facilidade de adequação dos programas de ação à evolução das situações. Para ilustrar esta flexibilidade no Centro Comunitário, passo a citar o Coordenador do CC,

“Temos o clube de artes, espaço convívio e dança que são atividades que para além dos objetivos pedagógicos que os técnicos têm presentes e a ocupação dos tempos livres, têm contribuído e muito para uma imagem positiva do bairro!”

O Centro para além destas atividades que o excerto refere, dinamiza várias festas ao longo do ano, porque a comunidade, para além de as pedir, também ajuda na organização das mesmas. A comunidade participa nestas atividades de livre vontade, havendo algumas delas que são orientadas por senhoras do bairro, como por exemplo, o espaço convívio, que funciona com idosos e onde se realizam trabalhos manuais (camisolas de lã, cachecóis, rendas, etc). Ou seja, para esta atividade era necessário alguém que percebesse do assunto e houve duas senhoras que se disponibilizaram para organizar e ensinar o grupo a fazer estes trabalhos. Para além da flexibilidade existe o sentido de autonomia e co-responsabilização por atividades a que a comunidade

quer ter acesso, bem como a valorização de saberes e de experiências de membros da comunidade.

Por último, a participação diz respeito ao envolvimento das pessoas na resolução dos seus próprios problemas. Havendo assim uma responsabilização, mas ao mesmo tempo um apoio dado por técnicos. Apresento como exemplo uma situação de participação e um consequente apoio técnico,

“(...) a P, utente do centro, chegou e disse que a mãe a pôs fora de casa já há uma semana e andava à procura de outra casa, mas precisava de ajuda, porque tinha até hoje para sair da casa onde estava alojada. Eu disse para falar com a I, sendo que é assistente social e poderá dar um apoio mais concreto” (Diário de Bordo XXIX- dia 6 Janeiro 2014)

Neste caso, como em tantos outros que aconteceram, as pessoas tentam arranjar soluções para os seus problemas e muitas vezes recorrem ao CC como último recurso para pedir um auxílio, e, na maioria dos casos consegue-se em conjunto com a equipa técnica e a pessoa em questão encontrar uma solução e em casos menos graves os técnicos explicam como podem resolver o problema e de uma forma autónoma as pessoas resolvem-no.

Num Centro Comunitário existe um vasto leque de atividades de carácter informativo, de animação sócio-cultural e de acompanhamento técnico, o que pude constatar no meu estágio e como já referi anteriormente, estas atividades estão patentes no funcionamento do centro comunitário do bairro da Ponte de Anta, acontecendo de diversas formas.

As formas de intervenção com que contactei durante o estágio no Centro Comunitário, são realizadas de várias formas, nas quais se encontram “misturadas” a vertente da Informação, Mediação, Animação, Apoios Técnicos, Apoio Escolar e Satisfação de Necessidades Básicas da Comunidade. As vertentes que acabei de explicitar vão de encontro ao que reconheci nos documentos do Centro Comunitário,

mas friso estas devido à frequência das mesmas e à importância que têm para esta comunidade. Foi através na análise aos diários de bordo e da entrevista que consegui definir estas diferentes vertentes da intervenção do CC. Vou passar a citar exemplos de situações e testemunhos das vertentes de intervenção que acabei de mencionar. Na vertente da Informação pode salientar-se por exemplo o cuidado posto no esclarecimento das pessoas acerca de correspondência que recebem:

“Aqui na mediateca também temos uma vertente de informação, ou seja, ajudamos as pessoas com poucas habilitações que têm dificuldades em compreender certas cartas enviadas pelos vários serviços e nós tentamos explicar o processo para a resolução do problema que têm em mãos. Às vezes são simples cartas da EDP ou da PT com informações e publicidade, mas como não sabem ler, vêm aqui perguntar se é importante e se têm de fazer alguma coisa.”
(Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário.)

Quanto à Mediação, apurei que existe uma Mediação Informal que é realizada constantemente no CC (que aliás está também presente no exemplo anterior), entre as crianças, entre a comunidade e entre técnicos. A Mediação Informal é feita em circunstâncias como as explícitas no próximo excerto,

“Durante a manhã foram aparecendo várias pessoas do bairro, umas para imprimir documentos, outras para tirarem fotocópias, outras para falarem com a psicóloga ou com o Dr. L” (Diário de Bordo III – dia 4 de Novembro 2013)

Na continuação da explicitação das vertentes de intervenção que observei no Centro Comunitário, na perspetiva da Animação, este centro é conhecido por dinamizar várias iniciativas que reúnem a comunidade,

“(...) os momentos de animação que abrangem toda a comunidade, as festas de natal, o S. João, dia da mãe e do pai e outras sobre várias

temáticas, tu já estiveste presente em algumas já sabes como é!”

(Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário.)

A animação do CC não se centra apenas em atividades para a comunidade, mas sim em atividades que estão presentes no quotidiano do centro com as crianças e jovens, como por exemplo, as atividades de natal que referenciei e ilustrei anteriormente.

Quanto aos Apoios, existe o Apoio técnico e o Apoio ao Estudo que é da responsabilidade de técnicos da instituição e têm como objetivo ajudar/apoiar e encaminhar as crianças e jovens, assim,

“O gabinete Psicossocial e a sala de apoio ao estudo, que continua a funcionar na escola primária, promovem a reintegração na escola de alguns jovens em situações de abandono escolar através da articulação que nós fazemos entre a escola, a família e os jovens.”

(Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário.)

O apoio técnico é todo o apoio que é facultado pelos técnicos do centro comunitário a nível da alimentação, da acção social, de assistência social e de consultas de psicologia e o apoio ao estudo é realizado todos os dias a partir das 18h00 por professores que o centro comunitário contratou e que proporcionam um apoio ao estudo a todas as crianças e jovens que necessitam, na maioria das vezes são encaminhados pela psicóloga ou pelo coordenador do centro, e também existem casos que são os pais que pedem esse apoio.

Por fim, o apoio é feito para a Satisfação de Necessidades Básicas da Comunidade, designadamente de alimentação

“a alimentação que sobra na escola Manuel Laranjeira é trazida para o centro e distribuída por famílias carenciadas, ‘para além da distribuição que é feita a nível do banco alimentar.” (Diário de Bordo VIII – dia 8 de Novembro de 2013)

Estas formas de intervenção que acabei de mencionar têm um elevado grau de importância no CC porque para além de serem frequentes no quotidiano do CC, proporcionam à comunidade atividades e cuidados que antes da existência do mesmo não tinham à sua disponibilidade.

Uma das formas de intervenção que mais se destacou durante o estágio, foi a Mediação que é feita constantemente e de várias formas no CC, como tal, é uma forma de intervenção, na medida que é uma forma de resolução e combate a alguns problemas que são detetados na comunidade. Entendo aqui esta noção de forma abrangente, no sentido explicitado por Vasconcelos-Sousa:

“A mediação é uma variante de negociação, uma forma sofisticada de realização de interação entre pessoas, a que chamamos negociação. Todas as situações que podem ser abordadas como uma negociação podem ser mediadas. Os participantes numa negociação podem realizá-la diretamente entre eles ou podem recorrer a um terceiro, mediador, que os apoie, ajude e oriente no processo negocial” (Vasconcelos-Sousa, José 2002:19).

Assim, pode-se concluir que a mediação sendo feita de uma forma não autoritária, ajuda as partes envolvidas a chegarem voluntariamente a um acordo, ou seja, um acordo aceite em relação à questão em discussão. A mediação também pode *“estabelecer ou fortalecer relacionamentos de confiança e respeito entre as partes ou encerrar relacionamentos de uma maneira que minimize os custos e os danos psicológicos”* (Moore, C. 2005:28)¹⁴. A mediação tem ganho protagonismo pois a produção de coesão social tornou-se um assunto crítico ao longo dos últimos anos, devido à fragmentação dos dispositivos macro-estruturais de regulação social, jurídica e económica (Neves, T, 2009)

A mediação envolve a assistência de um terceiro elemento neutral num conflito ou numa situação de negociação/comunicação, com o objetivo de ajudar as partes a

¹⁴ Materiais de aula, Seminário de Iniciação à Mediação e Formação: Estratégias de Mediação e de Formação. Oficina de Mediação de Conflitos.

resolver os seus problemas num ambiente seguro. De como as situações de mediação, muitas vezes não intencionais, estão presentes ou necessitam de ser acionadas no trabalho quotidiano do CC, pode dar-se como exemplo uma situação que vivenciei:

“Inconscientemente, durante a tarde tive de intervir numa situação de conflito, ou seja, mediei uma situação entre tio (tem uma deficiência mental) e o sobrinho (autista, num grau leve), uma vez que o tio possuía cromos de futebol e o sobrinho também queria, mas o tio não lhe queria dar nem para ver. Eu junto dos dois, expliquei ao D que os cromos eram do tio e que ele não lhe queria dar, mas que o ia deixar ver, assim o Q (tio) depois de ter a confirmação de que o D não lhe tirava os cromos, deu-lhe para a mão e deixou-o ver. Assim, o D ficou a perceber o que para a próxima tem de pedir ao tio para ver e não lhe tirar à força e o Q para a próxima já sabe que a melhor solução é deixar o sobrinho ver para entender o que é” (Diário de Bordo XXXIII- dia 13 Janeiro 2014.)

Ou seja, fui um terceiro elemento na resolução deste conflito, mas também foi possível de resolver este conflito porque ambas as partes foram flexíveis e cederam às suas próprias vontades para que fosse possível haver diálogo e chegar a uma deliberação fácil e serena. Como terceiro elemento tive de manter uma postura neutra, tal como foi referido em cima, e ouvi o que cada um quis explicar e procurei através do diálogo fazer com que percebessem que ao haver cedências de ambas as partes poderiam ficar os dois satisfeitos no final deste conflito, não impondo uma solução, mas dando às partes em conflito a responsabilidade de tomar uma decisão, e neste caso só foi possível haver porque ambos decidiram ceder e partilhar. Portanto, podemos definir que o papel da mediação consiste em

“facilitar uma discussão centrada nos interesses, mediante técnicas relativas ao processo e à comunicação entre as partes, que permita desvelar as preocupações e problemas das partes, implicando-as na busca de soluções.” (Slaikeu, 1996 in Griggs, T. H; Munduate, L; Barón, M; Medina, F. J, 2005: 269, retirado do power point da aula).

Segundo Tiago Neves (2009, 50) o mediador é alguém que possibilita uma aproximação entre indivíduos e grupos, nomeadamente através do estabelecimento de novas inter-relações entre eles e da prevenção do conflito.

A mediação poderá ser vista também como uma alternativa aos processos judiciais, uma vez que constitui um método eficaz para dar ferramentas às partes em conflito para resolverem as divergências em âmbitos escolares, familiares, empresariais, institucionais e comunitários,

“pois evita o litígio e trata de satisfazer às partes em disputa reforçando a cooperación, o diálogo e o consenso” (Garcia, M. & Sevilla, J. 1998:141).

De acordo com Garcia & Sevilla, (1998, 140), no trabalho social falar de mediação não significa necessariamente fazer referência apenas à resolução de conflitos. A mediação deveria estar em quase todos os processos de intervenção social ou psico-social-educativa. No Centro Comunitário onde decorreu o meu estágio, o trabalho social é o eixo principal de intervenção e estão disponíveis mediações de nível social e educativo. É feita assim uma mediação constante entre famílias e escola, famílias e entidades e famílias com a sociedade. Ao refletir sobre a mediação comunitária e a mediação social vou dando exemplos destas mesmas mediações que são ora mais implícitas, ora mais explícitas no centro comunitário.

A negociação é outra forma de resolver um conflito, mas nesta vertente são as partes em discórdia que de uma forma autónoma e voluntária tentam entrar em acordo. Segundo Vasconcelos-Sousa (2002) a negociação é um método em que as partes procuram diretamente entre elas o acordo e a concertação de interesses e de objetivos diferentes, valorizando as questões que as aproximam e sobre as quais existe uma perceção de dependência mútua. Achei fundamental referir a negociação, porque até mesmo no processo de mediação existe uma negociação mas com a ajuda de um terceiro elemento que facilita a comunicação, tal como já foi referido.

Tabela 8- Tabela resumo (Negociação e Mediação)

	Negociação	Mediação
Método	Decisão final tomada pelos interessados	
Características	<ul style="list-style-type: none">• Processo simples• Interessados têm maior controlo sobre o resultado• Menor custo processual• Voluntário• Havendo sucesso ambos os lados ganham	

A tabela acima resume todas as características que a negociação e a mediação têm em comum. Esta informação foi retirada a partir do texto de Vasconcelos-Sousa (2002) com a finalidade sintetizar um pouco do que foi dito até agora.

Falando mais concretamente de uma outra abordagem, a Mediação Comunitária, é uma

“Pratiques d’intervention visant la réappropriation par les membres d’une communauté de leur capacité d’agir, pour résoudre leurs conflits et rétablir les relations entre les membres” (Lemaire. É. & J. Poitras 2004:20),

favorecendo assim, a participação da população na resolução de conflitos e no restabelecimento da coesão social fazendo com que a comunidade se sinta responsável e autónoma. Nesta abordagem há uma grande preocupação da criação de uma sociedade harmoniosa para uma resolução não violenta dos conflitos na comunidade, ou seja, esta mediação tentará

“facilitar un espacio onde as personas, grupos e/ou organizações da comunidade, poidan resolver-las súas diferencias” (Garcia, M. & Sevilla, J. 1998:141).

Esta abordagem da mediação só me faz ter em mente o Bairro da Ponte de Anta, mais concretamente o Centro Comunitário onde estagiei, sendo que os habitantes do bairro formam uma comunidade e o centro funciona com uma entidade

reguladora e mediadora promovendo uma transformação e uma criação harmoniosa na resolução de conflitos entre os indivíduos da comunidade. No centro existem situações em que se tem de intervir, dando um exemplo,

“Ao fim da manhã apareceu uma senhora a fazer queixa da filha, uma vez que mal tratou a senhora e a própria filha, e estava a pedir ajuda ao Dr. L para arranjar trabalho à filha porque senão tem de a pôr fora de casa, uma vez que a dona R é que tem a guarda da neta, não a quer prejudicar com os maus tratos da mãe. A senhora estava a chorar e o Dr. L prometeu-lhe que hoje à tarde ia falar com a filha dela e para se acalmar que ninguém lhe ia tirar a netinha, porque a maior preocupação da senhora é mesmo essa. Pelo que percebi o Dr. L tentou tranquilizá-la e vai ter o papel de “mediador” entre a dona R e a filha, uma vez que esta mostra-se sempre intransigente com a mãe e já não conseguem conversar com calma” (Diário de Bordo IV - dia 6 Novembro 2013.)

Neste caso houve uma tentativa do Dr. L (papel de mediador) de uma forma serena tentar com que se estabelecesse um diálogo entre mãe e filha e, conseqüentemente, uma melhoria nas relações familiares, proporcionando bem-estar em cada elemento da família, sendo que a criança estava a ser prejudicada no meio de todo este conflito.

Existem diversas formas implícitas de mediar, uma delas aconteceu comigo quando numa

“manhã apareceram três senhoras de etnia cigana com umas dúvidas por causa de umas cartas, isto porque não sabem ler e não sabiam se eram assuntos importantes ou não, uma delas era apenas uma carta da PT com publicidade, mal expliquei à senhora ficou logo descansada e foi-se embora, mas a ideia dela inicialmente era ir fazer “barulho” para a PT. Quanto às outras senhoras eram cartas da segurança social, tendo a ver com os rendimentos de inserção social, nestes casos chamei a assistente social para as ajudar, uma vez que

tem os processos das pessoas e sabe como as apoiar” (Diário de Bordo IV - dia 6 Novembro 2013.)

Com esta situação verifica-se que com um simples esclarecimento evitaram-se conflitos e ajudamos uma senhora a aclarar uma simples dúvida, promovendo assim, uma melhoria das relações sociais.

A mediação Social tem como objetivo principal a

“reconstrução das interações positivas entre os indivíduos marginalizados e a sociedade para que suceda a ressocialização, promovendo assim uma “reinscrição” das pessoas na vida social” (Lemaire. É. & J. Poitras 2004:20).

No estágio, uma das situação que me fez recorrer à mediação, é o facto de existir um “Espaço Mediação” em que existem sessões feitas para um grupo de quinze mulheres que na sua maioria recebem o RSI (rendimento social de inserção) com o objetivo de trabalhar em conjunto com elas temas de interesse do grupo e pessoal. É de salientar que as ações feitas com este grupo foram dinamizadas a partir de sugestões dadas pelo grupo, havendo depois uma preocupação por parte do mediador em enquadrar as várias temáticas com o grupo.

“ O mediador social pode cumprir diversas funções e atuar na área social, económica, cultural e religiosa, etc. E, por sua capacidade de estabelecer relações personalizadas, tem o potencial de estabelecer vínculos de maior ou menos intensidade, os quais podem tender a continuar e a estabelecer laços sociais que sustentam as “prestações sociais”, como são os fluxos de bens materiais e simbólicos” (Saavedra, Lina 2013: 42).

Falando agora de situações mais implícitas da mediação social, como quando,

“a uma dada altura o Dr. L recebeu um telefonema para chamar a polícia porque havia uma grande discussão entre vizinhos no bairro, até que começámos a ouvir no centro, o Dr. L saiu logo para ir até lá ver o que se passava, mas como estava cada vez pior, eu e a dona Z fomos até lá caso fosse necessário ajuda para alguma coisa. Tentamos acalmar as pessoas e separar as pessoas que estavam em conflito, mas entretanto a polícia chegou e nós voltámos para o centro. Passado uns dias os vizinhos foram chamados ao Centro para o Dr. L conversar com eles” (Diário de Bordo XXX- dia 8 Janeiro 2014.)

e também quando,

“mesmo antes de vir embora, duas senhoras bateram à porta e eu fui abrir, estavam bastante aflitas a dizer que queriam falar com o Dr. L, fui logo chamá-lo e o assunto tinha a ver com um funeral de um familiar que será amanhã, mas falta-lhes um papel para entregar na funerária e não sabiam como podia fazer para o obter, o Dr. L ligou para um amigo que trabalha na junta e ele explicou como as senhoras tinham de fazer” (Diário de Bordo III – dia 4 de Novembro 2013).

Nestes dois exemplos que acabei de relatar, estamos claramente perante situações de mediação social, uma vez que o Centro fez a ponte entre famílias e entidades públicas que lhe iriam resolver os problemas que tinham em mãos, com esta ação proporcionou-se uma resolução mais rápida do problema e ao mesmo tempo um conforto para as famílias porque se sentem apoiadas, e o que se faz não é retirar autonomia às famílias, mas sim dar-lhes suportes para que depois consigam resolver o que têm em mãos.

De facto, o que acontece no Centro Comunitário é que cada técnico, mesmo sendo de áreas diferenciadas, também desempenha um papel de mediadores sociais, porque para além de mediar conflitos interpessoais, medeiam muitas situações familiares, sendo estas de carácter económico ou cultural.

Um outro aspeto fundamental para o CC são as parcerias, como já referi anteriormente, representadas na seguinte tabela:

Tabela 9 - Parcerias do CC

Parcerias
✓ Centro Distrital de Aveiro – ISSIP;
✓ Banco Alimentar
✓ Serviço Local de Segurança Social de Espinho - Unidade de Desenvolvimento Social;
✓ Agrupamento Vertical de Escolas Dr. Manuel Laranjeira;
✓ Agrupamento Vertical de Escolas Dr. Manuela Gomes de Almeida;
✓ Comissão Local de Apoio Social de Espinho;
✓ Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho;
✓ CPCJ;
✓ IHRU (Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana);
✓ Centro de Emprego e Formação Profissional de Vila Nova de Gaia
✓ Câmara Municipal de Espinho
✓ Centro Social de Paramos
✓ Junta de Freguesia de Espinho e de Anta
✓ Associação de Desenvolvimento de Espinho
✓ Paróquia de Anta
✓ Instituto de Reinserção Social
✓ Clinicas de Psicologia do concelho
✓ Lions Club de Espinho
✓ Núcleo de Modelismo de Espinho
✓ Tuna de Anta
✓ Polícia de Segurança Publica – escola segura.

No que diz respeito às parcerias, vou explicitar os que dão um apoio mais contínuo e significativo.

Os agrupamentos Verticais de Escolas têm um papel muito importante, porque para além de haver uma comunicação constante com a psicóloga e assistente social no caso de crianças e jovens em risco, fazem a doação de alimentação, ou seja, quando sobra alimentação do almoço, fazem uma distribuição pelas instituições do Concelho de Espinho e o Centro Comunitário está incluído, proporcionando assim uma

assistência muitas vezes diária a famílias carenciadas e numerosas. A CPCJ, devido à quantidade de crianças e jovens que estão sinalizados, havendo casos que foi o Centro que alertou para situações de risco, situações em que as visitas dos familiares às crianças ocorre dentro do centro e sob o “controlo” dos técnicos e também casos de crianças e jovens que estão sinalizados pela CPCJ e têm acompanhamento psicológico. O IRHU é uma entidade que arrenda ou atribuiu casas a famílias desfavorecidas. Existem assim casas arrendadas por valores baixos (renda conforme o rendimento do agregado familiar) e casas em que não há qualquer tipo de pagamento, em casos de realojamento de sem abrigo. Esta parceria é determinada por pedidos de habitação pela assistente social, para o que é necessário uma inscrição e as famílias estão sujeitas a uma lista de espera, quando não são casos de sem abrigo. O Centro de Emprego e Formação Profissional de Vila Nova de Gaia possibilita que o CC reencaminhe as pessoas para formações e para ofertas de trabalho que enviam para o CC. A Câmara Municipal de Espinho intervém muitas das vezes a pedido do Centro porque apesar dos habitantes fazerem reclamações junto da Câmara não resulta de uma forma tão rápida e eficaz como quando é o CC a fazer esses mesmos pedidos. Assim, a comunidade optou por fazer a queixa/reclamação/pedido ao Centro e depois estabelece-se a comunicação para intervirem nas habitações e nas ruas do bairro. A Associação de Desenvolvimento de Espinho faculta muitas vezes os espaços para atividades e formações, entre outros apoios. Por fim, o Núcleo de Modelismo de Espinho proporciona um técnico e uma atividade todos os sábados de manhã para crianças e jovens no Centro Comunitário, que já proporcionou momentos de orgulho, uma vez que peças feitas por estes jovens ganharam concursos de modelismo.

É importante referir que as parcerias são encaradas com importância diferenciada, isto porque, algumas delas são mobilizadas quase diariamente, quer no funcionamento do CC, quer para o Bairro, tendo assim um papel fulcral no quotidiano da instituição. Durante todo o relatório vou abordando este tópico, mas de uma forma contextual.

De acordo com os objetivos específicos que mencionei no capítulo II, mais concretamente na caracterização do centro comunitário, através do estágio foi possível constatar que o CC tenta cumprir com os mesmos, isto porque há um trabalho por parte

da equipa para criar condições de lazer e convivência entre as crianças e jovens, promove o envolvimento da comunidade em atividades; tem uma grande preocupação com as questões escolares das crianças que frequentam o CC, havendo uma constante troca de informação entre os professores e a equipa do centro, possibilitando em casos de insucesso que o CC possa intervir junto da família, ou seja, está presente a articulação tripartida referida anteriormente, sendo o CC por vezes um mediador entre a escola, família e os jovens. No caso de jovens adultos e adultos sem emprego o CC conta com a parceria com o centro de emprego e tentam encontrar soluções, quer seja formação, quer seja emprego adequado à escolaridade e experiência de cada pessoa. Quanto aos idosos, cada vez há uma maior preocupação com esta faixa etária, havendo voluntários que fazem visitas semanais e a criação de atividades que os idosos podem frequentar para ocupar o seu tempo livres e não estarem sozinhos em casa.

Todas estas medidas proporcionam à comunidade um bem-estar comum e uma melhoria das expectativas pessoais e da própria comunidade, havendo assim uma mudança de representações por parte da população externa ao bairro,

“Porque fomos convidados para a animação de festas em instituições e no concelho de espinho e também porque até crianças e jovens fora do bairro vêm participar, o que antes isso não acontecia, porque os pais tinham receio de trazer os filhos para o bairro e felizmente esse estereótipo está a melhorar muito.” (Entrevista ao Coordenar do Centro Comunitário)

Ou seja, todo o trabalho realizado pelo CC, para além de surtir mudanças no Bairro da Ponte de Anta, também ajuda a transformações nas representações da restante população sobre aquele contexto e os seus habitantes, o que é fulcral para que seja possível haver um desenvolvimento.

Capítulo IV- Considerações Finais

O Centro Comunitário e a sua intervenção

De acordo com os vários autores mobilizados e a partir igualmente da minha experiência de estágio, penso poder afirmar que o Centro Comunitário contribui para o Desenvolvimento Local do Bairro da Ponte de Anta. Esta contribuição é feita a partir da articulação de diversas valências de intervenção, com públicos/grupos muito diferentes em termos sociodemográficos e segundo lógicas de intervenção heterogéneas, e concretiza-se através de um conjunto de atividades dirigidas a problemas de ordem escolar, pessoal, cultural e profissional. A isto deve acrescentar-se que há também uma grande preocupação com as parcerias entre as entidades locais no apoio às atividades e projetos do CC.

A existência do CC no bairro é fulcral, não só para as pessoas que são apoiadas diretamente pelos técnicos do CC, mas também para os habitantes em geral do bairro, uma vez que quando têm algum problema, quer a nível das habitações, quer das estradas (ou outro tipo de problemas da vida quotidiana no bairro), recorrem ao CC para que se faça a ligação com as entidades responsáveis, e isto, para além de constituir uma forma de mediação é igualmente uma forma de contribuir para a evolução e satisfação da comunidade. Existe ainda uma grande rede de comunicação entre várias entidades do concelho, quer sejam instituições privadas ou públicas, e a própria Cerciespinho, uma vez que o CC conta com muitos recursos da sede para além dos recursos que já lhe são atribuídos.

Como análise aos vários autores que fui citando, o desenvolvimento local é conseguido com um trabalho contínuo com a comunidade e com o apoio de entidades, ou seja, o CC do BPA para além de ser o impulsionador e a entidade que trabalha para que a mudança seja contínua é a instituição que medeia todas as parcerias e cria condições para que a comunidade sinta essa mesma mudança, como por exemplo, acontece quando as crianças do centro são convidadas para participar em atividades em conjunto com outras entidades de Espinho, o que antes não acontecia.

Através do mapa de indicadores a que me referi anteriormente, é possível identificar vários elementos do trabalho do CC que são potencialmente

impulsionadores de desenvolvimento (emprego, apoio técnico...) e de facto deve sublinhar-se que o CC trabalha esses indicadores de forma a melhorá-los de ano para ano. As atividades a que me fui referindo e que o CC dinamiza são o fio condutor para que a mudança seja feita de uma forma natural e com toda a comunidade, tal como me parece que tem sido visível. Nesse mesmo mapa de indicadores que referi no segundo capítulo está presente o conceito de animação, isto porque no mapa se assinala que cerca de 1000 pessoas usufruem das atividades do CC com caráter de animação (clube de artes decorativas, colónias de férias, festas organizadas pelo CC e elementos da população do bairro), ou seja, no CC todas as pessoas que estão inscritas, quer sejam adultos por causa dos apoios técnicos, quer sejam crianças que têm apoio ao estudo ou consultas de psicologia têm sempre direito a usufruir de atividades de animação. É de frisar que a maioria das atividades que são dinamizadas pelo centro podem ser participadas por qualquer pessoa do bairro, estando ou não inscrita no centro.

No Centro Comunitário, para além de todas as vertentes de intervenção que tem, a da animação também é muito relevante tendo em conta os vários exemplos que fui dando ao longo do relatório.

O que é mais importante é perceber que a perspetiva de intervenção do CC não é apenas uma, isto porque tem diferentes focos de intervenção como fui falando ao longo do relatório. Quer seja numa perspetiva mais assistencialista como era no seu início, quer seja numa perspetiva de animação e apoios técnicos, logo, o CC procura intervir consoante os problemas que a população vai apresentando.

Quanto à mediação, que para além de ser um dos pontos mais fortes durante o meu estágio, também é um dos pontos principais no Centro Comunitário, uma vez que a mediação está presente no quotidiano do centro. A mediação é evidente com a resolução de conflitos entre crianças, jovens e comunidade; com o Espaço Mediação com a mediação entre instituições (escolas e CC); e com a mediação das parcerias. Refiro-me à mediação como um ponto alto do meu estágio, porque foi com o Espaço Mediação que ganhei autonomia e um espaço no centro comunitário.

A Intervenção do Centro Comunitário é realmente abrangente, quer a nível de público, quer a nível dos focos onde intervém, isto porque interfere nos problemas

sociais que são visíveis no Bairro da Ponte de Anta, mas vai para além disso, porque trabalha com a comunidade para desenvolver o bairro e modificar as representações que a restante população da cidade de Espinho tem em relação ao bairro e principalmente sobre as crianças e os jovens que aí habitam.

Propus-me compreender as atividades e iniciativas que potencialmente constituem ferramentas para que a comunidade se sinta incluída e desempenhe um papel proactivo na sociedade, e a partir do estágio foi notório e de fácil compreensão perceber a forma como o Centro Comunitário dinamiza, apoia e mostra caminhos à população do bairro que tem mais dificuldades, como podem resolver muitos dos problemas que têm, contando com a ajuda de parcerias e da própria população do bairro, isto porque, quem tem uma vida mais equilibrada (emprego/reforma, habitação própria) dispõe-se para voluntariado no CC.

Ao longo do relatório não fui referindo aspetos menos positivos do CC, mas acho pertinente fazer referência ao facto de a organização do Centro por vezes falhar, ou seja, há muito trabalho para a quantidade de técnicos que o centro tem, havendo assim uma acumulação de tarefas e por vezes o esquecimento da resolução de alguns problemas, ou seja, como há a acumulação de trabalho, há situações que caem em esquecimento. Provavelmente era necessário alterar um pouco a metodologia de trabalho para que estas situações não acontecessem, como por exemplo, criar um sistema em que todos os casos com prioridade ficassem em destaque e fossem os primeiros a serem analisados, porque em alguns casos trata-se tão só de documentos de que as pessoas estão à espera e poderá haver repercussões negativas sobre elas devido a esse atraso ou esquecimento.

Concluindo, o Centro Comunitário contribuiu e dinamiza acções que cumprem com os princípios e finalidades do desenvolvimento local, porque com todos os exemplos que fui referindo ao longo do relatório e com o estágio, a preocupação do CC em fazer a diferença e trabalhar para uma mudança, que apesar de ser lenta, está a ser conseguida está sempre presente na intervenção do CC.

O estágio e a profissionalização em Ciências da Educação

O estágio para além de me dar a possibilidade de ter o primeiro contacto com um contexto de trabalho, proporcionou-me um crescimento pessoal, ou seja, pensar e refletir em determinados assuntos de outra forma e também saber dar valor a pequenas coisas que para nós são garantidas. Este percurso para além de ser um momento de observação e participação nas rotinas diárias da instituição permitindo analisar o foco do trabalho da mesma, permitiu-me também trabalhar com famílias, com grupos etários muito diversos, ou seja, desde crianças até aos idosos, e isso sempre foi algo que me aliciou porque consegui juntar duas vertentes com as quais me identifico e que gostaria de continuar a trabalhar no futuro.

Consegui de facto pôr em prática muitas das coisas que fui apreendendo ao longo do percurso nas Ciências da Educação, principalmente com o Espaço de Mediação, onde me foi possível trabalhar com um grupo de quinze senhoras e todas as semanas desenvolver atividades com elas, ao gosto delas e conseguindo que houvesse uma troca impressionante de saberes entre todas. Isto porque naquele grupo a minha função era dinamizar a sessão, fazendo uma mediação do tempo e do debate, porque a nível de conhecimentos e saberes sempre houve uma troca constante entre todas, e isto foi uma das ideias que me ficou mais marcada durante a licenciatura e mestrado e de facto faz toda a diferença, porque enquanto técnicos da educação devemos trabalhar com as pessoas e dar voz a todos.

Para além deste projeto de mediação, fui desenvolvendo outras atividades que me motivaram e que sempre estiveram ligadas à minha profissionalização, sendo que fazer presépios com as crianças foi das coisas que mais gostei de fazer e à primeira vista nada tem a ver com as Ciências da Educação, mas o que é certo é que através desta atividade fiquei a conhecer melhor as crianças e jovens e foi possível dinamizar pequenas atividades com eles a partir da construção dos presépios de natal.

Ao longo do estágio fui sempre acompanhada e orientada pelos técnicos da instituição, que me deram a conhecer todos os programas e processos com que se trabalha, ou seja, nunca me senti condicionada e isto proporcionou-me grandes aprendizagens e realmente uma boa preparação e inclusão no mundo do trabalho.

Realizei atividades, como o relatório de avaliação do CC relativo ao ano de 2013, inserção de dados numa plataforma de excel, para atualização relativos a cada família, entre outras coisas que me faziam pensar em relação à minha autonomia, ou seja, sempre me deram responsabilidades e tarefas a realizar com igual importância às tantas outras coisas que têm de ser feitas no Centro Comunitário.

O que para mim foi mais gratificante foi no fim do estágio curricular me proporem um estágio profissional, com vista a fazer parte da equipa técnica do CC como fiz durante todo o estágio curricular. Foi a recompensa de todo o trabalho feito durante o estágio e acima de tudo o reconhecimento do meu esforço e trabalho. O que me faz sentir ainda melhor é o facto de ter feito todas as tarefas e atividades com pouco esforço, estando a fazer por prazer e a perceber que afinal tudo o que aprendi e adquiri enquanto estudante pus em prática de uma forma muito simples e natural.

De acordo com os objetivos de estágio determinados pela faculdade, ao nível dos conhecimentos, durante todo o estágio foquei-me nas questões do desenvolvimento local, tentando não fugir desta linha de raciocínio. O estágio proporcionou uma reflexão constante em várias áreas, ou seja, para além das questões de desenvolvimento local, à medida que ia adquirindo mais conhecimentos em relação à comunidade e ao CC, comecei a pensar e a intervir mais além. No que compete às aptidões, tenho a certeza que depois desta experiência adquiri conhecimentos e aptidões para além da área das ciências da educação, uma vez que é necessário realizar muitas outras tarefas, mas de frisar que todas as áreas estão interligadas, uma vez que estamos a falar de um centro comunitário e trabalha com a comunidade. Por fim, no que toca aos objetivos em relação às competências, tenho a plena noção de que fui evoluindo ao longo do estágio tendo mais autonomia e aprendi de facto o que é trabalhar em equipa para intervir em contextos prioritários como o caso do BPA.

Concluindo, este estágio vale a pena por tudo o que vivenciei e aprendi, tive experiências muito enriquecedoras e motivadoras que me fizeram ter a certeza de que estou na área certa e que a problemática do desenvolvimento local é de todo o meu interesse pessoal e profissional.

Referências Bibliográficas

ANMP, (2004). Relatório e Projecto de Resoluções referentes ao tema. Organização do Estado e do Poder Local, definido pelo Conselho Directivo da ANMP como um dos temas prioritários a debater no XIV Congresso Organização do Estado e Poder Local. <http://www.anmp.pt> .

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Coleção Ciências da Educação, Porto: Porto Editora.

BONFIM, Catarina , SARAIVA, Maria, CURTO, Maria, ABRANTES, Maria & FERREIRA, Sofia (2000). *Centro Comunitário*. Direção Geral da Acção Social: Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação. Lisboa.

CABUGUEIRA, Artur (2000). *Do Desenvolvimento Regional ao Desenvolvimento Local. Análise de alguns aspetos de política económica regional*. Gestão e Desenvolvimento, 9, pp. 103-136.

CANÁRIO, Rui (2005). *O que é a escola? Um “olhar” sociológico*. Porto: Porto Editora.

FERREIRA, Fernando Ilídio (2005). *O Local em Educação – Animação, Gestão e Parceria*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

FRAGOSO, António (2005). *Desenvolvimento Participativo: uma sugestão de reformulação conceptual*. Revista Portuguesa de Educação, vol. 18, n.º001. Universidade do Minho, Braga, Portugal, pp. 23-51.

GARCIA, M. & SEVILLA, J. (1998). *A mediación como ferramenta metodológica para os assistentes sociais na resolución de conflictos*. In Percursos & Ideias Revista Científica do ISCET, Instituto Superior de Ciência Empresarial e do Turismo, n.º1, série 2, pp.138-149.

GOMEZ, José, FREITAS, Orlando, CALLEJAS, Germán (2005). *Educação e Desenvolvimento Local: Perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*. Profeditores, pp. 88-243.

LEMAIRE, É. & J. POITRAS (2004). *La construcion des rapports sociaux comme l'un des objectifs des dispositifs de mediation*. *Espirit Critique*, Volume 06, nº3, pp. 17-29.

LOPES, Ana (2009). *O Associativismo na cidade educadora: o caso do Porto*. Dissertação de Mestrado. FPCE, Porto.

MATOS, M. (2004). *Desenvolvimento e cidadania: intervenção associative e acção comunitária*. Cadernos do ICE 7 (Inovação, Cidadania e Desenvolvimento Local). Setúbal: Instituto das Comunidades Educativas, pp.135-150.

MERRIAM, Sharan (1998). *Qualitative Research and Case Studies Applications in Education: Revised and Expanded from Case Study Research in Education*.

MONTENEGRO, M. (1997). *O CAIC da Bela Vista...um caso de intervenção comunitária*. Educação de Infância e Intervenção Comunitária. Cadernos do ICE 4. Setúbal: Instituto das Comunidades Educativas, pp.27-47.

NEVES, T. & Guedes, M. & Araújo, T. (2009). *Mediação Comunitária e Mudança Social*. Cadernos de Pedagogia Social 3, pp. 45-60.

NEVES, Tiago & CRUZ, Isabel & SILVA, Maria (2010). *Acção Local no Combate à Pobreza e Exclusão Social*. Legis Editora: Livpsic. Porto.

NUNES, Rosa Sousa (2005). Nada Sobre Nós Sem Nós. In ROSA SOUSA NUNES, *A centralidade da comunicação na obra de Boaventura Sousa Santos* (pp.53-94). São Paulo: Cortez Editora.

OLIVEIRA, Dalila Alves (2008). *Os Municípios e o Desenvolvimento Social Local*. Dissertação de Mestrado. FEP, Porto.

ORNELAS, José H. & MONIZ, Maria João Vargas (2007). *Parcerias Comunitárias e intervenção preventiva*. *Análise Psicológica*, 1 (XXV), pp. 153 – 158.

SAAVEDRA, Lina (2013). *A construção da cidadania e defesa dos direitos da população em situação de vulnerabilidade social: a mediação social de uma ONG local numa zona de periferia de Porto Alegre*. Programa de Pós Graduação em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TERRASÊCA, Manuela (2006) “*Avaliação interna – avaliação externa*”, in Questões aprofundadas de avaliação em educação – Relatório da disciplina. Porto: FPCE-UP, pp. 11- 117.

VASCONCELOS-SOUSA, José (2002). *O que é mediação?* Lisboa: Quimera Editores.

YIN, Robert (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2ª Ed) San Francisco: Jossey-Bass Publishers. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

Apêndices¹⁵

Apêndice I – Guião de Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário;

Apêndice II – Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário;

Apêndice III – Análise de Conteúdo da Entrevista;

Apêndice IV – Diários de Bordo;

Apêndice V – Análise de Conteúdo dos Diários de Bordo;

¹⁵ Gravado em CD

Apêndice I - Guião de Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário

- Como surgiu a ideia de criar um Centro Comunitário no Bairro da Ponte de Anta? Como foi o processo de “passar da ideia à concretização do mesmo”?
- Como foram os primeiros tempos do Centro Comunitário? (ao nível de infraestruturas, clientes e económicos, mas também do tipo de atividades que começaram por desenvolver)
- Que transformações têm sido sensíveis e visíveis desde o início do funcionamento do Centro Comunitário (no centro e na comunidade envolvente)?
- Que relação procura estabelecer o Centro com a comunidade onde está inserido? O que pensa que representa o Centro para as pessoas que o procuram? Como gostaria que o Centro fosse entendido e visto pelas pessoas da comunidade?
- Neste momento, que perspetivas existem para o futuro do Centro Comunitário?

Apêndice II - Entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário

M: Boa tarde Dr. L, vamos então dar início à entrevista?

L: Olá M, vamos sim, quando quiseres podes começar!

M: Para começar gostaria de saber como surgiu a ideia de Criar um Centro Comunitário aqui no bairro? E como foi o processo da concretização do centro?

L: A CERCÍ tem como filosofia a identificação de problemas e a promoção de soluções, isto com o objetivo de combater a exclusão social, e como aqui na área de Espinho, todos sabem que o bairro é e sempre foi o local para onde pessoas com problemas financeiros, e outros problemas mais graves, tráfico de droga, prostituição e então resolvemos atuar. Porque apesar da CERCÍ atuar tradicionalmente com pessoas portadoras de deficiência, formação profissional para a população com deficiência, desempregados de longa duração, beneficiários do RSI e também o apoio a idosos, nós tínhamos a noção que faltava ainda intervir com outro tipo de população.

Entretanto surgiram dois estudos que foram realizados em Espinho que identificaram as áreas com maior incidência de problemas e de exclusão social e foi apontado desde início o Bairro da Ponte de Anta. Foi assim que surgiu a ideia de se criar uma infraestrutura neste bairro para fazermos apoio em áreas diversas.

O Centro Comunitário iniciou a intervenção, não com o nome de Centro Comunitário, mas sim enquanto projeto “Construir a partir do insucesso” em Novembro de 1996, já vai fazer 18 anos e quem trabalha cá desde o início como eu, nem dá pelo tempo passar! Este projeto que falei é resultado do Programa Integrar (Medida I), a CERCÍ candidatou-se e o nosso projeto foi aprovado.

Enquanto fomos “Construir”, fomos parceiros de projetos internacionais, porque assim conseguíamos financiamentos para mais tarde avançarmos para um projeto com alicerces para nos mantermos cá.

M: Quais foram os projetos internacionais em que estiveram envolvidos?

L: Foram os Programas Sócrates, Nónio e Leonardo da Vinci.

M: Muito resumidamente em que consistia cada um deles?

L: O Projeto Sócrates permitiu aqui aos habitantes do bairro o contacto com experiências de histórias orais e a sua importância em Itália, França e Alemanha. O projeto Nónio, proporcionou o contacto à população mais jovem com a informática, o que muitos deles tinham essa curiosidade e não tinham acesso em casa. Finalmente o projeto da Vinci, permitiu a divulgação do trabalho realizado no Centro e contactar com realidades, experiências estratégias de intervenção social, nos países onde se realizam os intercâmbios

M: Como a Inglaterra?

L: Sim, sim, e Espanha. Depois em 2000, foi finalmente possível chegar a um acordo com a segurança social e estabeleceu-se definitivamente o Centro Comunitário enquanto serviço da CERCI e serviço para a comunidade deste bairro.

M: Passando à próxima questão, acho importante perceber como foram os primeiros tempos do Centro Comunitário? (ao nível de infraestruturas, clientes e económicos, mas também do tipo de atividades que começaram por desenvolver)

L: Portanto, são cerca de 300 a 400 famílias que damos apoio e ajudas, isto falando em agregados familiar, em clientes propriamente ditos são cerca de 1000

M: Clientes é uma designação vossa?

L: Não, não M, é a designação da segurança social, antes era utentes, agora passou para clientes e nós temos de andar conforme as regras deles. Em relação ao nível económico como perguntaste, aqui o centro funciona com dinheiro da CERCI, é uma verba disponibilizada para aqui para além de todos os materiais e alimentos que requisitamos da sede e temos a verba que a segurança social nos dá, mas todo o dinheiro que gastamos temos de prestar contas, e caso não se gaste todo o dinheiro que nos dão também temos de justificar o porquê e muitas das vezes devolve-lo, são assim que funcionam estas coisas, é só burocracia para complicar a nossa vida.

M: Sr.L, pelo que sei o centro não funcionou sempre aqui onde estamos.

L: Infelizmente não, no início foi complicado gerir os espaços pequenos onde estivemos, mas logo de início começamos com uma pequena sala aqui a escola primária, onde se fazia o apoio ao estudo ao fim do dia, e durante o dia dávamos apoio à comunidade, mas nós tínhamos a noção que não podíamos continuar lá durante muito tempo, porque não tínhamos condições. Entretanto a CERCÍ entrou em contacto com o IRU e eles cederam-nos uma cave no bloco C, como tu conheces, apesar de ser pequeno, tínhamos mais condições, tinha uma sala, uma cozinha e um Wc. Mas com o passar do tempo eram cada vez pessoas que recorriam ao centro, a CERCÍ aos poucos foi conseguindo e amealhamos dinheiro para comprar o sítio onde estamos hoje, que é um apartamento completo, mas fizemos umas obras e abrimos divisões ficando com espaços mais amplos. Passado pouco tempo desta conquista, compramos mais uma cave, mais pequena, mas que hoje é o gabinete de atendimento, e é mesmo aqui ao lado, o que facilita a comunicação entre técnicos e a comunidade. Hoje em dia, temos três caves, bloco c, bloco a (armazém do centro), gabinete e aqui o nosso rés-do-chão.

M: Nesta questão só falta falar das atividades que começaram a ser desenvolvidas no centro.

L: Inicialmente as atividades que desenvolvemos foram o gabinete de atendimento, educação física, oficinas ocupacionais (música, carpintaria, serralharia e eletricidade), atividades ao ar livre e cursos de artes domésticas. Nós tentamos sempre adaptar a nossa intervenção para toda a população, porque no início estava muito debruçado para crianças e jovens, mas em 1999 passamos a trabalhar com os idosos com um clube de artes. Até porque, não sei se sabes ou se conheces, temos um mural que já foi inaugurado e que foi da autoria desses idosos.

M: Não, não conhecia, só conheço o mural que foi feito com os desenhos das crianças, o que vai ser inaugurado dia 1

L: Sim, sim, mas ainda temos outro, tenho de te mostrar!

M: Está bem Sr.L, que mais atividades foram desenvolvidas?

L: Ora bem, o centro teve sempre presente as questões de intervenção ambiental, abordando vários temas relacionados com o ambiente e também construímos um jardim. Muitas atividades também são desenvolvidas por estagiários e nós damos liberdade e apoio para o que eles querem desenvolver, porque para além de ser bom para eles também é para os jovens e para o próprio bairro. Temos também atividades que são aconselhadas pelas técnicas, como as questões da nutrição, distúrbios alimentares, alcoolismo, toxicodependência, bem, são aqueles temas da praxe que fazem sentido abranger tendo em conta os problemas que existem no bairro.

Como tu sabes, temos também os momentos de animação que abrange toda a comunidade, as festas de natal, o S. João, dia da mãe e do pai e outras sobre várias temáticas, tu já estiveste presente em algumas já sabes como é!

Tivemos o clube de artes, teatro e dança que são atividades que para além dos objetivos pedagógicos que os técnicos têm presentes e a ocupação dos tempos livres, têm contribuindo e muito para uma imagem positiva do bairro!

M: Porquê Sr. L?

L: Olha, porque fomos convidados para a animação de festas em instituições e no concelho de espinho e também porque até crianças e jovens fora do bairro vêm participar, o que antes isso não acontecia, porque os pais tinham receio de trazer os filhos para o bairro e felizmente esse estereótipo está a melhorar muito.

M: Isso é ótimo porque para além de haver a divulgação do trabalho feito aqui pelo centro, as pessoas fora do bairro começam a perceber que aqui é possível viver com segurança e com todas as condições!

L: Esse era o nosso grande objetivo, temos também o gabinete de atendimento integrado, que acompanha como tu sabes, situações de ação social e de RSI. O nosso centro faz parte da comissão local de acompanhamento do concelho de espinho e do núcleo executivo, que acompanham situações de famílias do bairro que tenham requerido o rendimento mínimo garantido e também participa em grupos de trabalho da rede social!

M: E aqui na mediateca?

L: Aqui funciona como um ponto de encontro das crianças e jovens e depois nós tentamos trabalhar com eles o espírito de equipa e temos tido resultados no sentido que as relações entre eles têm vindo a melhorar. Para além de todas as atividades que fazemos com eles, têm disponíveis livros, computadores, jogos, tudo o que precisam. Aqui na mediateca também temos uma vertente de informação, ou seja, ajudamos as pessoas com poucas habilitações que têm dificuldades em compreender certas cartas enviadas pelos vários serviços e nós tentamos explicar e explicar o processo para a resolução do problema que têm em mãos. Às vezes são simples cartas da EDP ou da PT com informações e publicidade, mas como não sabem ler, vêm aqui perguntar se é importante e se têm de fazer alguma coisa.

O gabinete Psicossocial e a sala de apoio ao estudo, que continua a funcionar na escola primária, promovem a reintegração na escola de alguns jovens em situações de abandono escolar através da articulação que nos fazemos entre a escola, a família e os jovens.

A intervenção comunitária que nós temos sempre em mente pressupõe um trabalho continuado e personalizado no sentido de proporcionar uma resposta social que vá de encontro necessidades dos nossos clientes.

M: Passando agora a outra questão, queria perceber que transformações têm sido sensíveis e visíveis desde o início do funcionamento do centro comunitário?

L: É assim, para nós o combate à exclusão social implica uma grande mudança de atitude e valores na população, o que é certo, é que esta mudança foi, é e será lenta porque passa-se por um processo de responsabilização dos indivíduos pelos próprios problemas, e o que nós fizemos foi dar as ferramentas para que comessem a ser autónomos.

M: Que ferramentas foram e são essas?

L: É a informação dos direitos civis, políticos e sociais, mas ao mesmo tempo alertamos para os deveres, ou seja, damos uma base e informação para que sozinhos resolvam as coisas de forma legal e com respeito por quem têm do outro lado.

M: O que notou mais?

L: Com estas bases que tentamos transmitir temos notado uma diferença na atitude e valores da comunidade, até porque se há mudança no meio tem de haver mudança nos indivíduos, está tudo ligado M. Também tentemos combater as desigualdades, porque sempre notei que este bairro sentia que era discriminado e principalmente na escola diziam que os miúdos do bairro era terríveis e isso deu-nos força para mostrar que os miúdos daqui são como os outros, tanto tem miúdos bem comportados como mal comportados, mas isso em qualquer local de uma cidade encontramos, é ridículo quando as escolas colocam rótulos nas crianças, foi por isso que através de vários serviços, metodologias e estratégias implementadas (sala de apoio ao estudo, acompanhamento familiar) tentamos atenuar as desigualdades sociais e o que é certo, é que o insucesso e o abandono escolar diminuíram!

M: Mas isso foi muito importante e relevante para estes jovens, porque sentiram que tinham alguém que os compreendesse e lhes desse força para continuar, quanto aos adultos, houve alguma medida?

L: Sim sim, a taxa de desemprego baixou, porque procuramos ajudar adultos e jovens adultos a atingir algumas metas que tinham e que estavam estagnadas, alguns era analfabetos e nós proporcionamos formações em diversas áreas para se sentirem realizados e facilitar uma entrada no mercado de trabalho, eu sinto que nós aqui, somos um espaço de formação e lazer, porque tentamos sempre que as pessoas se sintam completas de acordo com as necessidades que nos transmitem. Aqui tentamos sempre proporcionar também dinâmicas na comunidade, por exemplo festas organizadas com a ajuda dos próprios habitantes, para eles é enriquecedor e sentem-se úteis, isso acontece muito com as voluntárias, que tu já conheces, já estão reformadas, mas ocupam o seu tempo com a ajuda que nos dão e nos nossos ateliers.

Acho que nunca te tinha falado, e não sei se já te apercebeste, mas estas formações que te falei para proporcionar uma inserção no mercado de trabalho quer

com jovens, quer com os adultos, também é feita na freguesia de Anta para além do bairro e em São Félix da Marinha que é aqui ao lado.

M: Já me tinha apercebido por alguns processos que temos de alguns miúdos do apoio ao estudo e dos pais e as moradas não são daqui do bairro! Quer acrescentar mais alguma mudança que seja mais visível?

L: Acho que não, o mais importante eu falei e realmente é o que se tem notado mais e já me sinto contente por isso, mas vamos tentando sempre mais...

M: Então, passando à próxima questão gostaria que me explicasse a relação que o centro procura ter com a comunidade? E como gostaria que o centro fosse visto pelos habitantes?

L: Nós procuramos intervir com crianças, jovens adultos e idosos, como já te fui dizendo e também porque tu vês, porque para mim é essencial trabalhar com todos para estimular o desenvolvimento sociocultural pretendido por nós nesta comunidade e também a inserção socio económica deles, porque com toda esta crise o mais afetados e os que sentem mais são as pessoas com o historial das famílias que temos aqui no bairro, salários baixos, famílias monoparentais, situações de desemprego, enfim, muita coisa. Posso-te dizer que aqui na mediateca é o sítio com mais afluência de pessoas, quer crianças, quer adultos, e com este espaço mais familiar cativamos os miúdos para estarem cá enquanto a família não tem disponibilidade, e assim tenho a certeza que evitamos muitos problemas e comportamentos desviantes deles. A mudança de instalações, como também já te falei contribuiu muito mesmo para um maior número de pessoas, até porque com as melhorias das condições as pessoas aderiram mais aos nossos serviços e espaços.

Fazemos também a articulação com as famílias do bairro, como vês acontece ao longo de todo o dia e em muitos casos diariamente, alguns vêm solicitar ajuda, outros porque vêm buscar as crianças. Nós estamos sempre de porta aberta e no que podermos ajudar, ajudamos, quando não é da nossa competência encaminhamos para o local certo, em coisas mais informais, há sempre aquelas festitas organizadas por nós e aí deixamos de ser o doutor ou a doutora e somos o L e a M, e convivemos, rimos e fazemos a festa. Temos de distinguir quando são assuntos sérios e quando

estamos em momentos de lazer, isto aqui não tem o objetivo de afastar as pessoas, pelo contrário, tem o objetivo de chamar, e quando somos mais informais e brincamos com as crianças ou temos uma conversa mais descontraída com as famílias é porque nós para além de técnicos, somos pessoas que convivem e querem o bem-estar de todos.

M: Exato, esta relação leva a que as pessoas tenham uma opinião positiva ou negativa do centro?

L: Tenho a certeza que é positiva, sempre que ajudamos em alguma coisa agradecem, nunca deixam de vir cá e participar em atividades e festas, isso para mim quer dizer tudo!

M: Quer dizer que se sentem bem e gostam do centro?

L: Claro que sim, isto às vezes é uma segunda casa, eles têm e usam coisas aqui que não têm oportunidade de ter em casa e quando vêm para aqui é porque se sentem bem, seguros e gostam.

M: Para finalizamos a nossa entrevista e depois de falarmos um pouco de tudo o que faz parte deste centro, gostaria de saber que perspetivas existem para o futuro do centro?

L: Bem, eu sinceramente penso que com todas esta crise pelo que o país está a passar, só quero e peço para que as coisas se mantenham assim, porque apesar de haver muito trabalho para mantermos o centro, temos conseguido e isso é o mais importante. A nossa relação com os clientes é muito boa, apesar de às vezes termos de ser mais duros com algumas pessoas, mas tudo isso faz parte. Mas também não é por isso que deixamos de ter uma boa relação com a comunidade. A forma como eles vêm o centro é exatamente a imagem que eu queira que eles tivessem, é um sítio que podem recorrer para a resolução de problemas e um, local que os ajuda a integrar na sociedade. E o mais importante de tudo é ter o reconhecimento da comunidade e de entidades da cidade que aos poucos o bairro tem mudado mudo, a nível de imagem, pensamentos, tudo. Nós todos sabíamos que é uma mudança lenta e longa, mas a verdade é que essa mudança está sempre a acontecer. E se as coisas continuarem assim já fico muito feliz,

porque sinto que temos feito o que nos compete. E claro iremos continuar cá durante muito tempo, porque só depende da CERCI e do nosso trabalho.

M: Esperemos que tudo corra bem, e que este país fique melhor, porque assim tenho a certeza que o centro se mantém de pé por muitos anos, e depois desta comunidade deste bairro ter sido tão posta de parte nesta cidade, o que é certo, é que agora não se nota tanto essa diferença e isso é sinal do vosso trabalho e da mudança!

L: Claro que sim M, e eu estou grato a todos os funcionários e à comunidade que tem muito para nos mostrar!

M: Sr.L muito obrigada pela sua disponibilidade em me ajudar com esta pequena entrevista.

L: De nada, sempre às ordens M.

Apêndice III - Análise de Conteúdo da Entrevista

Categoria	Sub-Categoria	Conteúdo
Percurso da Instituição	Gênese	<ul style="list-style-type: none"> • “A CERCÍ tem como filosofia a identificação de problemas e a promoção de soluções, isto com o objetivo de combater a exclusão social, e como aqui na área de espinho, todos sabem que o bairro é e sempre foi o local para onde pessoas com problemas financeiros, e outros problemas mais graves, tráfico de droga, prostituição e então resolvemos atuar. Porque apesar da CERCÍ atuar tradicionalmente com pessoas portadoras de deficiência, formação profissional para a população com deficiência, desempregados de longa duração, beneficiários do RSI e também o apoio a idosos, nós tínhamos a noção que faltava ainda intervir com outro tipo de população. “ • “O Centro Comunitário iniciou a intervenção, não com o nome de Centro Comunitário, mas sim enquanto projeto “Construir a partir do insucesso” em Novembro de 1996, já vai fazer 18 anos e quem trabalha cá desde o início como eu, nem dá pelo tempo passar! Este projeto que falei é resultado do Programa Integrar (Medida I), a CERCÍ candidatou-se e o nosso projeto foi aprovado.” • “Entretanto surgiu dois estudos que foram realizados em Espinho que identificaram as áreas com maior incidência de problemas e de exclusão social e foi apontado desde início o Bairro da Ponte de Anta. Foi assim que surgiu a ideia de se criar uma infraestrutura neste bairro para fazermos apoio em áreas diversas.” • Nós tentamos sempre adaptar a nossa intervenção para toda a população, porque no início estava muito debruçado para crianças e jovens, mas em 1999 passamos a trabalhar com os idosos com um clube de artes. Até porque, não sei se sabes ou se conheces, temos um mural que já foi inaugurado e que foi da autoria desses idosos.”

	Constituição do Centro Comunitário	<ul style="list-style-type: none"> • “Enquanto fomos “Construir”, fomos parceiros de projetos internacionais, porque assim conseguíamos financiamentos para mais tarde avançarmos para um projeto com alicerces para nos mantermos cá. “ • “Portanto, são cerca de 300 a 400 famílias que damos apoio e ajudas, isto falando em agregados familiar, em clientes propriamente ditos são cerca de 1000.” • “Não, não M, é a designação da segurança social, antes era utentes, agora passou para clientes e nós temos de andar conforme as regras deles.” • “Em relação ao nível económico como perguntaste, aqui o centro funciona com dinheiro da CERCI, é uma verba disponibilizada para aqui para além de todos os materiais e alimentos que requisitamos da sede e temos a verba que a segurança social nos dá, mas todo o dinheiro que gastamos temos de prestar contas, e caso não se gaste todo o dinheiro que nos dão também temos de justificar o porquê e muitas das vezes devolve-lo, são assim que funcionam estas coisas, é só burocracia para complicar a nossa vida. “
	Programas Europeus	<ul style="list-style-type: none"> • “Foram os Programas Sócrates, Nónio e Leonardo da Vinci.” • “O Projeto Sócrates permitiu aqui aos habitantes do bairro o contacto com experiências de histórias orais e a sua importância em Itália, França e Alemanha. O projeto Nónio, proporcionou o contacto à população mais jovem com a informática, o que muitos deles tinham essa curiosidade e não tinham acesso em casa. Finalmente o projeto da Vinci, permitiu a divulgação do trabalho realizado no Centro e contactar com realidades, experiências estratégias de intervenção social, nos países onde se realizam os intercâmbios” • “Sim, sim, e Espanha. Depois em 2000, foi finalmente possível chegar a um acordo com a segurança social e estabeleceu-se definitivamente o Centro Comunitário enquanto serviço da CERCI e serviço para a comunidade deste bairro.”
Lógicas de Intervenção da Instituição	Informação	<p>“Aqui na mediateca também temos uma vertente de informação, ou seja, ajudamos as pessoas com poucas habilitações que têm dificuldades em compreender certas cartas enviadas pelos vários serviços e nós tentamos explicar e explicar o processo para a resolução do problema que têm em mãos. Às vezes são simples cartas da EDP ou da PT com informações e publicidade, mas como não sabem ler, vêm aqui perguntar se é importante e se têm de fazer alguma coisa.”</p>
	Mediação <ul style="list-style-type: none"> • Comunitária 	<p>“Ora bem, o centro teve sempre presente as questões de intervenção ambiental, abordando vários temas relacionados com o ambiente e também construímos um jardim.</p> <p>“A intervenção comunitária que nós temos sempre em mente pressupõe um trabalho continuado e personalizado no sentido de proporcionar uma resposta social que vá de encontro necessidades dos nossos clientes.”</p>

	<ul style="list-style-type: none"> • Com serviços Públicos 	<p>“Fazemos também a articulação com as famílias do bairro, como vês acontece ao longo de todo o dia e em muitos casos diariamente, alguns vêm solicitar ajuda, outros porque vêm buscar as crianças.</p> <p>“Aqui na mediateca também temos uma vertente de informação, ou seja, ajudamos as pessoas com poucas habilitações que têm dificuldades em compreender certas cartas enviadas pelos vários serviços e nós tentemos explicar e explicar o processo para a resolução do problema que têm em mãos. Às vezes são simples cartas da EDP ou da PT com informações e publicidade, mas como não sabem ler, vêm aqui perguntar se é importante e se têm de fazer alguma coisa.”</p> <p>“Nós estamos sempre de porta aberta e no que podermos ajudar, ajudamos, quando não é da nossa competência encaminhamos para o local certo, em coisas mais informais”</p>
	Animação	<p>“(…)educação física, oficinas ocupacionais (música, carpintaria, serralharia e eletricidade), atividades ao ar livre e cursos de artes domésticas.”</p> <p>“Como tu sabes, temos também os momentos de animação que abrange toda a comunidade, as festas de natal, o S. João, dia da mãe e do pai e outras sobre várias temáticas, tu já estiveste presente em algumas já sabes como é!”</p> <p>“Tivemos o clube de artes, teatro e dança que são atividades que para além dos objetivos pedagógicos que os técnicos têm presentes e a ocupação dos tempos livres, têm contribuindo e muito para uma imagem positiva do bairro!”</p> <p>“Aqui funciona como um ponto de encontro das crianças e jovens e depois nós tentemos trabalhar com eles o espírito de equipa e temos tido resultados no sentido que as relações entre eles têm vindo a melhorar. Para além de todas as atividades que fazemos com eles, têm disponíveis livros, computadores, jogos, tudo o que precisam.”</p>
	Apoios Técnicos	<p>“Inicialmente as atividades que desenvolvemos foram o gabinete de atendimento, (...)”</p> <p>Temos também atividades que são aconselhadas pelas técnicas, como as questões da nutrição, distúrbios alimentares, alcoolismo, toxicodependência, bem, são aqueles temas da praxe que fazem sentido abranger tendo em conta os problemas que existem no bairro.”</p> <p>“Esse era o nosso grande objetivo, temos também o gabinete de atendimento integrado, que acompanha como tu sabes, situações de ação social e de RSI. O nosso centro faz parte da comissão local de acompanhamento do concelho de espinho e do núcleo executivo, que acompanham situações de famílias do bairro que tenham requerido o rendimento mínimo garantido e também participa em grupos de trabalho da rede social!”</p> <p>“O gabinete Psicossocial e a sala de apoio ao estudo, que continua a funcionar na escola primária, promovem a reintegração na escola de</p>

		alguns jovens em situações de abandono escolar através da articulação que nós fazemos entre a escola, a família e os jovens.”
	Apoio Escolar	“O gabinete Psicossocial e a sala de apoio ao estudo, que continua a funcionar na escola primária, promovem a reintegração na escola de alguns jovens em situações de abandono escolar através da articulação que nós fazemos entre a escola, a família e os jovens.”
Infraestruturas	Inicialmente	“Infelizmente não, no início foi complicado gerir os espaços pequenos onde estivemos, mas logo de início começamos com uma pequena sala aqui a escola primária, onde se fazia o apoio ao estudo ao fim do dia, e durante o dia dávamos apoio à comunidade, mas nós tínhamos a noção que não podíamos continuar lá durante muito tempo, porque não tínhamos condições. Entretanto a CERCÍ entrou em contacto com o IRUH e eles cederam-nos uma cave no bloco C, como tu conheces, apesar de ser pequeno, tínhamos mais condições, tinha uma sala, uma cozinha e um Wc. Mas com o passar do tempo eram cada vez mais pessoas que recorriam ao centro, a CERCÍ aos poucos foi conseguindo e amealhamos dinheiro para comprar o sítio onde estamos hoje, que é um apartamento completo, mas fizemos umas obras e abrimos divisões ficando com espaços mais amplos.”
	Atualmente	“Passado pouco tempo desta conquista, compramos mais uma cave, mais pequena, mas que hoje é o gabinete de atendimento, e é mesmo aqui ao lado, o que facilita a comunicação entre técnicos e a comunidade. Hoje em dia, temos três caves, bloco c, bloco a (armazém do centro), gabinete e aqui o nosso rés-do-chão.”
Estereótipo do Bairro	Diferentes representações do Bairro	“Porque fomos convidados para a animação de festas em instituições e no concelho de espinho e também porque até crianças e jovens fora do bairro vêm participar, o que antes isso não acontecia, porque os pais tinham receio de trazer os filhos para o bairro e felizmente esse estereótipo está a melhorar muito.”
Transformações na Comunidade	Ferramentas para as transformações	“É a informação dos direitos civis, políticos e sociais, mas ao mesmo tempo alertamos para os deveres, ou seja, damos uma base e informação para que sozinhos resolvam as coisas de forma legal e com respeito por quem têm do outro lado.”
	Mudanças visíveis e sensíveis na comunidade	<p>“É assim, para nós o combate à exclusão social implica uma grande mudança de atitude e valores na população, o que é certo, é que esta mudança foi, é e será lenta porque passa-se por um processo de responsabilização dos indivíduos pelos próprios problemas, e o que nós fizemos foi dar as ferramentas para que comesçassem a ser autónomos.”</p> <p>“Com estas bases que tentamos transmitir temos notado uma diferença na atitude e valores da comunidade, até porque se há mudança no meio tem de haver mudança nos indivíduos, está tudo ligado M. Também tentemos combater as desigualdades, porque sempre notei que este bairro sentia que era discriminado e principalmente na escola diziam que os miúdos do bairro era terríveis e isso deu-nos força para mostrar que os miúdos daqui são como os outros, tanto tem miúdos bem</p>

		comportados como mal comportados, mas isso em qualquer local de uma cidade encontramos, é ridículo quando as escolas colocam rótulos nas crianças, foi por isso que através de vários serviços, metodologias e estratégias implementadas (sala de apoio ao estudo, acompanhamento familiar) tentamos atenuar as desigualdades sociais e o que é certo, é que o insucesso e o abandono escolar diminuíram!”
Relação Centro Comunitário com a Comunidade (vice-versa)	Relação do Centro com a comunidade	<p>“Nós procuramos intervir com crianças, jovens adultos e idosos, como já te fui dizendo e também porque tu vês, porque para mim é essencial trabalhar com todos para estimular o desenvolvimento sociocultural pretendido por nós nesta comunidade e também a inserção socio económica deles, porque com toda esta crise os mais afetados e os que sentem mais são as pessoas com o historial das famílias que temos aqui no bairro, salários baixos, famílias monoparentais, situações de desemprego, enfim, muita coisa. Posso-te dizer que aqui na mediateca é o sítio com mais afluência de pessoas, quer crianças, quer adultos, e com este espaço mais familiar cativamos os miúdos para estarem cá enquanto a família não tem disponibilidade, e assim tenho a certeza que evitamos muitos problemas e comportamentos desviantes deles. A mudança de instalações, como também já te falei contribuiu muito mesmo para um maior número de pessoas, até porque com as melhorias das condições as pessoas aderiram mais aos nossos serviços e espaços.”</p>
	Relação da comunidade com o centro	<p>“(…), há sempre aquelas festitas organizadas por nós e aí deixamos de ser o doutor ou a doutora e somos o L e a M, e convivemos, rimos e fazemos a festa. Temos de distinguir quando são assuntos sérios e quando estamos em momentos de lazer, isto aqui não tem o objetivo de afastar as pessoas, pelo contrário, tem o objetivo de chamar, e quando somos mais informais e brincamos com as crianças ou temos uma conversa mais descontraída com as famílias é porque nós para além de técnicos, somos pessoas que convivem e querem o bem-estar de todos.”</p>
Representação do Centro Comunitário	Como a comunidade vê o Centro Comunitário	<p>“Tenho a certeza que é positiva, sempre que ajudamos em alguma coisa agradecem, nunca deixam de vir cá e participar em atividades e festas, isso para mim quer dizer tudo!”</p> <p>“Claro que sim, isto às vezes é uma segunda casa, eles têm e usam coisas aqui que não têm oportunidade de ter em casa e quando vêm para aqui é porque se sentem bem, seguros e gostam.”</p>
	Futuro do Centro Comunitário	<p>“Bem, eu sinceramente penso que com todas esta crise pelo que o país está a passar, só quero e peço para que as coisas se mantenham assim, porque apesar de haver muito trabalho para mantermos o centro, temos conseguido e isso é o mais importante. A nossa relação com os clientes é muito boa, apesar de às vezes termos de ser mais duros com algumas pessoas, mas tudo isso faz parte. Mas também não é por isso que deixamos de ter uma boa relação com a comunidade. A forma como eles vêm o centro é exatamente a imagem que eu queira que eles tivessem, é um sítio que podem recorrer para a resolução de problemas e um, local que os ajuda a integrar na sociedade. E o mais importante de tudo é ter</p>

		<p>o reconhecimento da comunidade e de entidades da cidade que aos poucos o bairro tem mudado tudo, a nível de imagem, pensamentos, tudo. Nós todos sabíamos que é uma mudança lenta e longa, mas a verdade é que essa mudança está sempre a acontecer. E se as coisas continuarem assim já fico muito feliz, porque sinto que temos feito o que nos compete. E claro iremos continuar cá durante muito tempo, porque só depende da CERCI e do nosso trabalho.”</p>
--	--	---

Apêndice IV - Diários de Bordo

Diário de Bordo I - dia 16 Outubro 2013

Neste dia aconteceu a primeira abordagem à CERCÍ Espinho, uma vez que me dirigi ao local para saber se era possível realizar o estágio curricular, tendo em conta que esta instituição tem um trabalho muito importante no que diz respeito à inserção social de pessoas com deficiências, o que contribui assim para o desenvolvimento local, que sempre foi a temática que eu quis trabalhar. Assim sendo, a diretora da CERCÍ, Dr.^a Rosa Couto recebeu-me e perguntou qual era a minha área e o que eu queria abordar como tema de tese ou estágio e eu expliquei, foi então que ela falou do centro comunitário do bairro da ponte de anta que pertence à CERCÍ, dizendo que na opinião dela seria o melhor local para estagiar, uma vez que ali teria acesso a todos os recursos que necessito para trabalhar o meu tema.

Eu fiquei entusiasmada porque é um local de estágio que para além de poder abordar a temática que sempre quis trabalhar, posso aprender muito mais coisas para além disso, tendo em conta que é um local que trabalha com pessoas muito diferentes e com necessidades muito diversificadas.

A Dr.^a Rosa disse logo que aceitava o meu estágio, mostrando-se também agradada porque neste momento estão a precisar de recursos diferentes dos que têm tido até agora, sendo que nunca houve nenhum estágio na área das ciências da educação no CC. Deu-me o contacto do Dr. Lino, que é o responsável pelo CC e disse para lhe ligar passado três dias para combinar uma reunião com ele, sendo que ela no dia 18 tinha uma reunião com ele, onde ela iria dar conhecimento do meu estágio.

Diário de Bordo II - dia 23 Outubro 2013

A minha primeira ida ao Centro Comunitário teve como principal objetivo a reunião com o Dr. Lino para acertar pormenores em relação ao meu estágio. Quando cheguei ao bairro da ponte de anta, estacionei o carro, mas não tinha bem a noção para que sentido era o centro, isto porque, apesar de conhecer o bairro tendo em conta que vivi

lá durante a minha infância, aquela zona era-me desconhecida, isto porque o bairro é dividido em três fases de construção e por norma em cada fase habitavam pessoas de etnias e classe social diferente. Daí o motivo de eu não conhecer muito bem a parte onde está o centro comunitário, mas como estava a dizer não tinha muita noção de onde era o centro, e logo ao lado do meu carro estavam duas senhoras à conversa e eu dirigi-me a elas a perguntar onde era o centro e de uma forma simpática uma das senhoras acompanhou-me até lá, pelo caminho perguntou-me se eu iria trabalhar para lá, eu disse que ia estagiar e a senhora rapidamente me respondeu que no centro é preciso caras novas porque as crianças gostam sempre de ter lá gente nova, eu sorri e perguntei se ela também ia lá algumas vezes e ela disse que sim, as vezes para ajudar nas limpezas e outras vezes para conviver e participar nos ateliês de trabalhos manuais (croché, renda).

Quando entramos no centro, a senhora que me acompanhou chamou logo o Dr. Lino e ele apareceu de imediato, e perguntou se eu era a estagiária que estava a espera e eu disse que sim e fomos logo para o gabinete dele. No percurso até ao gabinete passei pela sala onde as crianças e jovens têm os jogos, sofás e onde podem conviver.

O Dr. Lino começou a conversar comigo de uma forma muito descontraída, perguntado quantas horas seria o estágio, perguntou qual seria o meu tema de estágio e eu expliquei que o meu principal objetivo era trabalhar as questões de desenvolvimento local e ele, dando um ar de riso, disse logo que melhor local era impossível, dizendo que tem a noção que aquele centro contribui para que todos naquele bairro se sintam apoiados para que possam melhorar as suas vidas a todos os níveis. Eu não tive oportunidade de conhecer as pessoas que trabalham no centro, mas o Dr. Lino explicou que a auxiliar que esta sempre com as crianças é o seu braço direito porque só ela e ele é que conhecem aquele bairro e aquelas pessoas como mais ninguém conhece no centro. Depois falou da psicóloga dizendo que é uma pessoa muito acessível e muito atenta às famílias do centro e do bairro, sendo que algumas famílias apesar de não frequentarem o centro, têm apoio da psicóloga e da assistente social, sendo que há um gabinete fora do centro em que qualquer pessoa pode ir lá e expor a sua situação quer psicológica que social. As assistentes sociais, trabalham num gabinete ao lado do centro, isto porque apesar de pertencer ao centro estão num gabinete ao lado para fazerem os atendimentos com mais privacidade.

Depois de falar das pessoas que trabalham no centro, falamos da data do início do estágio e ele sugeriu dia 4 de Novembro e eu aceitei de imediato, porque estava livre e vontade já tinha eu de ter começado o estágio a algum tempo. O Dr. Lino disse para eu

me preparar porque há casos muito simples e que são crianças que têm apenas carências económicas, mas há casos em que existem carências económicas e afetivas e esses são os casos piores e mais delicados. Também referiu que quando o centro abriu, desde logo com ele como responsável, foi com o objetivo também de criar uma união entre aquelas crianças e jovens, tendo em conta que muitos deles não têm famílias e ali podem formar uma sentindo-se apoiados. Em seguida falou dos adultos do centro, estes não estão lá diariamente, mas frequentar os ateliês que têm disponíveis e também têm acompanhamento e ajudas para encontrarem trabalho e muitas das vezes progredir na formação escolar.

Depois pediu desculpa por ser muito falador, mas que gostava de fazer com que todos se sentissem bem no centro e a forma dele de receber as pessoas é explicar o máximo que pode, mas tal como ele disse, não há nada como estar lá para ficar a conhecer e perceber como funciona e trabalha o centro.

Quando me estava a vir embora, o Dr. Lino disse as crianças que estavam lá, que eu era a marisa e que ia para lá trabalhar e ajuda-los e um deles veio logo á minha beira a dizer o nome (R) e que depois queria brincar porque ainda não tinha idade para estudar e eu simplesmente sorri e disse que claro que ia brincar com ele. Os restantes olharam para mim e sorriram e disseram adeus. Despedi-me do Dr. Lino agradecendo a disponibilidade dele e do centro para me receberem.

Quando estava a caminho de casa, vinha a pensar e senti-me mesmo bem, tendo em conta que vou poder trabalhar na área que quero aprofundar e também na forma como fui tratada pelo responsável do centro e com tudo o que ele já me disse para me sentir mais à vontade. Acho que vai ser uma experiencia muito boa e enriquecedora, porque no meu ponto de vista para além de poder trabalhar o tema que quero, tenho a oportunidade de estar em contato com realidades muito diferentes da minha e que infelizmente existem cada vez mais na nossa sociedade.

Diário de Bordo III – dia 4 de Novembro 2013

O meu primeiro dia de estágio começou as 9h da manha quando cheguei ao CC. Quando cheguei só estava a auxiliar, Dona Zéza (Maria José) a limpar o centro e o Dr. Lino a tomar um café. A primeira coisa que fiz foi conhecer melhor o centro com o Dr.

Lino. No hall de entrada do centro tem uma série de papéis afixados com o regulamento do centro, os contactos mais importantes em caso de alguma urgência (bombeiros, hospital, centro de saúde, câmara municipal de espinho e policia), todas as valências do centro e o funcionamento das mesas, ou seja, a mediateca e o espaço internet; o GAI (gabinete de atendimento integrado); o GAP; a sala de apoio ao estudo; a aeróbica; o clube de artes decorativas; o espaço de convívio; o espaço de mediação social; o grupo de pais; e o atelier de Modelismo. De seguida, tem uma sala onde se encontra a mediateca, o espaço de convívio e um wc; tem também uma cozinha que serve apenas para servir pequenos almoços e lanches tendo em conta o seu tamanho, o gabinete da psicóloga, uns arrumos e a sala do espaço internet.

Nestes primeiros dias o Dr. Lino aconselhou-me a observar todas as rotinas do centro, e avisou-me que a da parte da manhã tem pouco movimento, aparecendo alguns idosos para tomar o pequeno-almoço e a medicação, acabando por ficarem lá uma boa parte da manhã na conversa e também aparecem algumas crianças, por norma as mais novas, tendo em conta que não têm escola. Assim durante a manhã ajudei a dona Zéza a dar o pequeno-almoço às crianças, estive a ver um pouco de televisão com eles porque diziam que não tinham vontade de fazer nada porque tinham muito sono, mais no fim da manhã, comecei com uma atividade de trabalhos manuais relacionados com o natal, arvores de natal, e outros objetos feitos com rolhas de cortiça, tecido e papeis de cor, para mais tarde se vender. Eu cortava as rolhas, tendo em conta que as crianças são muito pequenas para fazer isso, e eles decoravam as rolhas e depois eu colava-as. Durante a manhã foram aparecendo várias pessoas do bairro, umas para imprimir documentos, outras para tirarem fotocópias, outras para falarem com a psicóloga ou com o Dr. Lino e outras apenas para estarem sentados no sofá a passar algum tempo junto das crianças, por norma já era pessoas reformadas e que estão sozinhas em casa.

Às 14h00 o centro volta a abrir, mas com muitas crianças e jovens, a maioria chega e faz os trabalhos de casa, pedindo ajuda quando têm dúvidas ou dificuldades em algumas coisas, pelo que percebi alguns estão integrados no ensino especial, percebi isso através de uma conversa entre dois jovens, em que um perguntava ao outro o que faz no ensino especial, porque é mais fácil do que a escola normal. Uma menina veio ter comigo enquanto estava com os mais pequenos na continuação da atividades que estávamos a fazer da parte da manhã e abordou-me por causa de uma dúvida na interpretação de um texto e como tal ajudei-a a perceber uma questão e ela de imediato soube logo onde estava a resposta no texto. Enquanto estas atividades decorriam em simultâneo, iam entrando

várias pessoas do bairro tal como na parte da manhã, mas aconteceu uma situação diferente, uma vez que apareceu um toxicodependente e dirigiu-se a dona Zéza a perguntar pela doutora Liliana porque tinha marcada uma consulta com a psicóloga, mas naquele momento ela estava ocupada e ele muito chateado começou a levantar o tom de voz e a insinuar que as pessoas do centro estavam a “brincar com ele”, a doutora Liliana ouviu e veio imediatamente cá fora e disse que ele não tinha razão nenhuma porque marcam as consultas com ele às 10h00 e ele só aparece às 16h30, dizendo que o estão a querer ajudar, mas ele é que não facilita as coisas porque não cumpre com os horários e aparece sempre que ela está ocupada. Chateado o senhor virou costas à doutora e saiu do centro a insulta-la. A doutora simplesmente não deu importância aos insultos para que a discussão terminasse e voltasse à consulta que estava a dar. Durante uns momentos o ambiente ficou um pouco pesado, mas depois voltou tudo ao normal.

Entretanto, chegou a hora do lanche a Dona Zéza chamou-me para lanchar com a Dr. Liliana e com o Dr. lino, para depois todos juntos darmos o lanche a aproximadamente 30 crianças e jovens que estavam naquele momento no centro. Assim que levamos as sandes e o leite até à sala de convívio que é onde há mais espaço e mesas para poderem estar confortáveis a comer, eles levantaram-se todos e começaram todos a falar ao mesmo tempo, até que o Dr. lino levantou a voz e disse “silêncio, com calma, porque todos vão ter lanche”, assim eles acalmaram-se e conseguimos distribuir por todos o lanche. Em seguida ajudamos a dona Zéza a arrumar e eles voltaram a brincar, uma vez que já tinham feito os trabalhos de casa, porque pelo que percebi hoje, nem todos fazem no centro os tpc’s, uma vez que os que têm dificuldades mais acentuadas têm a sala de apoio ao estudo por volta das 18h00, que fica na escola primária do bairro, tendo apoio de professores para os ajudarem. Assim, depois do lanche, uns pitam, outros vêem tv, alguns jogam play station e outros vão para a sala dos computadores até ao centro fechar (18h00).

Foi neste momento depois do lanche que uma das meninas (Leonor) sentou-se mesmo ao meu lado com um desenho e começou a perguntar de que cor podia pintar algumas partes do desenho, eu em primeiro lugar perguntei como se chamava e ela perguntou-me em seguida o mesmo e depois disse-lhe que ela podia pintar o desenho ao gosto dela e que podia ser criativa, de imediato respondeu-me que gosta de “inventar coisas nos desenhos”, eu sorri e disse que ela com aquele desenho podia fazer o mesmo. Enquanto pintava perguntou-me se eu ia para lá todos os dias, quantos anos tinha, onde vivia, mas ao mesmo tempo que eu respondia fazia-lhe também a ela a pergunta e ela respondia. A Leonor tem 8 anos e faz anos no dia 23 de Julho e segundo ela, pode fazer

festa de aniversário porque está sol e nunca tem aulas neste dia. Entretanto, o centro estava na hora de fechar e fiquei “chocada” com o facto de apenas três mães terem aparecido para irem buscar as crianças, uma delas era a mãe da Leonor. Para mim apesar de viverem todos no bairro, há casa que ainda ficam distantes do centro e alguns deles ainda são tão pequenos que me fez bastante confusão ninguém os vir buscar tendo em conta que iam sozinhos e aquela hora já era bem escuro.

Depois de todos irem embora, a dona Zéza disse que estava admirada com a Leonor, porque disse que ela é muito envergonhada, mas veio ter comigo e conversou imenso. Mesmo antes de vir embora, duas senhoras bateram à porta e eu fui abrir, estavam bastante aflitas a dizer que queriam falar com o Dr. lino, foi logo chama-lo e o assunto tinha a ver com um funeral de um familiar que será amanhã, mas falta-lhes um papel para entregar na funerária e não sabiam como podia fazer para o obter, o Dr. lino ligou para um amigo que trabalha na junta de freguesia de anta e ele explicou como as senhoras tinham de fazer.

Quando se foram embora o Dr. Lino olhou para mim e disse, “Ana o que tens a dizer disto”, eu respondi, “ pelo que estou a perceber é que mesmo assuntos que não tenham nada a ver com o bairro, com o centro e com as crianças, as pessoas recorrem na mesmo ao Dr. para as ajudar”, e ele disse, “ora nem mais, sabes as vezes fico cansado disto porque estou sempre sobrecarregado com coisas externas, mas ao mesmo tempo, não consigo nem posso dizer que não a estas pessoas, porque a verdade é que ninguém lhes dá o apoio e informação que eles merecem, as entidades não entendem que têm de explicar as coisas de formas mais clara para que consigam ser independentes e resolverem as coisas sozinhos”, eu respondi dizendo que assim ela contribuía para o desenvolvimento social das pessoas porque ajuda-as a esclarecer dúvidas, ele sorriu e disse, “tens toda a razão”. Passado uns minutos fechamos o centro.

Este dia foi muito longo, porque tive de estar atenta a tudo, tendo em conta que foi tudo novidade e queria captar o máximo de informação possível. Apesar de não ser explicito este centro ajuda muito mais pessoas para além das famílias que estão inscritas no centro, porque vem muitas pessoas para falar com o Dr. lino para serem encaminhadas para formações, para se integrarem nos ateliês e atividades do centro e também para encontrarem empregos, ou seja, tudo isto contribuiu para o desenvolvimento local e pessoal.

Diário de Bordo IV - dia 6 Novembro 2013

Hoje a parte da manhã foi muito semelhante à manhã de segunda-feira, com poucas diferenças, sendo que houve uma formação de informática para adultos que recebem o rendimento de inserção social, é financiada por uma entidade exterior, tal como o formador é externo. Durante a manhã estive com a Dr.^a Liliana a acompanhar as crianças no pequeno-almoço e na continuação da atividade com rolinhos para fazer objetos para o natal. Eu estive a cortar as rolinhas e a recortar tecidos para as crianças depois decorarem os objetos conforme quisessem.

Ao longo da manhã apareceram três senhoras de etnia cigana com umas dúvidas por causa de umas cartas, isto porque não sabem ler e não sabiam se era assuntos importantes ou não, uma delas era apenas uma carta da PT com publicidade, mal expliquei à senhora ficou logo descansada e foi-se embora, mas a ideia dela inicialmente era ir fazer “barulho” para a PT. Quanto às outras senhoras era cartas da segurança social, tendo a ver com os rendimentos de inserção social, nestes casos chamei a assistente social para as ajudar, uma vez que tem os processos das pessoas e sabem como as apoiar.

Ao fim da manhã apareceu uma senhora (dona rosa), a fazer queixa da filha, uma vez que mal tratou a senhora e a própria filha, e estava a pedir ajuda ao Dr. Lino para arranjar trabalho à filha porque senão tem de a pôr fora de casa, uma vez que a dona rosa é que tem a guarda da neta, não a quer prejudicar com os maus tratos da mãe. A senhora estava a chorar e o Dr. Lino prometeu-lhe que hoje a tarde ia falar com a filha dela e para se acalmar que ninguém lhe ia tirar a netinha, porque a maior preocupação da senhora é mesmo essa. Pelo que percebi o Dr. Lino tentou tranquilizá-la e vai ter o papel de “mediador” entre a dona rosa e a filha, uma vez que esta mostra-se sempre intransigente com a mãe e já não conseguem conversar com calma.

No início da tarde estive a fazer um molde de um presépio (cabana), para as crianças depois fazerem um e decorar ao gosto delas. Quando chegaram gostaram da ideia e começaram logo a fazer e enquanto faziam já falavam do natal a dizer que ainda tinham de escrever a carta ao pai natal porque apesar de ser sempre muito grande só recebiam uma prenda, e eu disse, mas o pai natal só pode dar uma a cada criança senão não tinha dinheiro para dar a todos, e eles mais satisfeitos, disseram que mais valia assim do que

não receber nenhuma. Eu nunca pensei ter capacidades para fazer um presépio com rolhas e bolas de ping pong, começo a achar que até eu estou a superar algumas dificuldades.

Durante a tarde houve um episódio que mexeu muito comigo, foi a dona rosa ter voltado com neta para o centro porque a filha lhe tinha batido, ainda vinha marcada, a doutora Liliana pediu-me de imediato para ficar com a menina porque ela foi para o gabinete falar com a dona rosa. A menina estava calma, eu perguntei-lhe o que ela queria fazer, e ela disse que queria fazer um presépio como os outros meninos, eu levei-a até lá e ajudei-a uma vez que não tinha rolhas cortadas para ela, depois perguntei se queria comer alguma coisa e ela disse logo que sim, fui fazer uma sande e trouxe para a sala para ela comer. Quando a avô regressou chamou-a logo e mostrou toda contente o que estava a fazer, a avô sorriu e disse, “vai ser esse o nosso presépio filha”, a menina ficou toda satisfeita, continuando o que estava a fazer.

Hoje recebemos também uma estagiária do 9ºano de um curso relacionado com ajudante de cozinha, chama-se Graça, mas para além de ser estagiária, também é utente do centro, juntamente veio uma auxiliar da CERCÍ que agora vais estar no centro para dar apoio à dona Zéza. A dona Clara tem uma pequena deficiência na mão, mas é muito autónoma e dinâmica, pelo que percebi nesta altura do ano ela vem sempre para o centro ajudar nas tarefas, tendo em conta que se aproxima uma época festiva e que há muitos trabalhos manuais para fazer, para além do cuidado com as crianças, jovens, adultos e idosos.

Falando de uma situação que no meu ponto de vista é bem mais agradável, é em relação a uma menina, a catarina, que é a típica “vareira de espinho”, isto porque a mãe dela é peixeiras formas de falar, a forma de estar e a própria personalidade, porque os vareiros têm uma forma de ser que mais ninguém tem. Esta menina a falar com os colegas é cómica, porque parece uma adulta em ponto pequeno e ralhar tal como as vareiras fazem umas com as outras, mas fá-lo sem ofender e sem ser mal-educada.

Ao fim do dia, antes de irem embora foi-lhes entregue a pedido do Dr. Lino um documento para entregarem aos encarregados de educação que corresponde a um pedido de várias documentações (despesas, rendimentos, etc), para que possam calcular a mensalidade que as crianças vão ter de começar a pagar a partir de janeiro, ou seja, inclui, lanches, sala de estudo, uso de computadores, fotocópias etc. pelo que percebi cada criança e jovem vai pagar conforme as despesas e rendimentos do agregado familiar. Apesar desta medida ter de ser tomada, tendo em conta os cortes de verbas da segurança social e também porque foram “obrigados” a implementar esta medida, embora, ainda

não consegui perceber muito bem porquê, mas pelo que deram a entender tem a ver com novas leis em relação aos centros comunitários, contudo, nenhuma das crianças vai pagar mais de 5 euros por mês. Existe muitas dificuldades monetárias para poder ajudar todos os que recorrem ao centro, e é por isso que o Dr. Lino tomou esta decisão. Antes de me vir embora o doutor disse-me que para a próxima semana iria começar a acompanhar mais de perto todo o trabalho da psicóloga e assistente social, e que esta semana serviu mais para me ambientar e para as crianças me conhecerem.

Diário de Bordo V - dia 7 Novembro 2013

Logo pela manhã tivemos de fazer uma seleção de brinquedos, porque estavam duas senhoras de uma instituição que desconheço o nome, mas que vêm algumas vezes ao centro para que lhes seja oferecido alguns materiais. Isto porque, no centro para além de haver dificuldades, há muita coisa que é doada por muitas parcerias que são estabelecidas com entidades da cidade e não só, assim, há sempre alguma coisa que se possa oferecer a instituições que igualmente também precisam de ajuda. Logo, eu a Dr.^a Liliana e a dona Zéza fomos a arrecadação e trouxemos brinquedos que tínhamos repetidos e material escolar.

Depois, a doutora Liliana pediu-me ajuda para ver os materiais que tínhamos disponíveis para nós e o que íamos precisar para fazer brindes de natal e objetos para venda. A verdade é que tivemos de despende de bastante tempo para esta tarefa, tendo em conta que tivemos de contar o que tínhamos arrumado e fazer uma estimativa do que se ia precisar. Após termos feito uma grande lista, fizemos um requerimento à CERCÍ com alguns dos materiais em falta e os restantes fomos comprar, isto porque, há materiais que o centro tem de comprar com as próprias verbas.

A manhã já estava praticamente completa, tendo em conta que também despendemos de algum tempo nas compras, sendo que fomos a várias livrarias e papelarias, porque cada uma delas oferece-nos descontos em certos materiais. Quando chegamos ao centro arrumamos logo tudo, porque o espaço é pouco e tem de estar sempre tudo organizado para que não haja grandes confusões.

Da parte da tarde, tiramos fotografias aos presépios que já estavam feitos para colocar na internet para que além das feiras que a CERCÍ faz de venda de objetos, estivessem disponíveis numa plataforma que oferece muito mais publicidade. De seguida

ajudamos as crianças a acabar os presépios que faltavam, enquanto concluíamos essa tarefa o Dr. lino recebeu um telefonema de uma funcionária da CERCÍ para encomendar mas 6 presépios, isto porque os funcionários já tinham visto as fotos que a doutora Liliana enviou e pediram automaticamente para eles os nossos trabalhos. Ficamos mesmo contentes com a novidade, porque para além de se fazer algum dinheiro com isto, o trabalho que temos tido está a ser reconhecido e divulgado.

Antes do lanche, fizemos uma seleção em conjunto com as crianças e jovens de desenhos de natal para depois os reproduzirmos em conjunto. Posteriormente, tivemos todos a jogar um jogo orientado pela Dr.^a. Liliana, que se baseava em papéis a circular com o nome de cada um e depois cada colega escrevia uma virtude e um defeito da pessoa que estava no papel, no fim cada um ia recolher o papel e ler para si os que os outros escreverem a cerca de si mesmos, depois cada um dava a sua opinião em relação ao que disseram no papel. Na maioria dos casos as reações foram muito positivas porque apesar de todos terem vários defeitos (teimoso, irrequieto, falador, barulhento, entre outros) a parte positiva superou na maioria dos casos, porque os adjetivos a que se referiam tinham um grande valor, ou seja, amigo do seu amigo, companheiro, fiel, etc. este jogo tinha o objetivo de eu os conhecer melhor e também de trabalhar a própria autoestima de cada um, para que percebam que todos têm virtudes, por muito que lhes digam que são malcriados, pobres entre outros adjetivos menos agradáveis que lhes são ditos nas escolas. Esta situação foi-me transmitida pela psicóloga, porque como vivem num bairro e muitos deles têm várias carências, há crianças nas escolas que são bastante cruéis com eles.

Diário de Bordo VI - dia 8 Novembro 2013

Hoje a manhã começou com alguma confusão, isto porque as crianças que andam na escola primária mesmo em frente ao centro não tiveram escola devido à greve geral da função pública, e o que aconteceu foi que vieram todos para o centro. Assim sendo, para além de alguns idosos que estavam no centro como é normal da parte da manhã tínhamos as crianças que estavam excitadas por não ter aulas e então tornou-se um pouco difícil de as controlar. Eu, a doutora Liliana e a dona Zéza dividimos as crianças em três grupos (trabalhos de casa, jogos/desenhos e jogos na wii e playstation) que depois iam rodando pelas três. Eu fiquei responsável com os jogos de mesa e os desenhos, conseguindo passar

assim a manha no centro com mais calma e ao mesmo tempo as crianças faziam os trabalhos de casa e brincavam.

Pelo que tenho percebido as duas assistentes sociais do centro não passam tanto tempo com as crianças, porque estão num gabinete fora do centro a atender as famílias e também em reuniões com a segurança social em conjunto com as famílias e com outras entidades com as quais existe parecias com o centro e a CERCI. Outra situação a qual tenho estado atenta é a organização do centro, ou seja, na forma como os responsáveis e funcionários do centro reagem aos vários acontecimentos a que o centro está sujeito (grande quantidade de crianças, discussões entre famílias dentro do centro, discussões entre usuários do centro e psicóloga/assistente social/ doutor Lino) e o que tenho concluído é que já estão tão habituados a estas situações que facilmente encontram uma solução, mesmo não estando o doutor lino alguém toma as “rédeas” e organiza tudo.

Depois desta manha mais agitada, estávamos também a contar com uma tarde complicada, porque para além das crianças já à tarde os jovens vão aparecendo ao longo de toda a tarde. Assim, à tarde alguns tiveram consultas com a doutora Liliana, o que implica que estava eu, a dona Zéza e a dona clara responsáveis por todos. Como a dona clara tem uma pequena deficiência existem atividades que ela não consegue fazer, por isso, a quem estava a precisar de estudar ela deu apoio, eu estive com os mais pequenos a fazer anjos do natal em cartolina e algodão e também quem queria desenhar também estava a minha beira. Os restantes, a dona Zéza estava a tomar conta deles, porque o barulho tinha mesmo de ser controlado, uma vez que na sala de informática estava a decorrer uma formação.

Na atividade que eu estava a fazer com eles, eu fazia os moldes do anjo e as crianças recortavam e depois eu ajudava-os a colar, um dos meninos (Paulo) queria fazer o cabelo do anjo amarelo e aos caracóis, como é óbvio arranjei uma solução para que ele colocasse a criatividade dele em prática, fui pedir lã a dona Zéza para ele fazer o cabelo do anjo e assim ele trabalhou a lã até conseguir fazer o que queria, no fim apesar do dele ser o único diferente, era o que estava mais engraçado e até de uma certa forma, mais parecido com a imagem que todos nós temos dos anjos.

Ao fim do dia, quando todos foram embora, o centro estava todo ele uma grande desarrumação, mas com todos os funcionários a ajudar conseguimos facilmente com que voltasse tudo à normalidade. Foi um dia desgastante, porque apesar de conseguirmos controlar a confusão e o barulho, cada uma de nós tinha de se desdobrar para muitas crianças e jovens. A dona Zéza disse que estava habituada aquilo porque nas férias da

escola é sempre assim, no verão a única vantagem é que as crianças podem ir para o parque que fica em frente ao centro.

Diário de Bordo VII - dia 11 Novembro 2013

Quando chegamos ao centro cada uma de nós (funcionarias e estagiária) trazíamos encomendas de presépios de natal, automaticamente ficamos entusiasmadas, mas ao mesmo tempo percebemos que vamos ter bastante trabalho, mas para começar anotamos todas as encomendas e logo de seguida começamos a fazer alguns trabalhos do presépio para adiantar para a tarde, assim as crianças mal chegarem começam a trabalhar em conjunto connosco.

A meio da manha fui com a dona Zéza e com a doutora Liliana ver a sala de artes decorativas que fica noutro bloco do bairro onde os adultos têm o atelier de artes e também onde se fazem as pinturas. A caminho de volta para o centro foram-me mostrar uma parede que estão a colocar azulejos de desenhos feitos pelas crianças do centro do próprio bairro, é uma pintora que vive no bairro que esta a passar os desenhos para os azulejos e os funcionários da câmara estão agora a cobrir um muro de uma das entradas do bairro com os mesmos. Uma parte esta a retratar o centro comunitário, e quando acontecer a inauguração deste muro, em princípio será organizado pelo centro e chamar-se-á todas as crianças que fizeram aquelas desenhos, isto porque, muitos deles já não vivem no bairro ou então já não estão no centro. Este projeto já estava pensado há alguns anos, mas só agora é que se proporcionaram todas as condições para o realizar.

Quando chegamos ao centro estava a dona Mercedes, que é uma senhora que vive no bairro, à nossa espera por causa das golas feitas em lã que são vendidas pelo centro nesta época natalícia e a senhora divide os lucros com o centro, ou seja, hoje de manhã foi ter connosco para escolhermos as lãs para fazer as peças para venda no natal, isto porque o centro para além das vendas feitas através da internet, provavelmente vai participar numa feira de solidariedade organizada pela camara municipal.

Com tudo isto em relação às vendas apercebi-me que tanto a dona Zéza, como o doutro lino querem que as pessoas venham buscar as nossas peças diretamente ao centro, ou seja, quando alguém encomenda alguma coisa tem de vir buscar as nossas instalações, porque no ano passado tudo o que fizeram foi enviado para a CERCI e os lucros ficaram todos lá, não houve a divisão dos mesmos, e apesar de pertencer tudo á

mesma instituição eles não acharam correto não terem nenhum tipo de reembolso do trabalho e materiais gastos com os objetos de natal, assim este ano, ficou definido que tudo o que pedirem que é feito pelo centro é lá que têm de levantar e assim também é uma forma de conhecerem as nossas instalações, uma vez que a maioria dos Espinhenses não conhecem o centro e têm um pensamento negativo em relação ao bairro, o que é errado, porque desde que estrou lá tenho-me apercebido de muitos problemas, mas ao mesmo tempo há uma grande interação entre os habitantes, e entre o centro e os moradores. Para mim, faz sentido esta decisão, porque tal como o trabalho dos deficientes da CERCI é reconhecido e conhecido, o trabalho destas crianças e jovens também tem de ser.

Durante a tarde, fizemos castanhas assadas numa fogueira no parque de estacionamento em frente ao centro, uma vez que hoje é dia de São Martinho, à medida que as crianças iam chegando da escola, íamos juntado todas as castanhas, isto porque cada um teve de trazer meia dúzia, depois o doutor lino fez uma grande fogueira em conjunto com um funcionário da câmara e depois assamos todas as castanhas, fazendo jogos enquanto eram assadas. Fizemos o “lencinho vai na mão” mas em vez de um lenço fizemos com o ouriço das castanhas, quando se apagou a fogueira, fizemos o jogo de saltar a fogueira e os miúdos não resistiram em pegar no carvão e andaram a enfarruscarem-se uns aos outros. Quando começou a anoitecer voltamos para dentro e alguns começaram a fazer os trabalhos de casa e os que iam para o apoio ao estudo depois das 18h00 estiveram a fazer presépios. Numa fase inicial pensei que eles não iam achar grande piada aos presépios, mas como sabem que o dinheiro que vamos fazer com a venda dos mesmos é para comprar coisas para o centro, andam todos entusiasmados e querem fazer tudo o mais rápido possível, é por isso que é sempre necessário a nossa supervisão para “aldrabarem” o trabalho.

Antes de irmos embora, encontramos a Gracinha (estagiária e utente do centro) na cozinha com a porta fechada a chorar, ao início não nos queria dizer o que se passava, mas a doutora Liliana insistiu e foi fazendo perguntas porque sabia que ela este fim-de-semana tinha ido a lisboa, ter com a mãe biológica, isto porque a menina vive no bairro com a família de acolhimento, e ela acabou por dizer que não consegue estar com a mãe porque não a trata como uma filha e que para ser tratada assim nunca mais quer ir a lisboa, disse também que a família dela eram os pais adotivos e os irmãos daqui e que quando fizer 18 anos que aí já a ninguém pode obrigar a ir a lisboa, a doutora tentou acalmá-la e disse que ela apesar do que ela estava a sentir tem de se sentir feliz porque tem uma verdadeira família que gostam muito dela, a gracinha ficou mais serena e pediu para não

contarmos a mais ninguém, e como é obvio dizemos que sim e que quando se sentir assim pode ir ter com a doutora Liliana ou com alguém com que se sinta à vontade para conversar.

Diário de Bordo VIII - dia 13 Novembro 2013

Hoje só fui para o centro comunitário da parte da tarde, quando cheguei ainda estavam poucas crianças, mas duas delas precisavam de fazer alguns trabalhos de casa. Eu ajudei uma menina (catarina) e a doutora Liliana um rapaz (Antero). A catarina tinha de acabar um trabalho que consistia em fazer um resumo de um texto de 4 páginas, e a professora disse que só podiam ocupar no máximo 2 páginas e meia, Ela dizia que era impossível, que não sabe escrever pouco, eu disse que se ela fizesse tal como a professora explicou que aí conseguir, foi então que começou por ler paragrafo a paragrafo e a tirar notas de lado a ideia que cada parágrafo queria transmitir. Depois desta tarefa disse-lhe para reler todos os comentários dela e passar esses comentários a texto, mas por palavras dela. Eu ia ajudando com algumas dúvidas que ela tinha de interpretação do texto, mas depois conseguiu fazer um texto sozinha e com 2páginas e umas linhas. No fim, ficou toda satisfeita de ter conseguido cumprir o objetivo, isto porque pensava que não seria capaz.

Enquanto isto, as restantes crianças foram chegando, e como sempre, chegam em pulgas para fazer as atividades de natal. Mas antes de começar fui à beira dos mais velhos perguntar se precisavam de ajuda para alguma coisa e a perguntar o que queriam fazer, isto porque, não impomos atividades a ninguém, tendo em conta que a filosofia do centro não é essa, sendo que se o fizéssemos a maioria ia sair do centro e não é isso que queremos, sendo que enquanto eles estão no centro, nós conseguimos de uma forma “camuflada” demonstrar que existem regras a cumprir e a formas de cidadania a respeitar e a por em prática, por exemplo, se uma criança está a jogar, sabe que pode estar lá 15 min e que depois tem de ceder a vez a outro colega caso esteja alguém à espera; não podem faltar ao respeito aos colegas nem a funcionários, nem utilizar vocabulário menos apropriado. Assim sendo, a maioria dos rapazes foram para o parque, que é em frente ao centro jogar futebol, uma vez que estava sol e as meninas ficaram connosco a fazer presépios e a fazer jogos umas com as outras.

Hoje durante a tarde decorreu na sala de convívio atividades com adultos de trabalhos manuais (cachecóis de lã, cestos, panos, etc.) para a venda de natal. Nessas atividades houve ajuda de uma senhora voluntária, que mais tarde também foi para a sala de apoio ao estudo na escola primária. Depois do lanche, todos ajudam arrumar o material, jogos e brinquedos que estavam espalhados pela sala.

A alimentação que sobra na escola Manuel Laranjeira é trazida para o centro e distribuída por famílias carenciadas, ‘para além da distribuição que é feita a nível do banco alimentar.

Diário de Bordo IX - dia 14 Novembro 2013

Hoje na parte da manhã eu, a dona Zéza e a doutora Liliana estivemos de concluir a montagem de alguns presépios, porque hoje durante a tarde houve uma reunião da psicóloga com 13 voluntários que neste momento estão desempregados e vão participar num projeto com idosos, ou seja, através de uma lista fornecida pelas juntas de freguesias de Espinho e Anta e Guetim, vão a casa dos idosos para perceber se vivem sozinhos, se têm apoios médicos e familiares, para que no fim se faça uma análise e se proporcione o acompanhamento a idosos que estejam sós, ficando instituições da zona de residência responsáveis por eles. Este projeto é da iniciativa da câmara municipal de Espinho e pediu a colaboração das assistentes do centro comunitário para que esta recolha de dados fosse feita e que orientassem os voluntários. A doutora Tânia (psicóloga) fez questão que eu assistisse à reunião para ficar a par do que vai ser feito e também se mais tarde for necessário eu ajudar no que toca a análise dos documentos. Pelo que percebi este projeto também tem como objetivo a interação entre os vizinhos, ou seja, para além das instituições os idosos receberão apoio de vizinhos, de uma forma muito simples, como por exemplo, estarem atentos para ver se saem de casa e voltam, se precisam de algum cuidado mais urgente como uma ida à farmácia e não ter transporte o vizinho pode dar auxílio. Quando a reunião terminou as crianças voltaram ao trabalho de decoração do presépio.

Durante a manhã umas moradoras do bairro estiveram no centro porque vieram-nos contar que falaram com os funcionários da câmara para mudarem duas árvores do parque que estavam mortas, e hoje a meia da manhã foram lá tira-las e colocar árvores

novas, ou seja, as senhoras estavam orgulhosas das árvores e também de terem conseguido sozinhas fazer algo pelo bairro, até porque uma delas disse, “o professor lino assim nem se chateou com as árvores e a nós não nos custou anda tratar das árvores do nosso bairro”, outra novidade que trouxeram foi que, a partir de agora o centro tem a possibilidade de usufruir de uma gaiola bem grande que existe no fundo do jardim e assim poder por pássaros que as pessoas não querem ou não podem ter em casa. Esta iniciativa surgiu porque este problema já tinha sido colocado várias vezes ao Dr. lino e ele expôs os casos na câmara, e hoje os funcionários que vieram mudar as árvores, andaram a limpar a gaiola e autorizaram o uso da mesma. Assim mais um problema já está resolvido.

A meio da tarde, depois de a reunião terminar e as crianças já estarem ocupadas, a doutora Liliana saiu e disse que se alguém viesse falar com ela, para me dizer o que era e se eu conseguisse, ou seja, se não fosse relacionado com tratamento/consulta de psicologia para eu tentar resolver, foi então que chegou a Patrícia, mãe da Letícia de 4 anos, que é uma menina que está todos os dias no centro, é uma família monoparental, como muitas outras do bairro a dizer que precisava de falar com a Dr. Liliana e eu expliquei que não estava, mas para me dizer o que se passava que se estivesse ao meu alcance ficaria já resolvido, senão marcaria na agenda da Dr. Liliana. Foi então que a patrícia começou a contar que a filha andava com comportamentos estranhos, isto porque encontrou a menina a fingir que falava ao telefone com o pai e o estava a insultar, passado uns dias a patrícia falou naturalmente do pai à Letícia, como faz normalmente e a menina começou a gritar “cala-te, cala-te, cala-te” e desde aí que ela não consegue falar com a menina sobre o pai. A patrícia deixou também claro que desde os 2 anos que a menina não vê o pai, sendo que foi para o estrangeiro e nunca mais voltou nem o contactou. Depois de ouvir a história, disse logo que o melhor era a menina começar a ter acompanhamento da Dr^a. Liliana, uma vez que a menina está claramente revoltada com a ausência do pai.

Diário de Bordo X - dia 20 Novembro 2013

Devido a estar doente, faltei durante alguns dias e, por isso, os presépios atrasaram uma vez que eu sou a pessoa que tem mais tempo para estar com as crianças a fazer esta

atividade. Assim, logo pela manhã, estive a organizar os materiais, mas a meio da manhã o doutor lino chegou acompanhado com um senhor de meia-idade que terá de fazer serviço comunitário, e o tribunal estipulou que teria de cumprir 500 horas de serviço no centro. Não tive grande contacto com o senhor, nem sei que serviços vai prestar porque pelo que percebi vai realizar tarefas mais no exterior. O motivo pelo que terá de prestar este serviço foi devido a falsificação de documentos e outros materiais.

Estivemos também junto de um funcionário dos Castros (empresa de iluminação) a escolher iluminações de natal do ano anterior que vão ser reparados por senhores do bairro e montados no centro e no parque. Esta doação é feita todos os anos por esta empresa, dando também apoio na montagem dos enfeites, tendo em conta que há sítios de difícil acesso e com o material que eles têm é mais fácil e mais seguro.

Ao fim da manhã, estivemos a entrar em contacto com lojas do comércio local que todos os anos nos oferecem brinquedos para dar-mos de presente de natal às crianças e jovens, e assim mais uma vez praticamente todos deram uma resposta positiva ao nosso pedido e irão contribuir com brinquedos que têm em armazém, roupas de coleções anteriores e acessórios para as adolescentes de coleções passadas.

Durante a tarde para além das atividades normais que têm decorrido, estivemos no jardim a recolher troncos para fazer outra atividade de natal diferente que uma das crianças desenhou e achamos que seria possível de concretizar, por isso andamos a recolher materiais para tentarmos fazer.

Uma das coisas a que hoje estive atenta foi a “atitude” dos rapazes mais novos para com as raparigas, sendo que não querem brincar em conjunto, ou seja, brincadeiras mistas, isto porque os meninos estão sempre a fazer jogos, ou a pintar juntos e as meninas na zona das bonecas em conjunto. Quanto aos mais crescidos, têm uma postura diferente, porque não se separam das raparigas, mas tentam mostrar-se superiores uns aos outros, ou seja, impor a masculinidade e a própria idade também perante os mais novos. Será um ponto importante a refletir, tendo em conta que estes comportamentos são naturais. Notam-se alguns “namoricos”, eles (rapazes) não querem dar muito a mostrar de alguma relação que mantêm com as raparigas, mas elas têm tendência em se aproximarem e no meu ponto de vista para mostrar às outras raparigas que aquele rapaz está “comprometido”.

Diário de Bordo XI- dia 21 Novembro 2013

Quando cheguei ao centro já estava a dona Zéza a fazer a limpeza e a dona Deolinda (senhora idosa que vai maior parte dos dias tomar lá o pequeno almoço e juntamente a medicação e em seguida fica sempre no centro até à hora de almoço). Enquanto a dona Zéza acabava a limpeza eu sentei-me ao lado da dona Deolinda e ela começou logo a conversar comigo, ate porque ela apesar de ouvir mal é sempre muito faladora. Começou a perguntar se eu era de espinho e eu disse que sim e automaticamente perguntou quem eram os meus avos, sendo que era provável que os conhecesse porque a geração é a mesma, eu disse o nome dele e expliquei onde viviam e no que trabalhavam quando estavam no ativo, a senhora disse logo que conhece a minha avó e que uma prima trabalhou com a minha avó na fábrica das conservas, basicamente contou-me como a conheceu e certas ocasiões em que se encontravam, tal como nos bailes de domingo à tarde. Assim, acabei por ficar à beira da senhora até aos outros idosos chegarem e ficarem a conversar e a ver tv todos juntos.

Entretanto, estive com a Patrícia, mãe de uma das meninas do centro, a fazer o molde para fazermos o presépio para o centro, isto porque no meio de tantos presépios ainda não tínhamos feito o nosso, mas vamos fazer com o dobro do tamanho, e para isso tivemos de fazer uma base maior entre outros pormenores que tivemos de adaptar ao tamanho pretendido. O senhor que está a fazer serviço comunitário hoje esteve no centro e pelo que percebi ele é apresentado às pessoas que vão e estão no centro como voluntário, ou seja, os funcionários do centro sabem o que se passa, mas para os utilizadores do centro omite-se essa informação para proteger o senhor. O doutor lino disse que ele estar sobre a atenção dele, mas que o facto de não dizermos que é obrigado a estar lá, é para que as pessoas não o tratem de forma diferente, sendo que há muitas pessoas que são mais radicais no que toca ao incumprimento da justiça. Até porque se está a prestar este serviço, é porque está a ser devidamente castigado pelo que fez. Assim, o senhor sente-se confortável, e como hoje não havia atividades no exterior, esteve a cortar rolhas à nossa beira. Hoje ficamos a saber que a CERCI vai levar as rolhas para a oficina e arranjar um método de as cortar numa máquina, ou seja, vai-nos facilitar o serviço tornando-o mais rápido e também previne o risco de alguém se magoar.

Ao fim da manhã o senhor Sérgio, que é um senhor que vai ao centro com muita frequência, tratou mal a dona Zéza. Este senhor tem um grave problema com o álcool e

torna-se muito agressivo e o doutor lino já o tinha avisado que não queria que ele entrasse lá naquele estado, porque estão sempre lá crianças e ele não pode tratar mal ninguém e tem de respeitar as pessoas do centro e do bairro. Mas, hoje quando começou a berrar com a dona Zéza o Dr. Lino foi logo até à cozinha e expulsou-o do centro, dizendo que não admite faltas de respeito e que sempre o ajudaram e continuam a ajudar e ele não pode ser assim. Ele queria almoçar, mas ainda era 11h e a dona Zéza estava a explicar que era cedo e que tinha de esperar só mais uma hora, mas ofereceu-lhe uma sande, ele começou a gritar e atirou a sande para o chão, até o que o Dr. lino chegou e teve a atitude que já descrevi.

Ao início da tarde, um proprietário de uma loja em espinho veio ao centro oferecer uma pista de skates que tem rampas e skates pequenos para os rapazes brincarem, eles adoraram, quiseram logo montar a pista e experimentar tudo, o doutor lino deu-lhes logo uma tábua para fazerem de base e fazerem a pista. Ao início ninguém os conseguiu tirar de lá, enquanto isso alguns deles estavam no sofá a ver tv ou a jogarem play station, mas ao mesmo tempo andavam a mandar as almofadas pelo ar para acertar nos que estavam a jogar wii, e eu disse para eles pararem, porque podiam partir alguma coisa, um deles respondeu muito rápido, “estamos a arranjar as almofadas porque estão achatadas”, a mim deu-me vontade de rir, mas não o fiz, mandei-os foi arrumar as almofadas todas em cada sofá, eles riram-se e fizeram o que lhes disse.

O Diogo, quando chegou andava a tentar vender uma corrente de metal por 30€ e os colegas riram-se todos porque olhavam para a corrente e viam logo que era de fantasia e depois diziam que no máximo davam entre 0,10 € e 0,50€. Quando chegou o Paulo, menino de etnia cigana, o Diogo foi também ter com ele para tentar vender a corrente, mas o Paulo respondeu muito rápido, “na feira vendo bem melhor por 1€, não vais ter sorte Diogo”, automaticamente todos se riram, incluído o Diogo e disse “pelo menos tentei”.

Hoje, também tivemos a companhia de uma senhora, que é amiga do doutor Lino e vai muitas vezes ao centro. A senhora ensinou-nos a fazer flores de papel com aplicações para o natal, as crianças mal viram deram a ideia de fazermos a árvore com estas flores e de várias cores, então decidimos que iríamos aproveitar a ideia deles, mas com a condição de que são eles a fazer as flores e então passamos a tarde todos juntos a fazer as flores, incluindo duas meninas que são acompanhadas pela doutora Liliana e têm muitas dificuldades motoras e cognitivas, mas com a nossa ajuda, também fizeram flores, uma delas ficou tao contente que quis fazer uma para levar para casa. Esta senhora falou

da experiência dela como voluntária enquanto fazíamos as flores, então ela contou que o marido foi diplomata e trabalhava na embaixada Portuguesa no Japão, e ela foi para lá com ele, e como não trabalhava fazia voluntariado com as crianças, porque não queria estar em cas e para além disso nunca conseguiu ter filhos e sentiu que ao fazer esta ação se sentia completa, ainda hoje faz cá em Portugal, no centro comunitário e noutros locais.

Diário de Bordo XII- dia 22 Novembro 2013

Hoje a manha foi um pouco atribulada porque pouco consegui fazer, uma vez que quando fui com a doutora Liliana à arrecadação buscar a árvore de natal e umas caixas com enfeites de natal, houve uma porta que estava encostada para arranjar que sem ninguém tocar nela me caiu em cima da cabeça. Fiquei bastante tonta e com dores de cabeça, a doutora Liliana ligou ao doutor lino para ir ter connosco. Estive um pouco sentada antes de vir para o centro, depois viemos para cima e estive sentada bastante tempo a por gelo na cabeça e a beber um chá.

O doutor lino ligou para a CERCI, bastante chateado, uma vez que tem falado daquela porta todas as semanas e ainda ninguém tinha ido arranja-la. Depois queriam que eu fosse ao hospital, mas apesar de me doer a cabeça, já não estava tonta. Basicamente durante a amanha não consegui fazer quase nada, sendo que o nosso objetivo era arranjar as coisas para depois à tarde em conjunto com as crianças montarmos a árvores com as flores feitas no dia anterior.

A doutora Liliana teve de organizar as coisas quase todas sozinha, porque eu fiz pouca coisa, mas mesmo eles não queriam que eu fizesse. Ao fim da amanha antes de vir embora, vim até cá fora com a dona Zéza para dar de comida as passarinhos e aos peixes, que eu não sabia, mas no meio do jardim existe um lago do centro com bastantes peixes. Eu só fui mesmo fazer companhia, ate porque o doutro lino queria saber se eu a caminhar me sentia bem.

Da parte da tarde, apesar de algumas dores de cabeça que tive durante o resto do dia, estivemos a montar a árvore de natal com as crianças, foi muito divertido, porque todos davam ideias de como conjugar as cores e onde devíamos por as flores de papel.

Na parte de cima eles não chegavam, mas o que fizemos foi esperar pelos mais velhos que chegam um pouco mais tarde, para decorarem a parte de cima da árvore, e foi assim que aconteceu. Depois também fizemos o nosso presépio de rolhas, mas com o dobro do tamanho que temos feito os outros. Eles adoraram porque diziam que aquele até parecia mais bonito que os outros e até eu sinceramente achei isso, não sei se realmente estava ou então como era o nosso fizemos com mais cuidado.

Entretanto, chegou a hora do lanche, esta tarde passou muito rápido, porque também passamos muito tempo à volta da árvore de natal. O doutor Lino mandou-me embora um bocadinho mais cedo, pelo que aconteceu de manhã e disse que caso durante o fim-de-semana as dores de cabeça não passassem para eu ir ao hospital e lhe ligar, porque o centro/CERCI assumiriam todas as despesas. Eu agradeci e disse que me doía a cabeça, mas era normal, mas caso não aliviasse que ia ao hospital.

Diário de Bordo XIII- dia 26 Novembro 2013

No início da manhã, estivemos um pouco na conversa, sobre o que se ia fazer da parte da manhã. Depois estivemos a concluir o presépio grande que tinha iniciado na passada sexta-feira. Aproveitando a maré fizemos o presépio do centro, ou seja, na entrada um grande presépio com musgo verdadeiro, um rio, é possível fazê-lo assim porque já existe uma plataforma feita em madeira que foi contruída por um senhor do bairro.

Durante a manhã também realizamos telefonemas às pessoas que usufruem do banco alimentar para virem ao centro assinar um papel por causa dos cabazes de natal, sendo que é algo que vem à parte da quantidade normal no mês de dezembro. Depois as pessoas foram chegando e dávamos o papel, perguntamos se precisavam de alguma coisa ou se tinham alguma coisa a dizer em relação ao banco alimentar.

Ao fim da manhã reparamos que faltava um jogo da wii, isto porque a dona Zéza estava a limpar e contou os jogos como faz sempre. Ao avisar o doutor lino, ele tomou a decisão de retirar todos os jogos e durante uns tempos ninguém vai jogar, porque pelo que percebi já não é a primeira vez que isto acontece, e depois ninguém “admite” o erro, e para os “castigar” vão ficar sem jogos até ao doutor lino ordenar a reposição dos mesmos.

Uma situação que não tenho falado, mas que tenho reparado sempre é do envolvimento do doutor lino com as crianças e jovens, primeiro quando chegam vão todos sem exceção cumprimenta-lo, mas não por serem obrigados, nota-se que o fazem por gosto e também porque quando ele tem tempo livre esta junto deles a jogar, ou sentado no sofá a conversar com eles, pergunta como está a escola, como estão os irmãos e os pais, o que demonstra sempre uma grande preocupação com cada um deles. Sabe também o nome de todos eles, mas também quando é necessário chamar a atenção ele é o primeiro a fazer, havendo assim uma relação sempre muito próxima, mas com muito respeito.

À tarde recebemos os “calendários de natal de chocolate”, que são para vender e metade do valor reverte a favor da CERCI, cada um dele, quis levar para casa para vender aos avos e aos pais, ou seja, num instante ficamos logo sem chocolates.

A dona Zéza e a doutora Liliana tiveram de a ir para uma formação, e a partir das 16h fiquei eu, o doutor lino e a dona clara com as crianças, devido a deficiência da dona clara é complicado ela preparar o lanche, então eu disse a dona Zéza que ficava responsável por cortar os bolos e distribuir, ou seja, às 17h comecei a preparar tudo e andei a repartir por todos, entretanto chegou a hora de arrumar tudo, mas todos ajudam, porque sabem que se estão a jogar, ou a pintar, têm de arrumar o que estão a utilizar.

Diário de Bordo XIV- dia 27 Novembro 2013

Durante a manhã estive com a dona Zéza e doutora Liliana a apanhar ramos de kiwi no jardim do bairro, que tem uma grande ramada que é um senhor que a plantou e cuida dela, como tal pedimos autorização e explicamos qual era o efeito, o senhor disse logo que poderíamos tirar os ramos que precisássemos. Estes ramos vão ser precisos durante a tarde para uma atividade com a voluntaria que vem às quartas-feiras, e a senhora na semana passada disse que sabia fazer arranjos de natal com ramos de kiwi e que era fácil para as crianças e jovens fazerem. Depois de os apanhar estivemos a limpa-los. Antes desta tarefa estivemos todos na mediateca (sala) com uma idosa que que foi tomar o pequeno-almoço e a fazer a contagem de presépios feitos e vendidos, ou seja, um pequeno balanço para ver também que lucro estamos a ter. Ficamos admiradas e contentes com os resultados porque tínhamos a noção que tínhamos feito muitos presépios, mas na

realidade ficamos surpreendidas com as receitas conseguidas. Para não falar que já fizemos alguns para oferecer à escola primária, para o centro, para a CERCI.

A manhã foi bastante calma e acabei por ir com a dona Zéza compra comida para os pássaros, isto porque a doutora Liliana estava em consulta, o doutor lino estava na câmara municipal numa reunião e estava tudo adiantado para a atividade da tarde e a dona Zéza disse para ir com ela também para não ficar sozinha no centro, apesar de ter ficado a dona clara, mas devido á sua deficiência não pode fazer as atividades connosco estando no centro, mais para uma função de telefonista e secretária.

Da parte da tarde, para além das atividades normais (trabalhos manuais, trabalhos de casa, jogos no computador) estivemos a fazer com os ramos de kiwi coroas de natal e várias crianças e jovens quiseram fazer a sua própria coroa, nos tínhamos de ajudar e também se ajudavam mutuamente porque enquanto uns seguravam na coroa ou outros tinham de ir amarrando com arame fino. Depois, cada um a vai decorar como quer, mas o Fábio deu a ideia de por azevinho, ou seja, vamos apanhar no jardim e pedir a pessoas que tenham em casa,

Em seguida estive a ajudar a Catarina a fazer um trabalho para Português, ela estava com algumas dificuldades porque ao inico não estava a perceber o que a professora tinha pedido, mas o que tinha de fazer era encontrar uma música que tivesse termos de comparação com a “Mensagem”, foi então que lhe comecei por perguntar que expressões se salientam mais ao longo da obra e ela automaticamente falou do mar, naus, mostrengo, entre outras coisas, foi então, que começamos a procurar musicas que continham palavras iguais ou sinónimas das referidas anteriormente. Usamos o youtube para a pesquisa, e foi então que após algumas músicas ouvidas ela escolher o “homem do leme” do xutos e pontapés.

Depois do lanche começaram a ir embora, mas a Bia ficou até ao fim e até mesmo depois da hora, porque o pai saiu do trabalho mais tarde e pediu para ficarmos mais um pouco com ela. Obviamente que dissemos logo que sim, sendo que toma conta das duas filhas sem ajuda de mais ninguém, e como a Ana (filha mais velha) foi para o apoio a mais pequena não tinha como ir para casa. Assim, enquanto a dona Zéza começou a fazer a limpeza eu fiquei com ela, e quis fazer puzzles até ao pais chegar, dando tempo para fazermos dois. Depois acabei por ajudar a dona Zéza a fechar as janelas e vim embora.

Diário de Bordo XV- dia 28 Novembro 2013

No início da manhã estive com a doutora Liliana a arquivar documentos que já não são necessários, mas por outro lado não podem ir para o lixo, por isso estivemos a armazenar tudo em capas e enquanto isso a dona Zéza estava com a Gracinha a arrumar uns sacos e caixas com roupas que são para doar, isto porque amanhã vai haver um evento no centro (francesinha solidária). Depois de termos tudo organizado fomos com uma carrinha da CERCI levar tudo para o edifício C do bairro que era onde aviam as atividades de teatro, esta divisão eu ainda não conhecia. Quando entramos, reparei de imediato em todos os cenários das peças que já fizeram e também de várias roupas. Tem também, mesas de ping pong e matreco de verão são colocadas na parte de fora do centro.

Depois estivemos a lixar e a pintar umas peças de natal que foram feitas inicialmente, para durante a tarde as os miúdos acabarem a atividade.

Uma conversa que hoje prevaleceu durante a manhã foi o facto de os funcionários estarem indignados pelas horas de formação que têm andado a fazer serem depois da hora de serviço, ou seja, ficam das 18h às 20h em formação, quando antes faziam as formações na hora de trabalho, uma vez que são obrigados pela CERCI.

Durante a tarde estivemos com as crianças a fazer as pinturas, ou seja, continuação do que tínhamos iniciado de manhã, fizemos também um arranjo com flores artificiais e de papel para fazer um centro de mesa para o jantar solidário.

Tivemos várias famílias a recorrer ao centro para marcar atendimentos com as assistentes sociais e com a psicóloga e também para a resolução de pequenos assuntos, tais como atraso de pagamentos, envio de documentos para outras entidades, fotocópias de documentos, entre outras coisas.

Ao fim da tarde, depois de termos arrumado todos os materiais, alguns miúdos estavam na sala dos computadores, quando ouvimos um a chorar, o doutor lino foi logo lá e tinha sido o João (16/17 anos) que bateu no Mário (15/16 anos) e tem uma pequena deficiência, para sair do computador onde estava. Mas para além de não ter o direito de lhe bater, tinha mais computadores livres e fez aquilo simplesmente para implicar e gozar com o Mário. O doutor lino chamou-lhe a atenção e disse que se voltasse a acontecer nunca mais entreva no centro, e o João em vez de pedir desculpa ou se manter em silêncio respondeu e empurrou o doutor lino, contudo isto fez com que fosse proibido de entrar no centro.

Diário de Bordo XVI- dia 29 Novembro 2013

Durante a manhã começamos a organização do evento da noite das francesinhas solidárias (este jantar tem o objetivo de angariar fundos para o centro para se comprar materiais e brinquedos para o centro), como tal, pensamos em sobremesas possíveis de fazer, mas como da parte da manhã estavam lá duas idosas, perguntamos-lhes ideias para as sobremesas, e de imediato uma delas falou do bolo de chocolate que fazia, então em sentei-me ao lado dela enquanto em ditava a receita e os ingredientes, ficando toda contente por fazermos “o bolo de chocolate dela”, a outra senhora, sugeriu bolo de bolacha que é um doce que gosta muito. Mas como ninguém sabia a receita de cor, fui a internet e retirei de lá as ideias e assim aproveitamos na mesma a ideia da senhora.

Assim, na parte da manhã o doutor lino foi comprar uma lista de ingredientes que eram necessários para fazermos as sobremesas durante a tarde com as crianças. Enquanto isso, estivemos a colocar nas janelas do centro luzes e desenhos de natal. No fim da manhã, começaram a chegar as prendas de natal para as crianças e jovens do centro. Vieram cascóis, gorros e luvas da Hello Kitty para as meninas e do Car's para os meninos, para os adolescentes, foi igual, mas para as raparigas era azuis-claros e sem desenhos e para os rapazes azuis-escuros com uma risca branca. Vieram também livros, e diferentes tendo em conta as faixas etárias. Pelo que percebi ainda faltam algumas coisas e tentamos que as encomendas venham sempre da parte da manhã para nenhum deles ver e termos tempo de guardar.

A doutora Liliana exigiu que a deixa-se de tratar por dr^a. E passar a trata-la como todos o fazem, ou seja, chama-la Lili, eu disse que não o conseguia fazer no início por sinal de respeito e também porque não sabia como ela gostava de ser tratada e ate me disser alguma coisa ia trata-la sempre dessa forma, mas a partir de hoje ia chamar Lili. Tivemos esta conversa, ao início da tarde quando fui com ela comprar umas velas e uns materiais para fazer uns arranjos de natal.

Durante o resto da tarde, ou seja, ate a hora do lanche estivemos a fazer as sobremesas com as crianças, mais com as meninas, mas foi bastante divertido, porque todos queriam ajudar e depois acabamos por sujar muita coisa, mas valeu apenas tendo em conta o espirito natalício e o bem-estar que se criou.

Durante a tarde existiu um percalço, que foi o facto de terem roubado um rato dos computadores, mas um dos miúdos que estava na sala de computadores viu e chamou

logo o doutor lino e ele ainda foi a tempo e conseguiu recuperar o rato. Esta incidente foi provocado por uma rapariga de etnia cigana que desligou o rato do computador e depois deu a filha de 3 anos para o trazer.

Diário de Bordo XVII- dia 2 Dezembro 2013

Para iniciar a manhã, começamos por arrumar algumas coisas (mesas, cadeiras, brinquedos) que estavam fora do sítio, tendo em conta que para fazer o jantar de sexta-feira, foi necessário fazer espaço na mediateca, como tal, hoje teve de voltar tudo aos seus lugares. Depois de tudo estar organizado e nos seus lugares, estivemos a fazer contas, ou seja, através da lista estivemos a conferir o dinheiro que tínhamos e juntamos com o dos presépios. Durante esta tarefa, o doutor lino proferiu que tínhamos de ter muito cuidado, porque o fato de estarmos a fazer atividades para juntar dinheiro, é muito bom por um lado, mas por outro se alguém denunciar, ele pode ter problemas, uma vez que este dinheiro não é “declarado”, ou seja, é como se fosse ilegal. Por isso, em conversa decidiu-se que em vez de se estar à espera pelo Natal, que hoje já se podia comprar o que tínhamos em mente, a cidade Lego.

Assim, enquanto acabamos de arrumar umas louças o doutor lino foi comprar os Legos (quartel de bombeiros, quartel da policia e uma praça) para juntar aos que já temos. Quando chegou, começamos a montar todas as peças pequenas por uma questão de segurança, tendo em conta que alguma das crianças depois durante a tarde podia ao brincar por na boa, ou até mesmo partir.

Durante toda a manha só apareceram as pessoas que tinham consulta com a Lili ou para entrega e esclarecimento em relação a documentos. A conclusão a que chego, após várias segundas-feiras que estou no centro é que o facto de neste dia de manhã haver pouco movimento deve-se à feira em Espinho, sendo que para além da maioria dos habitantes da cidade se deslocarem até lá para fazerem as suas compras, também há um grande número de pessoas que vendem as suas hortaliças, frutas, animais entre outras coisas na feira.

Da parte da tarde, estive com as crianças e jovens a montar os Legos, e sinceramente foi bastante divertido, porque para além de ser um trabalho de equipa

também é um momento de exercício, ou seja, eles têm de ler as instruções, ou eu ler, interpretar os desenhos e montar corretamente. Estive também a ajudar uma menina da pré escola a decorar uma estrela de natal, isto porque todos têm de fazer uma para depois decorarem a árvore de natal da escola. Por fim, e já com alguns pedidos, estivemos a fazer anjos de cartolina e algodão porque algumas mães pediram para decorarem as suas árvores, isto porque muitos dos miúdos ao verem a nossa árvore com aqueles anjos também quiseram ter igual.

Diário de Bordo XVIII- dia 4 Dezembro 2013

Logo no início da manhã, estive com o doutor lino e com a dona Zéza a verificar as obras que andam a fazer nas ruas do bairro, isto porque o doutor lino ia ter uma reunião na câmara e precisava de verificar como tudo está a correr e até mesmo perguntar aos funcionários que andam a fazer a obra do que é preciso. O doutor Lino anda sempre a par das obras, mas a verdade é que hoje estivemos a ver com mais atenção. Apesar de eu e a dona Zéza não percebermos nada em relação às obras, o doutor lino quis a nossa companhia para estarmos atentas ao que se ia falando, para depois ele não se esquecer, isto porque, antes de ir para a reunião escreveu tudo para se lembrar. Outro motivo pelo que fomos ver as obras, foi também para ver o mural com os desenhos das crianças do centro, sendo que está a ser feito há algum tempo e já está praticamente concluído.

Quando cheguei, comecei a fazer um suporte para umas velas de Natal, este trabalho é para ficar no centro exposto e só se alguém pedir é que se irá fazer mais. O suporte foi feito com um rolo de papel higiénico, tecidos e enfeites de Natal.

A verdade foi que depois disto, já faltava pouco tempo para a hora de almoço, e por isso, comecei a montar Legos pequenos, sendo que a tarde vamos contruir um hospital Lego para completar a nossa cidade de Legos.

Hoje fiquei a saber, que no nosso lanche de natal, onde as prendas são entregues, ainda está um pouco dependente do BPI (Banco Português de Investimentos), porque vem um responsável do banco participar na nossa festa, uma vez que há uma participação monetária deles na ajuda da compra dos presentes das crianças. Isto foi o que hoje percebi, ainda não tenho a certeza se realmente é isto que acontece.

Durante a tarde, estivemos a montar legos, principalmente os rapazes, tendo em conta que muitas das meninas dizem que legos não são para as meninas e nós é que lhes explicamos que os legos tanto é para os rapazes como para as raparigas, só assim é que elas depois iam ajudando. Fizemos esta atividade, até à voluntária que vem sempre às quartas chegar, assim, quando chegou começamos a decorar umas coroas que tínhamos feito na semana passada, e alguns deles ainda não tinham acabado, eles é que escolhem os materiais que utilizamos e nós ajudamos a segurar e a colar. Depois passamos a fazer umas árvores em ponto pequeno, aproveitando troncos e pintado, depois decoravam com pinhas, bonecos de natal, entre outras coisas que a senhora (Adélia) trouxe.

Hoje não tivemos lanche para dar as crianças e jovens, isto porque ninguém veio trazer bolos nem bolachas, e as bolachas que tínhamos não eram suficientes para todos, e por isso decidimos não dar a ninguém, porque pensamos que para dar a uns temos de dar aos outros, não podemos deixar ninguém sem lanche. O Doutor Lino ficou chateado com a situação porque pediu tudo da parte da manhã, ligou várias vezes durante a tarde para a CERCI e ninguém veio trazer nada. A única forma que tivemos de resolver foi avisar todos os pais que ainda não tinham lanchado.

Diário de Bordo XIX- dia 5 Dezembro 2013

O dia de hoje começou com a ida à CERCI, nas novas instalações que é onde estão as oficinas, fui com a dona Zéza e com a Patrícia (usuária do centro). Eu nunca tinha estado nas instalações novas, isto porque onde sempre me desloquei das primeiras vezes e ate mesmo noutras ocasiões (doação de roupa) é num edifício que fica no centro da cidade de Espinho. As novas instalações foram feitas com o objetivo de criar oficinas e armazéns com todas as condições e o mais importante de tudo, a parte do la para pessoas com deficiências. Soube estas informações porque a caminho de lá perguntei a dona Zéza. Ainda estivemos lá algum tempo, porque as rolhas para os presépios ainda não estavam todas cortadas e também andei com a dona Zéza a ver as novas instalações.

Depois de vermos tudo voltamos à oficina para ia buscar as rolhas e ficamos a saber que quem faz sempre aquele serviço é um rapaz de 19 anos com deficiência e ficou todo contente de nos conhecer, porque gosta muito de presépios e ele quer sempre fazer aquele trabalho, porque sabe para o que é que vão servir as rolhas. Como ele estava tao

contente a dona Zéza disse que lhe íamos fazer um presépio também para ele, e para manifestar a alegria deu logo um abraço a dona Zéza. Quando viemos embora, tivemos de ir a uma loja comprar velas para colocar nos castiçais que temos andado a fazer, porque assim os miúdos já podem ir levando para casa. Assim quase que passou a amanhã toda, quando chegamos ao centro, estive a colar as velas nos castiçais que já estavam prontos e depois ajudei o doutor lino a conferir quem já tinha entregue os papeis em relação à mensalidade que vão ter de pagar a partir de janeiro. O que se verificou foi que ainda mais de metade das crianças faltava entregar os documentos. O que decidimos foi que íamos voltar a entregar uma carta a quem ainda não trouxe e para além de isso ligar aos encarregados de educação. Estes documentos já foram pedidos que bastante antecedência, já por causa destas situações, uma vez, que até dia 31 de janeiro têm de estar tudo resolvido.

A tarde, estive a concluir os presépios que já estavam por acabar desde quinta-feira, sendo que não haviam rolhas cortadas. Depois, estivemos tal como ontem a fazer trabalhos manuais com as crianças, desde arranjos para as mães, até castiçais para oferecer no Natal. Muitos deles querem fazer estas atividades, porque assim é a única forma de terem alguma cosia pra oferecer aos pais, avos ou tios. As crianças fazem estes trabalhos com materiais doados ou requisitados pelo doutor lino à CERCI, eles não têm qualquer tipo de despesa. A verdade é que estão vários ao mesmo tempo a fazer trabalhos e nós temos de auxiliar todos, porque estão sempre a fazer perguntas, de como se faz, que cor podem pintar, como vão colar, entre outras questões. A dona Zéza enquanto lanchávamos estava toda contente, porque dizia, que já não se lembrava de ter um Natal com tanto trabalho e que os miúdos aderissem tão bem, isto porque nos anos anteriores era só ela que os podia ajudar, uma vez que a Lili muitas das vezes está em consulta, e este ano estou eu e algumas voluntárias, que por muito pouco tempo que estejam ajudam sempre.

Depois do lanche tivemos de começar logo a arrumar, porque para além de estar muita coisa fora do sítio e suja, tínhamos de arrumar as caixas dos trabalhos manuais, sendo que amanhã não iremos fazer esse tipo de tarefas, mas sim como na semana passada, vamos estar direcionados para as sobremesas do jantar de natal dos funcionários do centro.

Diário de Bordo XX- dia 6 Dezembro 2013

Hoje o dia foi muito semelhante a passada sexta-feira, sendo que hoje é dia de jantar de natal no centro. Tal como na semana anterior correu muito bem fazermos bolos com as crianças da parte da tarde e resolvemos deixar essa tarefa para a parte da tarde para fazermos em conjunto e durante a amanha para além dos pequenos-almoços que foram servidos, estivemos a arrumar as mesas, ou seja, ficarem livres para, transportar todos os legos para o gabinete da Lili, uma vez que lá estarão seguros e por muito que quiséssemos era impossível mante-los na sala tendo em conta ao espaço que ocupam em cima das mesas.

Ao fim da manha, fui aos edifícios mais recentes do bairro, onde está o projeto Multivivências, que acompanha a etneia cigana, apesar de estarem muitas vezes no centro e recorreram às assistentes sociais, neste edifício, é onde tratam mais em concreto dos assuntos deles, principalmente as crianças ciganas têm brinquedos e computadores à disposição. Os adultos podem usufruir de formações também naquele espaço. Tal como no centro, se uma criança sem ser cigana também utilizar aquele espaço. É um local todo amplo, bastante colorido e com bastantes brinquedos, havendo também uma parte com sofás e uma tv. Numa zona mais retirada é que estão as mesas com os computadores e também mesas onde acontecem as formações.

Assim, durante a tarde, estivemos a fazer bolos todos em conjunto, havendo assim a possibilidade de ter feito um a mais para as crianças e jovens lancharem. Pelo que tenho percebido às sextas-feiras ao contrário do que podia imaginar, são mais calmas que os restantes dias da semana, isto porque muitas crianças que vão ao centro vivem com os avos no bairro e durante a semana vão para casa dos pais, e no caso das famílias monoparentais, ao fim de semana vão para a parte em que não estão durante a semana. Apesar de termos os bolos para fazer, iam aparecendo crianças que antes de nos ajudarem, nós é que os ajudamos a fazer trabalhos de casa, ou então se não queriam fazer bolos, ajudávamos a escolher alguma atividade para fazer, e assim alguns deles, principalmente os mais velhos queriam ir para o computador, outros ficaram a pintar e outros a fazer jogos (damas, puzzles).

Quando chegou a hora do lanche, ficaram todos contentes porque estavam a comer bolo feito por eles, dizendo isto a todos que estavam a comer ou a chegar. Já depois do lanche, em conversa com a Lili perguntei-lhe em relação ao espaço de mediação que era

suposto acontecer duas quartas-feiras por cada mês, ela explicou-me que este ano ainda não estava a decorrer, porque a doutora isabel é que estava responsável e que ainda iria iniciar, sendo que no ano passado decorreu com um grupo de pais, mas orientado pela Lili. Eu disse que gostaria de assistir ou então se fosse possível colaborar com a doutora isabel, ela ficou logo entusiasmada e disse: “ainda bem que me lembraste que és mediadora, a isabel está a precisar de ajuda”. Fomos logo as duas ter com a doutora isabel ao gabinete dela (mesmo ao lado do entro comunitário), foi quando a Lili disse “trago-te aqui uma ajuda para a mediação, e a doutora isabel disse: “não me digas?!?! Eu não sei para onde me virar!”. Depois a isabel começou a explicar que já tinha um grupo de 15 pessoas, sendo que foram contactadas por ela e vêm por livre vontade e está a pensar dividir as sessões de mediação em temas, mas ainda não tem a certeza se será assim, isto porque não próxima quarta estaremos com o grupo e iremos tentar perceber os temas ou interesses que querem debater, ou seja, assuntos que sejam pertinentes de mediar com este grupo.

O que eu fiquei de fazer, é levar na segunda-feira, sugestões de atividades que se poderá fazer em grupo, e o que pensei logo como ponto de partida seriam atividades de gestão de conflitos com os outros e pessoas, sendo que é um grande obstáculo na maioria das situações que temos no centro.

Agora comecei a sentir que para além de já ter percebido e estar integrada na dinâmica do centro, vou começar a ter tarefas muito relacionadas com a minha profissionalidade, ou seja, para além de estar a perceber o que o centro faz para contribuir para o desenvolvimento local, vou começar a fazer parte dessas mesmas tarefas/atividades e projetos que contribuem para o desenvolvimento.

Diário de Bordo XXI- dia 9 Dezembro 2013

No início da manhã, mesmo quando estava a chegar ao centro, a diretora da CERCÍ estava também a chegar com a novidade de que o Bispo do Porto na próxima quinta-feira viria visitar a CERCÍ, o Centro Comunitário e o Bairro, mas tivemos coisas a tratar com urgência (divulgação para os habitantes do bairro, uso de uma passadeira vermelha a entrada do centro e a preparação de um lanche). O doutor Lino ficou encarregue de fazer um cartaz (convite) para que as pessoas viessem ao centro para estar

com o bispo e de o afixar. Eu, a dona Zéza, e Lili estivemos a pensar no que se vai fazer para o lanche e andamos a procura de uma passadeira vermelha, e no centro, nos arrumos do outro bloco não encontramos nenhuma, uma vez que as que temos têm várias cores e desenhos. Fomos à CERCI e o que tinham lá era tudo muito grande, foi então que decidimos ir ao centro da cidade (comercio local) comprar uma passadeira para a entrada. Mas antes de irmos comprar a passadeira ainda estivemos a arrumar as mesas, cadeiras e louças no sítio, sendo que sexta houve o nosso jantar de natal. Contudo isto de andar á procura e a comprar a passadeira passou a manhã num ápice.

Durante a tarde, estive reunida com a Isabel para discutirmos como iríamos iniciar as sessões de mediação, sendo que ela tinha pensado em temas, mas eu sugeri que no primeiro encontro deveríamos conversar com o grupo e conhecer melhor as pessoas e perceber os interesses de cada uma, ou seja, para depois as próximas sessões serem pensadas de acordo com os interesses do grupo, a isabel concordou com a minha ideia, uma vez que o grupo por um lado não vem obrigado, mas por outro lado não surgiu por livre vontade recorrerem as estas sessões. Depois ligamos a todas as senhoras para relembrar e confirmar a sessão. Para mim, a forma de a isabel pensar não está errada, pelo contrário, porque os temas são importantes e pertinentes, mas para mim com um primeiro contacto é fundamental perceber o que o grupo necessita. Os temas sugeridos pela isabel, estão relacionados com os primeiros cuidados de saúde com as crianças e idosos; Meio ambiente; empregabilidade, sendo que alguns destes temas serão tratados por especialistas, ou seja, especialistas de saúde, APAV, mas sempre com a nossa presença e colaboração.

Depois estive com a dona Zéza a fazer a contagem de alimentos que temos em armazém para ver o que é necessário encomendar para fazermos os cabazes de Natal, esta tarefa ainda demorou algum tempo, porque havia muita coisa para contar e depois fazer os respetivos cálculos. Quando voltei ao centro, estivemos a fazer presépios, uma vez que recebemos encomendas de pessoas que estiveram presentes no jantar de Natal. Durante o fim-de-semana deu no telejornal que a primeira-dama, faz coleção de presépios, tendo mais de 200 e quem viu na televisão reparou que não existia nenhum feito de rolhas e de certo modo com um ar mais infantil, uma vez que é feito por crianças, assim surgiu a ideia de fazermos um, um pouco maior do que o normal e enviarmos para a primeira-dama, para o expor tal como os estão os outros e assim dávamos a conhecer o nosso centro, a CERCI e o bairro da ponte d`anta. Ainda não falamos com o doutor lino em relação a esta ideia, mas se ele concordar iremos trabalhar para ainda enviar esta semana.

Diário de Bordo XXII- dia 11 Dezembro 2013

Durante a manhã tivemos o primeiro encontro de mediação, em primeiro lugar estive com a Isabel a preparar a sala para receber o grupo de 12/15 mulheres. Quando cheguei, perguntei à Isabel qual é na verdade a finalidade destas sessões/formações, porque no meu ponto de vista a ideia dela passa por “dar formação” não com o objetivo de desvalorização das mulheres enquanto mães e mulher, mas sim perceber o que já sabem e ajudar a enriquecer esses mesmos conhecimentos. Para ser sincera fiquei um pouco mais aliviada, porque assim percebi que se vai tentar fazer uma mediação com o saber destas mulheres e com as novas informações que vão ter acesso. Antes da sessão, iniciar a Isabel esteve-me a par de algumas situações daquelas mulheres (viuvez, famílias monoparentais, divórcios).

Quando iniciou o momento de formação, a isabel explicou no que iria consistir estes momentos de mediação e deu vários temas para escolherem para serem tratados em sessões posteriores. Depois na segunda parte tivemos a presença da APAV (eu pensava que hoje não iríamos ter a presença de ninguém, mas a isabel achou que a APAV era fundamental e indispensável). O que é certo, é que o grupo entreviu muito, estravam bastante atentas e terá de haver uma sessão na próxima semana, uma vez que não tiveram tempo de abordar tudo o desejavam e as senhoras querem colocar ainda mais questões. Tivemos situações de choro, vergonha e medo, mas com as técnicas da APAV foi possível lhes dar apoio no sentido de pegarem nos casos destas mulheres e as ajudarem no apoio jurídico, sendo que apoio psicológico já o têm. Estive sempre presente durante toda a sessão, e quando havia necessidade de alguém querer sair um pouco eu e uma técnica da APAV acompanhávamos a senhora. Depois da sessão, eu e a Isabel estivemos a conversa com as técnicas da APAV, para que elas dessem um feedback da sessão, elas gostaram e acharam muito bom as mulheres não terem grandes dificuldades em expressar os seus casos, isto porque assim são mulheres que mais facilmente conseguirão apoio e ajuda, tal como algumas já têm e outras vão passar a ter.

No início da tarde, nunca esquecendo que no dia seguinte estará o Bispo do Porto no CC, decidimos fazer um presépio maior que o normal para lhe oferecer, uma vez que é feito com as crianças e retrata um pouco a visão que elas têm das próprias imagens do presépio. Depois estivemos a fazer atividades em conjunto com a voluntária (Dona Adélia), sendo que ela trouxe flores de Natal naturais e teriam de ser trabalhadas hoje

para não estragarem e assim as crianças levaram para casa algumas coroas e arranjos para oferecer às famílias. Já percebi que quando eles sabem que é para levar para casa ou para vender alguma das coisas que estamos a fazer, eles empenham-se muito mais e todos querem fazer, até alguns dos mais velhos que gostam de estar sempre no computador.

No fim do dia estivemos a ver um vídeo feito pelo doutor lino com todas as fotos das férias de verão, e eles ficaram todos sentados na sala a ver e à medida que iam vendo iam-se lembrando de certas situações mais cómicas e só se riam, basicamente foi um momento de descontração e diversão. Quando foram embora o doutor lino disse que quem quisesse as fotos que lhe pode pedir e ele grava um CD igual ao que viram, depois disse-me que só agora é que acabou porque esteve a editar as fotos, a escolher e depois ainda a fazer a montagem e como não tem muito tempo livre, demorou mais, mas o que interessa é que já está feito e eles gostaram.

Diário de Bordo XXIII- dia 12 Dezembro 2013

Durante a manhã fiquei responsável por telefonar a uns moradores para virem assinar uns papéis deixados pela isabel relativos ao RIS, assim mal cheguei comecei a fazer esses mesmos telefonemas. Depois, enquanto esperava que todos chegassem ia ajudando a dona Zéza a arrumar alguns brinquedos e as mesas para estar tudo pronto para durante a tarde receber o bispo do Porto. Basicamente durante a manhã não fiz mais nada, mas também entre ajudar a dona Zéza e atender as pessoas não tive mais tempo para nada, isto porque a cada pessoa que vinha perguntei se precisavam de mais alguma coisa e tomar nota do que me iam dizendo e algumas pessoas prolongam-se um pouco mais que o normal.

No início da tarde, fizemos dois bolos com as crianças para o lanche com as senhoras de idade, crianças e bispo. Entretanto as senhoras começaram a chegar e a encher o centro, mas ainda com bastante antecedência em relação à hora marcada para a presença do bispo, uma vez que este chegou às 16h30. Depois da visita ao centro e bairro, voltou ao centro para conversar e lanchar com as senhoras e jovens. Eu estive a tirar algumas fotografias, principalmente porque as senhoras de idade queriam uma recordação de quando o bispo veio ao centro. Depois do lanche, vimos em conjunto outro CD de fotos

em que aparecem as crianças e as senhoras nas tardes de convívio. Depois de todos irem embora, estivemos a arrumar tudo. Sinceramente esta visita pode ter sido muito importante para as senhoras de mais idade porque dão um grande valor à religião, os mais novos apesar de estarem a gostar deram mais valor ao convívio que se fez durante a tarde do que propriamente à presença do bispo.

Diário de Bordo XXIV- dia 13 Dezembro 2013

Durante a manhã estive com a dona Zéza e Lili a embrulhar as prendas que são para os meninos e meninas da pré e primária, uma vez que segunda-feira já as vão receber e também tivemos de fazer mesmo tudo na parte da manhã porque à tarde estão no centro e assim viriam as prendas e iriam logo querer. Assim, ocupamos toda a manhã com esta tarefa.

No início da tarde, a Dr. Tânia, deu-me uma lista dos alimentos que seria para distribuir pelos cabazes de natal e eu fiquei responsável por explicar a umas senhoras que são voluntárias, mas também fazem parte do espaço convívio como teríamos de fazer os cabazes, isto porque elas também vão fazer algumas decorações. Quando voltei ao CC ajudei o Antero a fazer um trabalho para a escola, que consistia em fazer um objeto com a forma de uma figura geométrica, foi então que ele se lembrou do presépio, mas com alguma alteração e por isso foi ajudando a fazer.

Recebemos também os voluntários que andavam a fazer inquéritos aos idosos no concelho de Espinho, o que tinha de fazer era verificar se todas as questões estavam respondidas e se faltava mais alguma informação em relação aos idosos, esta tarefa fiz em conjunto com a Dr.^a Daniela, psicóloga no multivivências.

Diário de Bordo XXV- dia 16 Dezembro 2013

Durante toda a manhã estive a fazer embrulhos, uma vez que nenhuma das crianças estava no centro e também não houve qualquer movimento de utentes durante toda a manhã. Enquanto a dona Zéza andava a fazer as suas tarefas eu fazia os embrulhos.

No início da tarde, estive a embrulhar as prendas para as senhoras do espaço convívio, isto porque mesmo que as crianças vissem sabiam que não era para eles. A meio da tarde fiquei sozinha no centro por um bocado, porque o Dr Lino, a Lili, a Dona Zéza e a Dona Clara foram a um funeral. Fiquei sozinha, mas ia controlando as entradas e saídas tal como me deram ordem. À medida que iam chegando pedia para não fazerem muito barulho e perguntava o que queriam fazer. Eles portaram-se todos bem e estavam todos ocupados, quer seja a fazer trabalhos, como nos computadores ou a jogar play station ou Wii. Enquanto isso, também estive a fazer o presépio para a venda de natal da CERC que vai decorrer desde o dia 17 a 20 de Dezembro no pavilhão multimeios de Espinho. O dinheiro desta venda vai para a CERC e não para o centro, mas com este presépio damos a conhecer o nosso trabalho e poderá haver assim mais encomendas. O facto de ter ficado sozinha com os jovens do CC, por pouco tempo que foi, foi um voto de confiança por parte do Dr. Lino e da Dona Zéza.

Diário de Bordo XXVI- dia 18 Dezembro 2013

No início da manhã, estive a preparar a sala para o “espaço mediação” com um grupo de mulheres e a APAV. Estive na sala até ao início da sessão, para receber as senhoras e depois vim para o CC e estive com a dona Zéza a preparar uns moldes de uma atividade que vamos realizar com as crianças, um pai natal feito de cartolina e um guardanapo. Ao fim da manhã, fui novamente à sala onde decorria a sessão de mediação para encerrar e avisar que as sessões iriam parar por duas semanas, mas que no dia 8/9 de Janeiro iriam recomeçar e fui também buscar todo o material com a ajuda da dona Zéza. Fiz também um agradecimento pela disponibilidade da APAV em nos vir dar este apoio.

Durante a tarde, acabei de fazer os moldes das cabeças do Pai Natal, e também fiz um corte com xizato na cabeça para depois se colocar o guardanapo, e como as crianças se podiam magoar prevenimos e fizemos nós esse corte. Depois, o desenho e pintura da cara do pai natal fica ao critério e imaginação de cada um. Toda esta preocupação com as atividades porque as crianças já estão de férias de Natal e vão todo o dia para o centro, sendo assim, é necessário haver atividades para ocuparem o seu tempo.

Estivemos também a pintar desenhos, a jogar o “quem é quem?”, alguns a jogar computador e também a fazer uns anjos, com a ideia da Leonor, e decoraram conforme quiseram.

No fim da tarde fizeram-se umas pequenas alterações na sala, mudando uma televisão de lugar, porque amanhã vem a tv nova, comprada com o dinheiro que foi feito nas vendas de natal e nos jantares realizados durante este mês. O centro necessita destas atividades para conseguir angariar dinheiro para comprar a maioria das coisas que dão outra qualidade e conforto ao centro.

Diário de Bordo XXVII- dia 19 Dezembro 2013

Logo no início do dia, comecei por ajudar as crianças a preencher um inquérito que consiste na avaliação do CC, feita de 1 a 5, atribuindo esses valores a cada questão. Os mais crescidos não precisavam de ajuda, mas os mais pequenos, alguns deles ainda não sabem ler muito bem, eu lia as questões e explicava o que cada uma queria dizer. Esta atividade ainda demorou algum tempo, porque tinha de ser feita com calma e com poucas crianças de cada vez. Depois fui com a Dona Zéza comprar guardanapos vermelhos para fazermos à tarde a atividade que ontem falei, mas depois de irmos a vários sítios não encontramos o que desejávamos, foi então que pensamos noutra solução, ou seja, em vez de ser guardanapos vermelhos vamos fazer com cartolina vermelha que dá o mesmo efeito. Quando chegamos ao centro fizemos um molde com o formato do guardanapo dobrado conforme o desejado, e começamos a passar para a cartolina e a recortar, para depois fazermos a atividade durante a tarde.

O centro comunitário, nestes dias (em que não há escola) para mim assemelhasse a uma creche ou ATL, sendo que vêm todos para o centro para os pais ou avós fazerem irem trabalhar ou fazer as suas tarefas do dia-a-dia e ali vêm um apoio para poderem deixar os seus filhos ocupados e em segurança.

Durante a tarde todos fizeram o seu pai natal, em pequenos grupos de 3 miúdos vinham para a minha beira e faziam a cara do pai natal e decoravam com o que queriam. Pela primeira vez consegui que todos fizessem esta atividade, alguns vinham contrariados, mas depois de a fazerem diziam “só isto? Está mesmo giro”. Fiquei contente por todos aderirem, incluindo os mais velhos que só querem estar no computador.

Tivemos também uma doação por parte de uma senhora, de brinquedos e livros.

Diário de Bordo XXVIII- dia 20 Dezembro 2013

Durante toda a manhã tivemos o centro cheio de crianças e jovens e o que fizemos foi a continuação das atividades de ontem para quem não esteve presente. Ou seja, alguns tiveram de preencher os questionários em relação à avaliação do centro e depois estive a ajudar alguns a fazer o Pai Natal que não tinham feito ontem. Enquanto isto uns iam jogando computador, Wii e playstation. A dona Zéza durante a manhã também esteve a preparar os bolos para a festa de Natal que aconteceu durante toda a tarde.

Na parte da tarde, foi toda ela dedicada à festa de Natal, desde a preparação do lanche, até à receção de todas as crianças, incluindo algumas que ainda não conhecia e também a distribuição dos presentes e o lanche. A distribuição dos presentes teve duas fases, ou seja, os presentes oferecidos pelo centro e os presentes oferecidos pelos funcionários da sucursal do BPI (banco) de Espinho. Os funcionários unem-se para esta causa e contribuem com alguns presentes, isto porque não é tão oferecer a todos prendas. As crianças que são selecionadas para esses presentes, são as que têm a presença mais assídua no centro. Os restantes recebem os presentes do centro, ou seja, ninguém ficou sem presentes, todos tiveram um mimo. Este foi o dia que apesar de ser muito cansativo, foi o mais gratificante, porque consegui vê-los contentes, por muito pouco que tenha sido o que levaram para casa. Até mesmo a satisfação com o lanche, porque para além de ser diferente de todos os outros, estavam todos juntos.

Diário de Bordo XXIX- dia 6 Janeiro 2014

Quando cheguei logo pela manhã, a dona Zéza estava a limpar a entrada do centro, da parte de fora, isto porque, estava tudo sujo com terra. Mas o que aconteceu foi devido a vandalismo, sendo que os vasos estavam todos no sítio, mas a terra toda espalhada. Acabei por estar à conversa com a dona Zéza enquanto ela limpava por causa do que aconteceu. Depois, já quando estava na sala a Patrícia, utente do centro, chegou e disse que a mãe pôs fora de casa já há uma semana e que precisa de ajuda, porque tinha até hoje

para sair da casa onde estava alojada. Eu disse para falar com a Isabel, sendo que é assistente social e poderá dar apoio. De resto, não houve grande movimento para além das marcações com a Dr.^a Tânia e a Dr.^a Isabel e fazer umas pequenas arrumações.

Da parte da tarde, estive reunida com a Isabel para acertar os últimos pormenores em relação à sessão de mediação na próxima quarta-feira, mostrei todas as atividades que estava a pensar realizar, e também os tópicos de discussão para que as senhoras deem o contributo delas e a partir daí continuar com a sessão. A meio da reunião fomos interrompidas por uma rapariga do bairro que se encontra grávida e queria ajuda para encontrar uma casa para ela, marido e futuro filho, mas com uma renda baixa tendo em conta o rendimento do casal. A Isabel quis que eu ficasse presente e que ouvisse e participasse, depois veio o irmão dessa mesma rapariga fazer queixa de um vizinho, porque pelo que percebi já foi feito um aviso ao IRU, mas até agora não foi feito nada, e a falta de higiene do vizinho está a prejudicar esse rapaz e a família, agravando porque há uma criança na casa. Depois de tratar destes assuntos continuamos com a nossa pequena reunião e estivemos a confirmar se o retroprojektor estava disponível e a verificar o grupo de senhoras que tínhamos de contactar para relembrar a sessão. Também tivemos a falar da situação da Patrícia, uma vez que se tinha dirigido a mim da parte da amanhã, fiquei preocupada e quis saber como tinha ficado a situação. Basicamente não se conseguiu arranjar sitio para ficar, porque tudo o que ela tem a pagar é superior ao rendimento mensal dela, mas a Isabel ia continuar a tentar, mais tarde soubemos que ela está outra vez a tentar voltar para casa.

Depois volte ao centro e estive junto dos miúdos a jogar playstation e wii, entretanto chegou a hora do lanche e estive a ajudar a dona Zéza a preparar as coisas.

Diário de Bordo XXX- dia 8 Janeiro 2014

Na parte da manhã, tive a responsabilidade de fazer uma sessão no espaço mediação, o tema era gestão de conflitos, tinha um ppt preparado, mas particularmente não o utilizei, porque no início fiz logo uma atividade com o grupo de senhoras para ter um feedback do que pensam e experiências que têm sobre o assunto. O que aconteceu foi que a conversa foi-se desenrolando e eu ia falando e acrescentando pequenas coisas ao que

diziam e fui abordando tudo o que estava a pensar. Como comunicaram tanto e queriam sempre participar não tive tempo de fazer todas as atividades, mas para a semana irei continuar esta sessão. Foi muito gratificante me terem dado esta responsabilidades e na verdade ao início estava nervosa e com receio de como ia correr, mas quando comecei a falar e senti que estavam dispostas a participar e colaborar foi tudo fluindo. Nunca tinha estado sozinha numa sessão deste género e para mim também foi importante por isso, porque assim vou ganhando experiência e ao mesmo tempo consegui por em prática o que me foram dizendo durante o curso, ou seja, dar espaço aos intervenientes e ouvir as experiencias e só depois é que eu falava e acrescentava pequenas coisas.

Na parte da tarde, estive a ver num monte de desenhos que as crianças pintam os que já estavam pintados e ainda os que tinham para pintar, ao fazer esta seleção vi que tinham poucos desenhos e pouca variedade por pintar. Pedi assim a Lili umas capas que ela tem com desenhos para tirar fotocópias, estive assim a selecionar alguns de várias temáticas para amanhã tirar fotocópias.

A uma dada altura o Dr. lino recebeu um telefonema para chamar a polícia porque estava havia uma grande discussão entre vizinhos no bairro, até que começamos a ouvir no centro, o Dr. lino saiu logo para ir ate lá ver o que se passava, mas como estava cada vez pior, eu e a dona Zéza fomos até lá caso fosse necessário ajuda para alguma coisa, mas entretanto a policia chegou e nós voltamos para o centro.

A Lili pediu-me para ajudar uns miúdos do 3ºano que precisavam de fazer uma pesquisa sobre a vila de anta e do bairro, e como ela estava em consulta, estive eu a ajudá-los, isto porque, com a idade que têm alguns ainda têm dificuldades em selecionar a informação mais importante.

Estive também com a dona Zéza no espaço convívio, porque fomos levar umas caixas com enfeites de natal e as senhoras estavam nos seus trabalhos de malhas, acabamos por ficar lá um pouco à conversa, inclusive estava lá uma senhora que tinha estado comigo toda a manhã e estava a contar que preferia estar sempre ocupada com as atividades do centro, porque assim noa ficava sozinha em casa a pensar em coisas que não devia. Umas das senhoras mais velhas vai para lá para fazer companhia e estar na conversa e muitas vezes cantar fado enquanto as outras trabalham, e cantou uma música enquanto eu e a dona Zéza estávamos lá, quando acabou batemos palmas e ficou toda satisfeita dizendo que é um fado do filme “A Canção de Lisboa” de Vasco Santana.

Durante o lanche eu, a donda Zéza e a Dona Clara falamos da diminuição acentuada de crianças, devido ao fato de terem de pagar, mas temos a esperança de que

quando receberem as cartas em casa e virem que é uma quantia muito baixa os pais vão voltar a deixar os miúdos virem para o centro.

Diário de Bordo XXXI- dia 9 Janeiro 2014

Da parte da tarde estive com o Sr. Abel a verificar todas as caixas dos brinquedos para ver os que estavam incompletos ou partidos para fazer uma seleção e retirar do centro o que já não dá para brincar, sendo que vão chegando sempre coisas novas e depois não temos grande espaço e assim fazemos espaço e uma seleção.

À tarde estive com a Isabel a inserir os dados dos inquéritos de avaliação feito no centro pelos utentes do centro. Já existe uma tabela no Excel em que só se insere os dados e depois só se faz os gráficos. Depois a Tânia quando chegou perguntou se eu em importava de fazer o relatório de avaliação e disse que já têm um modelo feito, por isso não é complicado, eu disse logo que sim, porque com isto vou fazendo tarefas cada vez mais relevantes para mim e para o centro. Ou seja, sinto que estão cada vez a confiar mais em mim.

Comecei assim por numerar todos os inquéritos, de 1-100 (havia apenas 73, porque ainda faltam passar os restantes), depois fui colocando na tabela a classificação de cada inquérito atribuída a cada questão. Quando os restantes estiverem prontos, continuo com esta tarefa. Antes de me vir embora a Tânia e a Isabel disseram que tinham outra tarefa para mim, mas que na sexta me explicavam, até porque já estava na hora de saída.

Diário de Bordo XXXII- dia 10 Janeiro 2014

Na parte estive a tirar as fotocópias dos desenhos para as crianças e jovens colorirem, isto porque já era para ter feito isto, mas no dia anterior foi-me completamente impossível. Tive de fotocopiar mesmo muitos desenhos, a Lili explicou-me as dimensões, isto porque ela é que costuma fazer isto, mas como eu estava livre disse que fazia.

Depois ajudei a dona Zéza a lavar os aquários, porque são três, mas com grandes dimensões. E tirar toda a água, lavar todas as peças e transferir os peixes de um lado para outro não é fácil fazer sozinha e eu estive a ajudar.

Da parte da tarde, estive a fazer jogos e a pintar com algumas crianças. Depois estive a beira da Tânia para me explicar e iniciar a próxima tarefa. Consiste também em inserir os dados dos utentes do centro numa plataforma para que automaticamente sejam feitos os cálculos, para depois atribuirmos o escalão no qual vão ficar para os pagamentos das mensalidades no centro.

Diário de Bordo XXXIII- dia 13 Janeiro 2014

Durante a manhã iniciei a tarefa de passar todos os dados para a plataforma Excel para que automaticamente se façam as contas da mensalidade que cada utente do centro terá de pagar. Esta atividade foi a que a Tânia me explicou na sexta-feira. Já inseri todos os que tinha em mão, mas ainda faltam bastantes, mas não podemos deixar acumular, porque depois seria muito mais demorado e complicado analisar os processos de cada utente.

Na parte da tarde, estive ocupada com outra tarefa de inserir os dados também numa plataforma de Excel, mas esta sobre a satisfação do centro. Estou a inserir estes dados, para posteriormente, fazer uma análise e um pequeno relatório de avaliação relativo ao ano de 2013.

Hoje, estive assim, o dia todo ocupada com estas tarefas que são fundamentais tanto para a avaliação do centro como para a atribuição das participações mensais de cada utente.

Inconscientemente, durante a tarde tive de intervir numa situação de conflito, ou seja, mediei uma situação entre tio (tem uma deficiência mental) e o sobrinho (autista), uma vez que o tio possuía cromos de futebol e o sobrinho também queria, mas o tio não lhe queria dar nem para ver. Eu junto dos dois, expliquei ao Diogo que os cromos era do tio e que ele não lhe queria dar, mas que o ia deixar ver, assim o Quim (tio) depois de ter a confirmação de que o Diogo não tirava os cromos, deu-lhe para a mão e deixou-o ver. Assim, o Diogo ficou a perceber o que era para pedir a mãe e o tio ficou calmo e deixou-o ver sem problemas.

Diário de Bordo XXXIV- dia 15 Janeiro 2014

Durante a manhã, aconteceu a segunda sessão de mediação, continuação da última, uma vez que fiz mais uma atividade (esta relacionada com as reações que cada uma tem ao conflito), ao preencherem a folha tiveram de refletir e depois exteriorizarem o que realmente sente, depois fizemos a atividade em conjunto, havendo uma maior interação e partilha entre o grupo. Depois falei dos benefícios que só conflitos poderão trazer a cada uma, para que pensem os conflitos como não sendo só negativos, mas tentarem perceberem o que pode dar de bom. No final antes de terminar a sessão estive a perguntar às senhoras sobre o que queriam, tratar nas próximas sessões, isto porque assim vêm motivadas, interessadas e participativas. Assim surgiram as seguintes sugestões: Ginástica doméstica (exercícios que podem fazer em casa), Trabalhos plásticos para a páscoa, Receites de Culinária, visita a um parque natural da zona, Cabeleireiro (dicas para poder arranjar o cabelo no dia a dia de uma forma simples e rápida).

Na parte de tarde, estive reunida com a Isabel para falarmos da sessão de mediação e para discutirmos as sugestões das senhoras, agora entrando em contacto com as várias entidades vamos tentar proporcionar ao grupo o que foi sugerido.

Depois, foi-me atribuída mais uma tarefa, ou seja, inserir numa plataforma Excel os alimentos distribuídos pelos utentes do centro, para que depois fique registado e seja possível ter uma noção do que foi distribuído e por quem.

Na hora do lanche foi a altura que estive mais perto das crianças e fui conversando com elas até irem embora.

Diário de Bordo XXXV- dia 16 Janeiro 2014

Durante toda a manhã estive na continuação das tarefas que tenho vindo a desenvolver em relação aos rendimentos e avaliação, isto porque todos os dias vamos tendo os processos completos e vou inserindo. Os que estão incompletos vou ver aos dossiers.

A tarde foi a continuação das tarefas da manhã, com a diferença de que estive a arquivar tudo o que já estava feito e mais ao fim da tarde estive mais com as crianças e a brincar um pouco com elas.

Diário de Bordo XXXVI- dia 17 Janeiro 2014

Continuação das tarefas de ontem, estas tarefas são demoradas, porque para além de ter de se fazer com cuidado tendo em conta que são muitos valores e não pode haver enganar, tenho de confirmar tudo depois de introduzir X dados, para que seja mais fácil de detetar os erros. Por fim ainda tenho de arquivar caso estejam completos, ou ligar para o titular do processo caso esteja incompleto. Ou seja, tornam-se tarefas demoradas, porque além de serem muitos dados e muitos utilizadores, tenho de ir fazendo à medida que me vão entregando as informações.

À tarde surgiu um novo trabalho, que consiste em verificar quais os idosos que ainda não responderam a um inquérito, que esta a ser feito por voluntários, com a finalidade de perceber se estão sozinhos em casa, se necessitam de apoio. Esta informação depois será enviada para a câmara para que seja possível fazer um acompanhamento aos idosos que estão sozinhos em casa. O que eu tenho de fazer é a partir da base de dados do centro em relação aos idosos, perceber os que faltam contactar.

Diário de Bordo XXXV- dia 22 Janeiro 2014

Durante a manhã, houve mais uma sessão no espaço mediação, que se abordou o tema da atividade física a pedido das senhoras na última semana. A sessão foi dada por um amigo meu que também está a estagiar numa escola e futuramente será professor de educação física. Ele começou a sessão a perguntar o que elas faziam no dia-a-dia para perceber que tipo de atividade física têm, depois elucidou-as dos benefícios e o tempo que se deveria fazer exercício durante o dia. Na segunda parte, ele pôs em prática exercícios que as senhoras podem fazer em casa, ou seja, sem gastar dinheiro e de uma

forma fácil conseguem perder ou manter o peso. Elas ficaram mesmo satisfeitas porque perceberam que apesar de não ter dinheiro podem cuidar também da saúde delas.

Na parte da tarde, continuei com as tarefas que tenho feito nos últimos dias. Uma vez que para serem concluídas não estão única e exclusivamente dependentes de mim. E à medida que vou tendo os documentos vou passando de uma atividade para outra.

Estive também com a dona Zéza a fazer uma recolha de receitas económicas e saudáveis para numa próxima sessão trabalhar sobre isto com o grupo de mulheres. Isto para haver uma partilha de receitas e estava a pensar organizar um pequeno-almoço com as senhoras com miniaturas de doces feitos por elas.

	Manhã	Tarde
3ªfeira	_____	Sofia/Edite
4ªfeira	_____	Marisa/Edite
5ªfeira	_____	Marisa/Edite/Sofia
6ªfeira	Marisa/Edite	Marisa/Edite

Diário de Bordo XXXVI- dia 23 Janeiro 2014

Durante a manhã estive a fazer uma lista concreta de todas as casas que faltam verificar no bairro em relação ao projeto dos idosos, para na sexta-feira conferir com a Dr.^a Tânia. Esta tarefa realizei-a em conjunto com a voluntária Sofia. Foi-me dada a responsabilidade de orientar as duas voluntárias que me vão ajudar nesta tarefa. Elaborei assim, um horário de acordo com a minha disponibilidade e das voluntárias, para a próxima semana para podermos ir fazer os inquéritos que faltam.

Durante a tarde, conclui a inserção de todos os dados do inquérito de satisfação, para sexta-feira fazer o relatório de avaliação correspondente ao ano de 2013. Ajudei também a Dr.^a Tânia a organizar os inquéritos para ela entregar aos voluntários que vão iniciar os inquéritos aos idosos noutra zona de espinho.

Diário de Bordo XXXVII- dia 24 Janeiro 2014

Durante toda a manhã, a partir do relatório modelo de avaliação e de todos os dados já inseridos, estive a fazer o relatório de avaliação do ano de 2013. Conseguindo assim concluir esta tarefa.

Durante a tarde estive a preparar a sessão de mediação da próxima quarta-feira, uma vez que vamos fazer uma troca de receitas de culinária, e tentar por alguma delas em prática. Para tal, estive a pesquisar receitas de doces, pratos principais fáceis e económicos de fazer e também receitas de comidas saudáveis, para dar continuação ao que se falou na sessão anterior, uma vez que se falou de atividade física e que para completar a atividade física é necessário ter uma boa alimentação. Pedi ajuda a dona Zéza, porque as senhoras elogiaram os bolos dela, como tal, pedi-lhe as receitas de alguns doces que ela faz para partilhar. Ou seja, a próxima sessão vai ser uma partilha e troca de receitas e pequenos “truques” em cada receita que poderão fazer a diferença para o prato ficar com melhor qualidade.

Com estas sessões dou por mim a pesquisar e a tratar de temas que nada têm a ver com a minha formação, mas está a ser essencial, porque para além de ter de fazer trabalho de pesquisa, aprendo muito com o grupo de senhoras, havendo assim uma troca de saberes entre todas.

Diário de Bordo XXXVIII- dia 3 Fevereiro 2014

No início do dia, como durante a semana anterior estive ausente, estive a ver tudo o que tinha feito e o que tinha para fazer, fazendo assim uma pequena lista das tarefas que ficaram por acabar. Entretanto a Isabel veio ter comigo e estivemos a falar da próxima sessão de mediação e de outras situações que aconteceram durante a outra semana.

Durante a tarde, estive em conjunto com a Tânia para ela me explicar como tenho acesso aos processos para retirar as informações necessárias para preencher a grelha em relação às participações para o centro.

Depois veio uma senhora pedir ajuda porque o neto veio da escola com um trabalho de pesquisa para realizar, mas o menino anda na pré primária e não sabe escrever nem ler e a avô também não, então, eu estive a ajudá-los, a pesquisa consistia nos pinguins e o objetivo era fazer um parágrafo a caracterizar os pinguins e colocar 3 imagens. O menino escolheu as imagens e eu ia lendo o que estavam nos sites e a senhora disse o que queria que eu colocasse nesse parágrafo. Por fim imprimi e o trabalho estava feito.

No fim do dia estive a “programar” o dia de quarta-feira, tendo em conta que já tenho tarefas destinadas para esse dia.

Diário de Bordo XXXIX- dia 5 Fevereiro 2014

De manha estive responsável pela sessão de mediação que aconteceu na mediateca, uma vez que a sala onde tem decorrido estas sessões está ocupada com alimentos para a distribuição alimentar. A sessão desta manhã baseou-se em troca de receitas de culinária, mas da minha parte foi feita uma pesquisa de receitas que à primeira vista, mas poderão ser feitas de uma forma económica e rápida. Estivemos então a fazer essa troca de aprendizagens em relação a pequenos truques nas receitas e depois tivemos a confeccionar um bolo que pode ser feito no micro-ondas e passado uns 10/15 min já o puderam comer junto com um chá. Ficaram bastante agradadas com a sessão, sendo que foi algo escolhido por elas e a verdade é que houve uma troca importante de aprendizagens que irá facilitar o quotidiano na cozinha de todas as senhoras.

À tarde estive a analisar vários processos de algumas famílias que as crianças frequentam o centro para retirar as informações necessárias para se poder fazer os cálculos da mensalidade que será paga em casa caso ao centro comunitário. Foram vários os processos que analisei para que depois possa o mais rápido possível inserir os dados na plataforma onde dá o resultado final para se poder atribuir a mensalidade que tenho vindo a referir.

Diário de Bordo XL- dia 6 Fevereiro 2014

Durante o dia de hoje continuei com as tarefas que tenho vindo a desenvolver ao longo destes dias. Para além disso estive reunida com a Lili para conversarmos em relação a crianças que teremos de pedir os papéis e aqueles casos que não são necessários, isto porque, alguns deles só veem para o centro no verão ou nas férias escolares. Nestes casos seriam muito injusto haver um pagamento mensal tal como os restantes usuários, por isso tivemos de pensar nestas hipóteses. Algo que ainda está por decidir é o limite máximo de pagamento, porque embora existam famílias em que o resultado final dá um valor alto de mensalidade, para nós não faz sentido, uma vez que o nosso foco não é obter lucros com esta lei imposta pelo estado.

Diário de Bordo XLI- dia 7 Fevereiro 2014

Hoje eu e a Lili tivemos uma conversa longa em relação aos dois professores das artes decorativas, uma vez que entraram em conflito devido a um desentendimento de horários, mas o grande problema é que transmitiram às turmas que estão responsáveis esses mesmos conflitos e está a prejudicar, porque as senhoras que frequentam essas aulas estão a tomar partidos e a entrar em conflito com a professora.

Recebi documentos em relação às participações e inscrições na sala de apoio ao estudo, nestes casos têm de se preencher em conjunto uma ficha de inscrição com vários dados e posteriormente tirar fotocópia dos recibos de rendimento e de despesas da família.

Verifiquei todos os processos da participação para ver se tinham todas as informações, as que não têm durante a tarde vou contactar para completar as informações.

Algo que não tenho referido, mas tem acontecido é o facto de o meu contato com as crianças ser o mesmo, ou seja, apesar de ter estas tarefas a fazer, ao fim do dia estou quase sempre à beira deles e quando não estou durante a tarde venho sempre um pouco para a parte da mediateca para estar com eles.

Hoje o dia foi agitado porque para além do Dr. Lino estar de baixa a dona Zéza está doente e teve mesmo de ficar em casa, ou seja, hoje estive quase toda a tarde na parte da mediateca para ajudar a clarinha com as crianças, a preparar o lanche, ajudar com

pesquisas, entre outras coisas. Depois ao fim do dia estivemos todas a limpar o centro e fechar tudo, uma vez que sábado de manha existe a atividade do modelismo e tivemos também de deixar tudo preparado.

Diário de Bordo XLII- dia 10 Fevereiro 2014

Da parte da manha estive no centro de emprego devido a um pedido do Dr. lino, uma vez que me pediu uma declaração do tempo em que já estou inscrita no centro de emprego.

À tarde, estive a fazer uns telefonemas a algumas famílias para atualização de processos. O restante tempo estive junto das crianças e jovens na conversa com eles e também na ajuda de um trabalho manual que uma das miúdas estava a fazer para a escola.

Diário de Bordo XLIII- dia 11 Fevereiro 2014

Durante a amanhã estive a preparar a sessão de mediação de quarta-feira com o tema de receitas de culinária saudáveis, fiz uma pesquisa e recolhi algumas receitas para partilhar. O objetivo será todas as senhoras levarem receitas e fazermos uma partilha de receitas entre todas e no fim elaborarmos um pequeno documento com várias receitas para depois terem acesso ao mesmo.

Na parte da tarde, fui com uma voluntária às casas que faltam verificar em relação aos idosos, ou seja, passar o inquérito de verificação se os idosos estão sozinhos ou necessitam de apoios nas casas que faltam ou então as que na primeira vez não abriram a porta. Gostei desta experiência, sendo que fui bem recebido por todos e muitos senhores é que nos ajudavam em relação a casas que não tinham qualquer tipo de informação. Conseguimos ver muitas casas que faltavam, ficando assim a faltar poucas casas para podermos enviar todas as informações para a camara municipal de espinho.

Diário de Bordo XLIV- dia 12 Fevereiro 2014

Durante este dia só estive presente no centro da parte da manhã, onde estive responsável pela sessão de mediação com o grupo de mulheres. A sessão tinha o tema de receitas saudáveis, uma vez que foram as senhoras que pediram e por outro lado temos muitas das crianças do centro com problemas de peso. Houve assim uma troca bastante enriquecedora de receitas saudáveis e várias dicas para fazer cozinhados mais elaborados de forma a não prejudicar a saúde. As senhoras foram sempre muito participativas dando exemplos do que fazem em casa, uma das novidades que lhes transmiti foi o uso de especiarias em vez do uso do sal.

Diário de Bordo XLV- dia 13 Fevereiro 2014

Neste dia já estive presente só da parte da tarde, e mesmo assim foi só uma pequena parte da mesma, ou seja, as 14h30 tive uma reunião com a Dr.^a Rosa, presidente da CERCI, sendo que me propôs fazer um estágio profissional. Automaticamente, aceitei e fiquei bastante contente. Depois fui para o centro comunitário e estive mais com as crianças e a fazer umas pinturas para o carnaval, uma vez que nas escolas a festa de carnaval é já no fim do mês.

Diário de Bordo XLVI- dia 14 Fevereiro 2014

No início do dia, estive em conjunto com a dona Zéza a ver a alimentação que veio do banco alimentar para distribuir, ou seja, foi necessário fazer uma contagem para depois a Tânia fazer a distribuição pelas famílias. Em seguida, a Tânia chamou-me para iniciar uma nova tarefa, assim sendo, tive de inserir numa base de dados todas as informações sobre a alimentação que diz respeito ao mês de janeiro e seguidamente fazer uma folha alusiva ao que se distribui por cada dia do mês. Esta tarefa ocupou-o a restante manhã e a tarde, mas consegui concluir, o que falta são pormenores de informações que não tinha disponíveis, mas são pormenores que facilmente se completa.

Diário de Bordo XLVII- dia 17 Fevereiro 2014

Hoje o dia foi bastante tranquilo, sendo que tivemos poucas crianças e jovens. Durante a manhã estive reunida com a Isabel para falarmos em relação ao espaço mediação e depois de um feedback do grupo de senhoras, na próxima quarta virá uma funcionária do centro social de paramos para estar responsável pela sessão que se irá incidir na poupança no dia-a-dia. Este tema surgiu, uma vez que aquando de estarmos a falar das receitas de culinária, ela punham em causa ter sempre aqueles alimentos em casa e tendo em conta que são alimentos básicos, é necessário que se fala de como elas fazem e de outras formas de poupança. No final da manhã estive a ajudar a dona Zéza na distribuição da alimentação do banco alimentar.

Da parte da tarde, estive com as crianças e jovens na parte da mediateca, e fui ajudando no que pediam e também “brincando” com quem o queria fazer. O tempo não tem permitido acabar de verificar as moradas dos idosos que faltam preencher o inquérito, sendo que tem chovido e assim será impossível andar pelo bairro. Assim, tenho todas as tarefas que tenho destinadas orientadas e adiantadas, o que está parado está então relacionado com o mau tempo e falta de documentos por parte dos encarregados de educação.

Diário de Bordo XLVIII- dia 18 Fevereiro 2014

Durante toda a manhã estive reunida com a Lili e com a Isabel numa reunião em que verificamos os processos das participações um a um para ajustar valores, ou seja, caso em algum dos casos estivesse um valor muito alto ou baixo em relação ao historial de família nós ajustávamos. Outro assunto discutido foram as situações de crianças e jovens que vêm para o centro apenas nas férias, ou seja, todas as situações foram discutidas e ainda o mais importante foi completar ou atualizar informações, ou seja, informações que estavam fora do meu alcance elas ajudaram-me a completar. Alguns dos processos ficaram suspensos, ou porque as crianças já não veem para o centro há muito tempo ou então porque já não vivem no bairro.

Durante a tarde estive com a Isabel a corrigir a atualizar todos os processos que lhe pertenciam a ela, depois a hora do lanche vim para a mediateca ajudar a dona zeza na hora do lanche.

Diário de Bordo XLIX- dia 19 Fevereiro 2014

Às quartas-feiras estou no centro só na parte da manhã porque temos a sessão de mediação, esta quarta-feira a sessão não estava a minha responsabilidade, mas eu estive presente na mesma. A sessão ficou á responsabilidade do Dr^a. Sandra da ADSE em que se falou de poupanças, ou seja na dia a dia formas de poupar dinheiro, este temos também foi pedido pelo grupo, uma vez que a maioria têm poucos rendimentos e têm de fazer o máximo de esforço para pagarem todas as contas.

Segui uma nova ideia, ou seja, “Ser mulher...”, irei então tratar deste tema numa próxima oportunidade.

Diário de Bordo XLX- dia 20 Fevereiro 2014

Às quintas-feiras estou no centro só da parte da tarde, o que estive a fazer foi com o Sr. Abel, a verificar os processos na plataforma Excel tendo em conta as alterações que se fizeram na terça-feira. Posteriormente coloquei os valores respetivos a cada cliente para se entregar a carta em mão u pelos ctt, nos casos em que não temos contacto com os pais ou encarregados de educação.

Depois estive sempre com as crianças e acertei com o Dr. lino e com a Tânia o que se iria fazer em relação às participações, uma vez que já está tudo corrigido e verificado.

Diário de Bordo XLXI- dia 21 Fevereiro 2014

Comecei o dia por fotocopiar todas as cartas que foram preenchidas no dia anterior, uma vez que é necessário uma cópia de tudo o que enviamos ou entregamos.

Seguidamente, em conjunto com a Lili, sendo que ela sabe de todos os pais que vão ao centro e os que não temos contacto, sendo que alguns dos miúdos que andam na sala de apoio ao estudo não frequentam a mediateca. Depois de fazer essa separação, fiz uma lista com todos os nomes dos encarregados de educação para assinarem quando recebem as cartas e assinar os que vão ser enviados por ctt.

Por fim, coloquei todas as cartas dentro de um envelope com a identificação por fora e as que são para enviar por ctt coloquei a morada e coloquei-as de parte para entregar ao correio que vem ao centro comunitário.

Da parte da tarde, organizei o dossiê de clientes, ou seja, com as cartas das participações e com as fichas de inscrição de cada cliente, isto porque as fichas desapareceram e é necessário ter uma nova pasta. À medida que iam chegando pedi para virem há minha beira preencher a ficha e quando começaram a chegar os pais, entregava as cartas em mão e eles preenchiam as fichas dos filhos. Neste dia consegui já várias fichas e entregar várias cartas, mas mesmo assim ainda faltam algumas.

Este foi o último dia de estágio, oficialmente, porque não vou deixar de ir ao CC.

Apêndice V - Análise Diários de Bordo

Categorias	Sub-Categorias	Conteúdo
Percurso na instituição	O Primeiro contacto com a instituição	<ul style="list-style-type: none"> Neste dia aconteceu a primeira abordagem à CERCI Espinho, uma vez que me dirigi ao local para saber se era possível realizar o estágio curricular, tendo em conta que esta instituição tem um trabalho muito importante no que diz respeito à inserção social de pessoas com deficiências, o que contribui assim para o desenvolvimento local, que sempre foi a temática que eu quis trabalhar. Assim sendo, a diretora da CERCI, Dr.^a Rosa Couto recebeu-me e perguntou qual era a minha área e o que eu queria abordar como tema de tese ou estágio e eu expliquei, foi então que ela falou do centro comunitário do bairro da ponte de anta que pertence à CERCI, dizendo que na opinião dela seria o melhor local para estagiar, uma vez que ali teria acesso a todos os recursos que necessito para trabalhar o meu tema. Eu fiquei entusiasmada porque é um local de estágio que para além de poder abordar a temática que sempre quis trabalhar, posso aprender muito mais coisas para além disso, tendo em conta que é um local que trabalha com pessoas muito diferentes e com necessidades muito diversificadas.
	Fase da negociação	<ul style="list-style-type: none"> A Dr.^a Rosa disse logo que aceitava o meu estágio, mostrando-se também agradada porque neste momento estão a precisar de recursos diferentes dos que têm tido até agora, sendo que nunca houve nenhum estágio na área das ciências da educação no CC. Deu-me o contacto do Dr. Lino, que é o responsável pelo CC e disse para lhe ligar passado três dias para combinar uma reunião com ele, sendo que ela no dia 18 tinha uma reunião com ele, onde ela iria dar conhecimento do meu estágio. A minha primeira ida ao Centro Comunitário teve como principal objetivo a reunião com o Dr. Lino para acertar pormenores em relação ao meu estágio. O Dr. Lino começou a conversar comigo de uma forma muito descontraída, perguntado quantas horas seria o estágio, perguntou qual seria o meu tema de estágio e eu expliquei que o meu principal objetivo era trabalhar as questões de desenvolvimento local e ele, dando um ar de riso, disse logo que melhor local era impossível, dizendo que tem a noção que aquele centro contribui para que todos naquele bairro se sintam apoiados para que possam melhorar as suas vidas a todos os níveis. Falamos da data do início do estágio e ele sugeriu dia 4 de Novembro e eu aceitei de imediato, porque estava livre e vontade já tinha eu de ter começado o estágio a algum tempo. O Dr. Lino disse para eu me preparar porque há casos muito simples e que são crianças que têm apenas carências económicas, mas há casos em que existem carências económicas e afetivas e esses sim são os casos piores e mais delicados.
	Observação	<ul style="list-style-type: none"> Nestes primeiros dias o Dr. Lino aconselhou-me a observar todas as rotinas do centro, e avisou-me que a da parte da manhã tem pouco movimento,

		<p>aparecendo alguns idosos para tomar o pequeno-almoço e a medicação, acabando por ficarem lá uma boa parte da manhã na conversa e também aparecem algumas crianças, por norma as mais novas, tendo em conta que não têm escola.</p>
	Integração	<ul style="list-style-type: none"> Assim durante a manhã ajudei a dona Zéza a dar o pequeno-almoço às crianças, estive a ver um pouco de televisão com eles porque diziam que não tinham vontade de fazer nada porque tinham muito sono, mais no fim da manhã, comecei com uma atividade de trabalhos manuais relacionados com o natal, arvores de natal, e outros objetos feitos com rolhas de cortiça, tecido e papeis de cor, para mais tarde se vender. Eu cortava as rolhas, tendo em conta que as crianças são muito pequenas para fazer isso, e eles decoravam as rolhas e depois eu colava-as. No início da tarde estive a fazer um molde de um presépio (cabana), para as crianças depois fazerem um e decorar ao gosto delas. Quando chegaram gostaram da ideia e começaram logo a fazer e enquanto faziam já falavam do natal a dizer que ainda tinham de escrever a carta ao pai natal porque apesar de ser sempre muito grande só recebiam uma prenda, e eu disse, mas o pai natal só pode dar uma a cada criança senão não tinha dinheiro para dar a todos, e eles mais satisfeitos, disseram que mais valia assim do que não receber nenhuma. Antes do lanche, fizemos uma seleção em conjunto com as crianças e jovens de desenhos de natal para depois os reproduzirmos em conjunto. Posteriormente, tivemos todos a jogar um jogo orientado pela Dr.^a. Liliana, que se baseava em papeis a circular com o nome de cada um e depois cada colega escrevia uma virtude e um defeito da pessoa que estava no papel, no fim cada um ia recolher o papel e ler para si os que os outros escreverem a cerca de si mesmos, depois cada um dava a sua opinião em relação ao que disseram no papel. Na maioria dos casos as reações foram muito positivas porque apesar de todos terem vários defeitos (teimoso, irrequieto, falador, barulhento, entre outros) a parte positiva superou na maioria dos casos, porque os adjetivos a que se referiam tinham um grande valor, ou seja, amigo do seu amigo, companheiro, fiel, etc. este jogo tinha o objetivo de eu os conhecer melhor e também de trabalhar a própria autoestima de cada um, para que percebam que todos têm virtudes, por muito que lhes digam que são malcriados, pobres entre outros adjetivos menos agradáveis que lhes são ditos nas escolas
	Evolução	<ul style="list-style-type: none"> Ao fim do dia, antes de irem embora foi-lhes entregue a pedido do Dr. Lino um documento para entregarem aos encarregados de educação que corresponde a um pedido de várias documentações (despesas, rendimentos, etc), para que possam calcular a mensalidade que as crianças vão ter de começar a pagar a partir de janeiro, ou seja, inclui, lanches, sala de estudo, uso de computadores, fotocópias etc. pelo que percebi cada criança e jovem vai pagar conforme as despesas e rendimentos do agregado familiar. Antes de me vir embora o doutor disse-me que para a próxima semana iria começar a acompanhar mais de perto todo o trabalho da psicóloga e assistente

		<p>social, e que esta semana serviu mais para me ambientar e para as crianças me conhecerem.</p> <ul style="list-style-type: none"> • porque hoje durante a tarde houve uma reunião da psicóloga com 13 voluntários que neste momento estão desempregados e vão participar num projeto com idosos, ou seja, através de uma lista fornecida pelas juntas de freguesias de espinho e anta e Guetim, vão a casa dos idosos para perceber se vivem sozinhos, se têm apoios médicos e familiares, para que no fim se faça uma análise e se proporcione o acompanhamento a idosos que estejam sós, ficando instituições da zona de residência responsáveis por eles. Este projeto é da iniciativa da câmara municipal de espinho e pediu a colaboração das assistentes do centro comunitário para que esta recolha de dado fosse feita e que orientassem os voluntários. A doutora Tânia (psicóloga) fez questão que eu assistisse à reunião para ficar a par do que vai ser feito e também se mais tarde for necessário eu ajudar no que toca a análise dos documentos. Pelo que percebi este projeto também tem como objetivo as interação entre os vizinhos, ou seja, para além das instituições os idosos receberão apoio de vizinhos, de uma forma muito simples, como por exemplo, estarem atentos para ver se saem de casa e voltam, se precisam de algum cuidado mais urgente como uma ida à farmácia e não ter transporte o vizinho pode dar auxílio. Quando a reunião terminou as crianças voltaram ao trabalho de decoração do presépio. • Durante a manhã também realizamos telefonemas às pessoas que usufruem do banco alimentar para virem ao centro assinar um papel por causa dos cabazes de natal, sendo que é algo que vem à parte da quantidade normal no mês de dezembro. Depois as pessoas foram chegando e dávamos o papel, perguntamos se precisavam de alguma coisa ou se tinham alguma coisa a dizer em relação ao banco alimentar. • Neste dia já estive presente só da parte da tarde, e mesmo assim foi só uma pequena parte da mesma, ou seja, as 14h30 tive uma reunião com a Dr.^a Rosa, presidente da CERC, sendo que me propôs fazer um estágio profissional. Automaticamente, aceitei e fiquei bastante contente
	<p>Papeis desempenhados na instituição</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quando voltei ao centro, estivemos a fazer presépios, uma vez que recebemos encomendas de pessoas que estiveram presentes no jantar de Natal • Já depois do lanche, em conversa com a Lili perguntei-lhe em relação ao espaço de mediação que era suposto acontecer duas quartas-feiras por cada mês, ela explicou-me que este ano ainda não estava a decorrer, porque a doutora isabel é que estava responsável e que ainda iria iniciar, sendo que no ano passado decorreu com um grupo de pais, mas orientado pela Lili. Eu disse que gostaria de assistir ou então se fosse possível colaborar com a doutora isabel, ela ficou logo entusiasmada e disse: “ainda bem que me lembraste que és mediadora, a isabel está a precisar de ajuda”. Fomos logo as duas ter com a doutora isabel ao gabinete dela (mesmo ao lado do centro comunitário), foi quando a Lili disse “trago-te aqui uma ajuda para a mediação, e a doutora isabel disse: “não me digas?!?! Eu não sei para onde me virar!”. Depois a isabel começou a explicar que já tinha um grupo de 15 pessoas, sendo que foram contactadas por ela e vêm por livre vontade e está a pensar dividir as

sessões de mediação em temas, mas ainda não tem a certeza se será assim, isto porque não próxima quarta estaremos com o grupo e iremos tentar perceber os temas ou interesses que querem debater, ou seja, assuntos que sejam pertinentes de mediar com este grupo.

- Agora comecei a sentir que para além de já ter percebido e estar integrada na dinâmica do centro, vou começar a ter tarefas muito relacionadas com a minha profissionalidade, ou seja, para além de estar a perceber o que o centro faz para contribuir para o desenvolvimento local, vou começar a fazer parte dessas mesmas tarefas/atividades e projetos que contribuem para o desenvolvimento.
- Depois estive com a dona Zéza a fazer a contagem de alimentos que temos em armazém para ver o que é necessário encomendar para fazermos os cabazes de Natal, esta tarefa ainda demorou algum tempo, porque havia muita coisa para contar e depois fazer os respetivos cálculos.
- Durante a manhã fiquei responsável por telefonar a uns moradores para virem assinar uns papéis deixados pela Isabel relativos ao RIS, assim mal cheguei comecei a fazer esses mesmos telefonemas.
- Durante a manhã estive com a dona Zéza e Lili a embrulhar as prendas que são para os meninos e meninas da pré e primária, uma vez que segunda-feira já as vão receber e também tivemos de fazer mesmo tudo na parte da manhã porque à tarde estão no centro e assim viriam as prendas e iriam logo querer
- No início da tarde, a Dr. Tânia, deu-me uma lista dos alimentos que seria para distribuir pelos cabazes de natal e eu fiquei responsável por explicar a umas senhoras que são voluntárias, mas também fazem parte do espaço convívio como teríamos de fazer os cabazes, isto porque elas também vão fazer algumas decorações
- A meio da tarde fiquei sozinha no centro por um bocado, porque o Dr lino, a Lili, a Dona zéza e a Dona Clara foram a um funeral. Fiquei sozinha, mas ia controlando as entradas e saídas tal como me deram ordem. À medida que iam chegando pedia para não fazerem muito barulho e perguntava o que queria fazer.
- Logo no início do dia, comecei por ajudar as crianças a preencher um inquérito que consiste na avaliação do CC, feita de 1 a 5, atribuindo esses valores a cada questão.
- À tarde estive com a Isabel a inserir os dados dos inquéritos de avaliação feito no centro pelos utentes do centro. Já existe uma tabela no Excel em que só se insere os dados e depois só se faz os gráficos. Depois a Tânia quando chegou perguntou se eu em importava de fazer o relatório de avaliação e disse que já têm um modelo feito, por isso não é complicado, eu disse logo que sim, porque com isto vou fazendo tarefas cada vez mais relevantes para mim e para o centro. Ou seja, sinto que estão cada vez a confiar mais em mim. Comecei assim por numerar todos os inquéritos, de 1-100 (havia apenas 73, porque ainda faltam passar os restantes), depois fui colocando na tabela a classificação de cada inquérito atribuída a cada questão. Quando os restantes estiverem prontos, continuo com esta tarefa. Antes de me vir embora a Tânia

e a isabel disseram que tinham outra tarefa para mim, mas que na sexta me explicavam, até porque já estava na hora de saída.

- Depois estive a beira da Tânia para me explicar e iniciar a próxima tarefa. Consiste também em inserir os dados dos utentes do centro numa plataforma para que automaticamente sejam feitos os cálculos, para depois atribuírmos o escalão no qual vão ficar para os pagamentos das mensalidades no centro.
- Durante a manhã iniciei a tarefa de passar todos os dados para a plataforma Excel para que automaticamente se façam as contas da mensalidade que cada utente do centro terá de pagar.
- Na parte da tarde, estive ocupada com outra tarefa de inserir os dados também numa plataforma de Excel, mas esta sobre a satisfação do centro. Estou a inserir estes dados, para posteriormente, fazer uma análise e um pequeno relatório de avaliação relativo ao ano de 2013
- Depois, foi-me atribuída mais uma tarefa, ou seja, inserir numa plataforma Excel os alimentos distribuídos pelos utentes do centro, para que depois fique registado e seja possível ter uma noção do que foi distribuído e por quem.
- À tarde surgiu um novo trabalho, que consiste em verificar quais os idosos que ainda não responderam a um inquérito, que esta a ser feito por voluntários, com a finalidade de perceber se estão sozinhos em casa, se necessitam de apoio. Esta informação depois será enviada para a câmara para que seja possível fazer um acompanhamento aos idosos que estão sozinhos em casa. O que eu tenho de fazer é a partir da base de dados do centro em relação aos idosos, perceber os que faltam contactar.
- Na parte da tarde, continuei com as tarefas que tenho feito nos últimos dias. Uma vez que para serem concluídas não estão única e exclusivamente dependentes de mim. E à medida que vou tendo os documentos vou passando de uma atividade para outra.
- Durante a manhã estive a fazer uma lista concreta de todas as casas que faltam verificar no bairro em relação ao projeto dos idosos, para na sexta-feira conferir com a Dr.^a Tânia. Esta tarefa realizei-a em conjunto com a voluntária Sofia. Foi-me dada a responsabilidade de orientar as duas voluntárias que me vão ajudar nesta tarefa. Elaborei assim, um horário de acordo com a minha disponibilidade e das voluntárias, para a próxima semana para podermos ir fazer os inquéritos que faltam.
- Durante toda a manhã, a partir do relatório modelo de avaliação e de todos os dados já inseridos, estive a fazer o relatório de avaliação do ano de 2013. Conseguindo assim concluir esta tarefa.
- Na parte da tarde, fui com uma voluntária às casas que faltam verificar em relação aos idosos, ou seja, passar o inquérito de verificação se os idosos estão sozinhos ou necessitam de apoios nas casas que faltam ou então as que na primeira vez não abriram a porta.
- tive de inserir numa base de dados todas as informações sobre a alimentação que diz respeito ao mês de janeiro e seguidamente fazer uma folha alusiva ao que se distribui por cada dia do mês

		<ul style="list-style-type: none"> • Durante toda a manhã estive reunida com a Lili e com a Isabel numa reunião em que verificamos os processos das participações um a um para ajustar valores, ou seja, caso em algum dos casos estivesse um valor muito alto ou baixo em relação ao historial de família nós ajustávamos. • Durante a tarde estive com a Isabel a corrigir e atualizar todos os processos que lhe pertenciam a ela, depois a hora do lanche vim para a mediateca ajudar a dona Zeza na hora do lanche. • Da parte da tarde, organizei o dossiê de clientes, ou seja, com as cartas das participações e com as fichas de inscrição de cada cliente, isto porque as fichas desapareceram e é necessário ter uma nova pasta. À medida que iam chegando pedi para virem há minha beira preencher a ficha e quando começaram a chegar os pais, entregava as cartas em mão e eles preenchiam as fichas dos filhos
O Bairro		<ul style="list-style-type: none"> • Apesar de conhecer o bairro tendo em conta que vivi lá durante a minha infância, aquela zona era-me desconhecida, isto porque o bairro é dividido em três fases de construção e por norma em cada fase habitavam pessoas de etnias e classe social diferente. • A caminho de volta para o centro foram-me mostrar uma parede que estão a colocar azulejos de desenhos feitos pelas crianças do centro do próprio bairro, é uma pintora que vive no bairro que está a passar os desenhos para os azulejos e os funcionários da câmara estão agora a cobrir um muro de uma das entradas do bairro com os mesmos. Uma parte está a retratar o centro comunitário, e quando acontecer a inauguração deste muro, em princípio será organizado pelo centro e chamar-se-á todas as crianças que fizeram aquelas desenhos, isto porque, muitos deles já não vivem no bairro ou então já não estão no centro. Este projeto já estava pensado há alguns anos, mas só agora é que se proporcionaram todas as condições para o realizar
O Centro Comunitário	Descrição do Espaço	<ul style="list-style-type: none"> • No percurso até ao gabinete passei pela sala onde as crianças e jovens têm os jogos, sofás e onde podem conviver. • A primeira coisa que fiz foi conhecer melhor o centro com o Dr. Lino. No hall de entrada do centro tem uma série de papéis afixados com o regulamento do centro, os contactos mais importantes em caso de alguma urgência (bombeiros, hospital, centro de saúde, câmara municipal de espinho e polícia), todas as valências do centro e o funcionamento das mesas, ou seja, a mediateca e o espaço internet; o GAI (gabinete de atendimento integrado); o GAP; a sala de apoio ao estudo; a aeróbica; o clube de artes decorativas; o espaço de convívio; o espaço de mediação social; o grupo de pais; e o atelier de Modelismo. De seguida, tem uma sala onde se encontra a mediateca, o espaço de convívio e um wc; tem também uma cozinha que serve apenas para servir pequenos almoços e lanches tendo em conta o seu tamanho, o gabinete da psicóloga, uns arrumos e a sala do espaço internet. • A meio da manhã fui com a dona Zéza e com a doutora Liliana ver a sala de artes decorativas que fica noutra bloco do bairro onde os adultos têm o atelier de artes e também onde se fazem as pinturas

	Equipa técnica	<ul style="list-style-type: none"> • O Dr. lino explicou que a auxiliar que esta sempre com as crianças é o seu braço direito porque só ela e ele é que conhecem aquele bairro e aquelas pessoas como mais ninguém conhece no centro. Depois falou da psicóloga dizendo que é uma pessoa muito acessível a muito atenta as famílias do centro e do bairro, sendo que algumas famílias apesar de não frequentarem o centro, têm apoio da psicóloga e da assistente social, sendo que há um gabinete fora do centro em que qualquer pessoa pode ir lá e expor a sua situação quer psicológica que social. As assistentes sociais, trabalham num gabinete ao lado do centro, isto porque apesar de pertencer ao centro estão num gabinete ao lado para fazerem os atendimentos com mais privacidade. • A dona Clara tem uma pequena deficiência na mão, mas é muito autónoma e dinâmica, pelo que percebi nesta altura do ano ela vem sempre para o centro ajudar nas tarefas, tendo em conta que se aproxima uma época festiva e que há muitos trabalhos manuais para fazer, para além do cuidado com as crianças, jovens, adultos e idosos. • Pelo que tenho percebido as duas assistentes sociais do centro não passam tanto tempo com as crianças, porque estão num gabinete fora do centro a atender as famílias e também em reuniões com a segurança social em conjunto com as famílias e com outras entidades com as quais existe parcerias com o centro e a CERCI.
	Organização	<ul style="list-style-type: none"> • Outra situação a qual tenho estado atenta é a organização do centro, ou seja, na forma como os responsáveis e funcionários do centro reagem aos vários acontecimentos a que o centro está sujeito (grande quantidade de crianças, discussões entre famílias dentro do centro, discussões entre usuários do centro e psicóloga/assistente social/ doutor Lino) e o que tenho concluído é que já estão tão habituados a estas situações que facilmente encontram uma solução, mesmo não estando o doutor lino alguém toma as “rédeas” e organiza tudo.
	Génese	<ul style="list-style-type: none"> • Também referiu que quando o centro abriu, desde logo com ele como responsável, foi com o objetivo também de criar uma união entre aquelas crianças e jovens, tendo em conta que muitos deles não têm famílias e ali podem formar uma sentindo-se apoiados.
Lógicas de intervenção	Mediação <ul style="list-style-type: none"> • Comunitária • Com serviços públicos • Espaço mediação 	<ul style="list-style-type: none"> • Durante a manhã foram aparecendo várias pessoas do bairro, umas para imprimir documentos, outras para tirarem fotocópias, outras para falarem com a psicóloga ou com o Dr. Lino • Mesmo antes de vir embora, duas senhoras bateram à porta e eu fui abrir, estavam bastante aflitas a dizer que queriam falar com o Dr. lino, foi logo chama-lo e o assunto tinha a ver com um funeral de um familiar que será amanhã, mas falta-lhes um papel para entregar na funerária e não sabiam como podia fazer para o obter, o Dr. lino ligou para um amigo que trabalha na junta de freguesia de anta e ele explicou como as senhoras tinham de fazer. • Ao longo da manhã apareceram três senhoras de etnia cigana com umas dúvidas por causa de umas cartas, isto porque não sabem ler e não sabiam se era assuntos importantes ou não, uma delas era apenas uma carta da PT com publicidade, mal expliquei à senhora ficou logo descansada e foi-se embora, mas a ideia dela inicialmente era ir fazer “barulho” para a PT. Quanto às

outras senhoras era cartas da segurança social, tendo a ver com os rendimentos de inserção social, nestes casos chamei a assistente social para as ajudar, uma vez que tem os processos das pessoas e sabem como as apoiar.

- Durante a tarde, estive reunida com a Isabel para discutirmos como iríamos iniciar as sessões de mediação, sendo que ela tinha pensado em temas, mas eu sugeri que no primeiro encontro deveríamos conversar com o grupo e conhecer melhor as pessoas e perceber os interesses de cada uma, ou seja, para depois as próximas sessões serem pensadas de acordo com os interesses do grupo, a Isabel concordou com a minha ideia, uma vez que o grupo por um lado não vem obrigado, mas por outro lado não surgiu por livre vontade recorrerem a estas sessões. Depois ligamos a todas as senhoras para relembrar e confirmar a sessão. Para mim, a forma de a Isabel pensar não está errada, pelo contrário, porque os temas são importantes e pertinentes, mas para mim com um primeiro contacto é fundamental perceber o que o grupo necessita. Os temas sugeridos pela Isabel, estão relacionados com os primeiros cuidados de saúde com as crianças e idosos; Meio ambiente; empregabilidade, sendo que alguns destes temas serão tratados por especialistas, ou seja, especialistas de saúde, APAV, mas sempre com a nossa presença e colaboração.
- Durante a manhã tivemos o primeiro encontro de mediação, em primeiro lugar estive com a Isabel a preparar a sala para receber o grupo de 12/15 mulheres. Quando cheguei, perguntei à Isabel qual é na verdade a finalidade destas sessões/formações, porque no meu ponto de vista a ideia dela passa por “dar formação” não com o objetivo de desvalorização das mulheres enquanto mães e mulher, mas sim perceber o que já sabem e ajudar a enriquecer esses mesmos conhecimentos. Para ser sincera fiquei um pouco mais aliviada, porque assim percebi que se vai tentar fazer uma mediação com o saber destas mulheres e com as novas informações que vão ter acesso. Antes da sessão, iniciar a Isabel esteve-me a par de algumas situações daquelas mulheres (viuvez, famílias monoparentais, divórcios). Quando iniciou o momento de formação, a Isabel explicou no que iria consistir estes momentos de mediação e deu vários temas para escolherem para serem tratados em sessões posteriores. Depois na segunda parte tivemos a presença da APAV (eu pensava que hoje não iríamos ter a presença de ninguém, mas a Isabel achou que a APAV era fundamental e indispensável). O que é certo, é que o grupo entreviu muito, estravam bastante atentas e terá de haver uma sessão na próxima semana, uma vez que não tiveram tempo de abordar tudo o desejavam e as senhoras querem colocar ainda mais questões. Tivemos situações de choro, vergonha e medo, mas com as técnicas da APAV foi possível lhes dar apoio no sentido de pegarem nos casos destas mulheres e as ajudarem no apoio jurídico, sendo que apoio psicológico já o têm. Estive sempre presente durante toda a sessão, e quando havia necessidade de alguém querer sair um pouco eu e uma técnica da APAV acompanhávamos a senhora. Depois da sessão, eu e a Isabel estivemos a conversa com as técnicas da APAV, para que elas dessem um feedback da sessão, elas gostaram e acharam

muito bom as mulheres não terem grandes dificuldades em expressar os seus casos, isto porque assim são mulheres que mais facilmente conseguirão apoio e ajuda, tal como algumas já têm e outras vão passar a ter.

- Na parte da manhã, tive a responsabilidade de fazer uma sessão no espaço mediação, o tema era gestão de conflitos, tinha um ppt preparado, mas particamente não o utilizei, porque no início fiz logo uma atividade com o grupo de senhoras para ter um feedback do que pensam e experiências que têm sobre o assunto. O que aconteceu foi que a conversa foi-se desenrolando e eu ia falando e acrescentando pequenas coisas ao que diziam e fui abordando tudo o que estava a pensar. Como comunicaram tanto e queriam sempre participar não tive tempo de fazer todas as atividades, mas para a semana irei continuar esta sessão. Foi muito gratificante me terem dado esta responsabilidades e na verdade ao início estava nervosa e com receio de como ia correr, mas quando comecei a falar e senti que estavam dispostas a participar e colaborar foi tudo fluindo. Nunca tinha estado sozinha numa sessão deste género e para mim também foi importante por isso, porque assim vou ganhando experiência e ao mesmo tempo consegui por em prática o que me foram dizendo durante o curso, ou seja, dar espaço aos intervenientes e ouvir as experiências e só depois é que eu falava e acrescentava pequenas coisas.
- Durante a manhã, aconteceu a segunda sessão de mediação, continuação da última, uma vez que fiz mais uma atividade (esta relacionada com as reações que cada uma tem ao conflito), ao preencherem a folha tiveram de refletir e depois exteriorizarem o que realmente sente, depois fizemos a atividade em conjunto, havendo uma maior interação e partilha entre o grupo. Depois falei dos benefícios que só conflitos poderão trazer a cada uma, para que pensem os conflitos como não sendo só negativos, mas tentarem perceberem o que pode dar de bom. No final antes de terminar a sessão estive a perguntar às senhoras sobre o que queriam, tratar nas próximas sessões, isto porque assim vêm motivadas, interessadas e participativas. Assim surgiram as seguintes sugestões: Ginástica doméstica (exercícios que podem fazer em casa), Trabalhos plásticos para a páscoa, Receites de Culinária, visita a um parque natural da zona, Cabeleireiro (dicas para poder arranjar o cabelo no dia a dia de uma forma simples e rápida).
- Durante a manhã, houve mais uma sessão no espaço mediação, que se abordou o tema da atividade física a pedido das senhoras na última semana. A sessão foi dada por um amigo meu que também está a estagiar numa escola e futuramente será professor de educação física. Ele começou a sessão a perguntar o que elas faziam no dia-a-dia para perceber que tipo de atividade física têm, depois elucidou-as dos benefícios e o tempo que se deveria fazer exercício durante o dia. Na segunda parte, ele pôs em prática exercícios que as senhoras podem fazer em casa, ou seja, sem gastar dinheiro e de uma forma fácil conseguem perder ou manter o peso. Elas ficaram mesmo satisfeitas porque perceberam que apesar de não ter dinheiro podem cuidar também da saúde delas.

		<ul style="list-style-type: none"> • De manhã estive responsável pela sessão de mediação que aconteceu na mediateca, uma vez que a sala onde tem decorrido estas sessões está ocupada com alimentos para a distribuição alimentar. A sessão desta manhã baseou-se em troca de receitas de culinária, mas da minha parte foi feita uma pesquisa de receitas que à primeira vista, mas poderão ser feitas de uma forma económica e rápida. Estivemos então a fazer essa troca de aprendizagens em relação a pequenos truque nas receitas e depois tivemos a confeccionar um bolo que pode ser feito no micro-ondas e passado uns 10/15 min já o puderam comer junto com um chá. Ficaram bastante agradadas com a sessão, sendo que foi algo escolhido por elas e a verdade é que houve uma troca importante de aprendizagens que irá facilitar o quotidiano na cozinha de todas as senhoras. • A sessão tinha o tema de receitas saudáveis, uma vez que foram as senhoras que pediram e por outro lado temos muitas das crianças do centro com problemas de peso. Houve assim uma troca bastante enriquecedora de receitas saudáveis e várias dicas para fazer cozinhados mais elaborados de forma a não prejudicar a saúde. As senhoras foram sempre muito participativas dando exemplos do que fazem em casa, uma das novidades que lhes transmiti foi o uso de especiarias em vez do uso do sal. • A sessão ficou á responsabilidade do Dr^a. Sandra da ADSE em que se falou de poupanças, ou seja na dia a dia formas de poupar dinheiro, este temos também foi pedido pelo grupo, uma vez que a maioria têm poucos rendimentos e têm de fazer o máximo de esforço para pagarem todas as contas.
	<p>Atividades (quotidiano do centro)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em seguida falou dos adultos do centro, estes não estão lá diariamente, mas frequentar os ateliês que têm disponíveis e também têm acompanhamento e ajudas para encontrarem trabalho e muitas das vezes progredir na formação escolar. • e outras apenas para estarem sentados no sofá a passar algum tempo junto das crianças, por norma já era pessoas reformadas e que estão sozinhas em casa. • Entretanto, chegou a hora do lanche a Dona Zéza chamou-me para lanchar com a Dr. Liliana e com o Dr. lino, para depois todos juntos darmos o lanche a aproximadamente 30 crianças e jovens que estavam naquele momento no centro. Assim que levamos as sandes e o leite até à sala de convívio que é onde há mais espaço e mesas para poderem estar confortáveis a comer. • Assim, depois do lanche, uns pitam, outros vêm tv, alguns jogam play station e outros vão para a sala dos computadores até ao centro fechar (18h00). • Durante a manhã estive com a Dr.^a Liliana a acompanhar as crianças no pequeno-almoço e na continuação da atividade com rolgas para fazer objetos para o natal. Eu estive a cortar as rolgas e a recortar tecidos para as crianças depois decorarem os objetos conforme quisessem. • Na atividade que eu estava a fazer com eles, eu fazia os moldes do anjo e as crianças recortavam e depois eu ajudava-os a colar, um dos meninos (Paulo) queria fazer o cabelo do anjo amarelo e aos caracóis, como é óbvio arranjei uma solução para que ele colocasse a criatividade dele em prática, fui pedir

		<p>lã a dona Zéza para ele fazer o cabelo do anjo e assim ele trabalhou a lã até conseguir fazer o que queria, no fim apesar do dele ser o único diferente, era o que estava mais engraçado e até de uma certa forma, mais parecido com a imagem que todos nós temos dos anjos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Hoje durante a tarde decorreu na sala de convívio atividades com adultos de trabalhos manuais (cachecóis de lã, cestos, panos, etc.) para a venda de natal. Nessas atividades houve ajuda de uma senhora voluntária, que mais tarde também foi para a sala de apoio ao estudo na escola primária. • No início da manhã, estivemos um pouco na conversa, sobre o que se ia fazer da parte da manhã. Depois estivemos a concluir o presépio grande que tinha iniciado na passada sexta-feira. Aproveitando a maré fizemos o presépio do centro, ou seja, na entrada um grande presépio com musgo verdadeiro, um rio, é possível fazê-lo assim porque já existe uma plataforma feita em madeira que foi contruída por um senhor do bairro. • Da parte da tarde, para além das atividades normais (trabalhos manuais, trabalhos de casa, jogos no computador) estivemos a fazer com os ramos de kiwi coroas de natal e várias crianças e jovens quiseram fazer a sua própria coroa, nos tínhamos de ajudar e também se ajudavam mutuamente porque enquanto uns seguravam na coroa ou outros tinham de ir amarrando com arame fino. Depois, cada um a vai decorar como quer, mas o Fábio deu a ideia de por azevinho, ou seja, vamos apanhar no jardim e pedir a pessoas que tenham em casa.
	Animação	<ul style="list-style-type: none"> • Durante a tarde, fizemos castanhas assadas numa fogueira no parque de estacionamento em frente ao centro, uma vez que hoje é dia de São Martinho, à medida que as crianças iam chegando da escola, íamos juntado todas as castanhas, isto porque cada um teve de trazer meia dúzia, depois o doutor lino fez uma grande fogueira em conjunto com um funcionário da câmara e depois assamos todas as castanhas, fazendo jogos enquanto eram assadas. Fizemos o “lencinho vai na mão” mas em vez de um lenço fizemos com o ouriço das castanhas, quando se apagou a fogueira, fizemos o jogo de saltar a fogueira e os miúdos não resistiram em pegar no carvão e andaram a enfarruscarem-se uns aos outros. • Quando entramos, reparei de imediato em todos os cenários das peças que já fizeram e também de várias roupas. Tem também, mesas de ping pong e matreco que de verão são colocadas na parte de fora do centro. • Durante a manhã começamos a organização do evento da noite das francesinhas solidárias (este jantar tem o objetivo de angariar fundos para o centro para se comprar materiais e brinquedos para o centro), como tal, pensamos em sobremesas possíveis de fazer, mas como da parte da manhã estavam lá duas idosas, perguntamos-lhes ideias para as sobremesas, e de imediato uma delas falou do bolo de chocolate que fazia, então em sentei-me ao lado dela enquanto em ditava a receita e os ingredientes, ficando toda contente por fazermos “o bolo de chocolate dela”, a outra senhora, sugeriu bolo de bolacha que é um doce que gosta muito.

		<ul style="list-style-type: none"> Quando foram embora o doutor lino disse que quem quiser as fotos que lhe pode pedir e ele grava um CD igual ao que viram, depois disse-me que só agora é que acabou porque esteve a editar as fotos, a escolher e depois ainda a fazer a montagem e como não te muito tempo livre, demorou mais, mas o que interessa é que já está feito e eles gostaram.
	Informação	<ul style="list-style-type: none"> Ao longo da manhã apareceram três senhoras de etnia cigana com umas dúvidas por causa de umas cartas, isto porque não sabem ler e não sabiam se era assuntos importantes ou não, uma delas era apenas uma carta da PT com publicidade, mal expliquei à senhora ficou logo descansada e foi-se embora, mas a ideia dela inicialmente era ir fazer “barulho” para a PT. Durante toda a manhã só apareceram as pessoas que tinham consulta com a Lili ou para entrega e esclarecimento em relação a documentos
	Apoios técnicos	<ul style="list-style-type: none"> Apesar de não ser explicito este centro ajuda muito mais pessoas para além das famílias que estão inscritas no centro, porque vem muitas pessoas para falar com o Dr. lino para serem encaminhadas para formações, para se integrarem nos ateliês e atividades do centro e também para encontrarem empregos, ou seja, tudo isto contribuiu para o desenvolvimento local e pessoal. Houve uma formação de informática para adultos que recebem o rendimento de inserção social, é financiada por uma entidade exterior, tal como o formador é externo. Quanto às outras senhoras era cartas da segurança social, tendo a ver com os rendimentos de inserção social, nestes casos chamei a assistente social para as ajudar, uma vez que tem os processos das pessoas e sabem como as apoiar. Durante toda a manhã só apareceram as pessoas que tinham consulta com a Lili ou para entrega e esclarecimento em relação a documentos Depois, já quando estava na sala a Patrícia, utente do centro, chegou o disse que a mãe pôs fora de casa já há uma semana e que precisa de ajuda, porque tinha ate hoje para sair da casa onde estava alojada. Eu disse para falar com a Isabel, sendo que é assistente social e poderá dar apoio. De resto, não houve grande movimento para além das marcações com a Dr.^a Tânia e a Dr.^a Isabel e fazer umas pequenas arrumações
	Apoio Escolar	<ul style="list-style-type: none"> a maioria chega e faz os trabalhos de casa, pedindo ajuda quando têm dúvidas ou dificuldades em algumas coisas, pelo que percebi alguns estão integrados no ensino especial, percebi isso através de uma conversa entre dois jovens, em que um perguntava ao outro o que faz no ensino especial, porque é mais fácil do que a escola normal. Uma menina veio ter comigo enquanto estava com os mais pequenos na continuação da atividades que estávamos a fazer da parte da manhã e abordou-me por causa de uma dúvida na interpretação de um texto e como tal ajudei-a a perceber uma questão e ela de imediato soube logo onde estava a resposta no texto. os que têm dificuldades mais acentuadas têm a sala de apoio ao estudo por volta das 18h00, que fica na escola primária do bairro, tendo apoio de professores para os ajudarem.

		<ul style="list-style-type: none"> • Hoje só fui para o centro comunitário da parte da tarde, quando cheguei ainda estavam poucas crianças, mas duas delas precisavam de fazer alguns trabalhos de casa. Eu ajudei uma menina (catarina) e a doutora Liliana um rapaz (Antero). A catarina tinha de acabar um trabalho que consistia em fazer um resumo de um texto de 4 páginas, e a professora disse que só podiam ocupar no máximo 2 páginas e meia, Ela dizia que era impossível, que não sabe escrever pouco, eu disse que se ela fizesse tal como a professora explicou que aí conseguir, foi então que começou por ler paragrafo a paragrafo e a tirar notas de lado a ideia que cada parágrafo queria transmitir. Depois desta tarefa disse-lhe para reler todos os comentários dela e passar esses comentários a texto, mas por palavras dela. Eu ia ajudando com algumas dúvidas que ela tinha de interpretação do texto, mas depois conseguiu fazer um texto sozinha e com 2páginas e umas linhas. • Em seguida estive a ajudar a Catarina a fazer um trabalho para Português, ela estava com algumas dificuldades porque ao início não estava a perceber o que a professora tinha pedido, mas o que tinha de fazer era encontrar uma música que tivesse termos de comparação com a “Mensagem”, foi então que lhe comecei por perguntar que expressões se salientam mais ao longo da obra e ela automaticamente falou do mar, naus, mostrengo, entre outras coisas, foi então, que começamos a procurar musicas que continham palavras iguais ou sinónimas das referidas anteriormente. Usamos o youtube para a pesquisa, e foi então que após algumas músicas ouvidas ela escolheu o “homem do leme” do xutos e pontapés.
	Satisfação de necessidades básicas da Comunidade (Vestuários, alimentação)	<ul style="list-style-type: none"> • Entretanto, chegou a hora do lanche a Dona Zéza chamou-me para lanchar com a Dr. Liliana e com o Dr. lino, para depois todos juntos darmos o lanche a aproximadamente 30 crianças e jovens que estavam naquele momento no centro. Assim que levamos as sandes e o leite até à sala de convívio que é onde há mais espaço e mesas para poderem estar confortáveis a comer, • A alimentação que sobra na escola Manuel laranjeira é trazida para o centro e distribuída por famílias carenciadas, ‘para além da distribuição que é feita a nível do banco alimentar. • No final da manhã estive a ajudar a dona Zéza na distribuição da alimentação do banco alimentar
Parcerias		<ul style="list-style-type: none"> • Logo pela manhã tivemos de fazer uma seleção de brinquedos, porque estavam duas senhoras de uma instituição que desconheço o nome, mas que vêm algumas vezes ao centro para que lhes seja oferecido alguns materiais. Isto porque, no centro para além de haver dificuldades, há muita coisa que é doada por muitas parcerias que são estabelecidas com entidades da cidade e não só, assim, há sempre alguma coisa que se possa oferecer a instituições que igualmente também precisam de ajuda. Logo, eu a Dr.ª Liliana e a dona Zéza fomos a arrecadação e trouxemos brinquedos que tínhamos repetidos e material escolar. • Pelo que tenho percebido as duas assistentes sociais do centro não passam tanto tempo com as crianças, porque estão num gabinete fora do centro a atender as famílias e também em reuniões com a segurança social em

		<p>conjunto com as famílias e com outras entidades com as quais existe parecias com o centro e a CERCI.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando chegamos ao centro estava a dona Mercedes, que é uma senhora que vive no bairro, à nossa espera por causa das golas feitas em lã que são vendidas pelo centro nesta época natalícia e a senhora divide os lucros com o centro, ou seja, hoje de manhã foi ter connosco para escolhermos as lãs para fazer as peças para venda no natal, isto porque o centro para além das vendas feitas através da internet, provavelmente vai participar numa feira de solidariedade organizada pela camara municipal. • Estivemos também junto de um funcionário dos Castros (empresa de iluminação) a escolher iluminações de natal do ano anterior que vão ser reparados por senhores do bairro e montados no centro e no parque. Esta doação é feita todos os anos por esta empresa, dando também apoio na montagem dos enfeites, tendo em conta que há sítios de difícil acesso e com o material que eles têm é mais fácil e mais seguro • Ao fim da manhã, estivemos a entrar em contacto com lojas do comércio local que todos os anos nos oferecem brinquedos para dar-mos de prenda de natal às crianças e jovens, e assim mais uma vez praticamente todos deram uma resposta positiva ao nosso pedido e irão contribuir com brinquedos que têm em armazém, roupas de coleções anteriores e acessórios para as adolescentes de coleções passadas • Hoje fiquei a saber, que no nosso lanche de natal, onde as prendas são entregues, ainda está um pouco dependente do BPI (Banco Português de Investimentos), porque vem um responsável do banco participar na nossa festa, uma vez que há uma participação monetária deles na ajuda da compra dos presentes das crianças. Isto foi o que hoje percebi, ainda não tenho a certeza se realmente é isto que acontece.
Publico com que se trabalha		<p>Crianças Jovens Adultos Idosos Toda a comunidade do bairro</p>
Relações Interpessoais	Entre as crianças e jovens	<ul style="list-style-type: none"> • Uma das coisas a que hoje estive atenta foi a “atitude” dos rapazes mais novos para com as raparigas, sendo que não querem brincar em conjunto, ou seja, brincadeiras mistas, isto porque os meninos estão sempre a fazer jogos, ou a pintar juntos e as meninas na zona das bonecas em conjunto. Quanto aos mais crescidos, têm uma postura diferente, porque não se separam das raparigas, mas tentam mostrar-se superiores uns aos outros, ou seja, impor a masculinidade e a própria idade também perante os mais novos. Será um ponto importante a refletir, tendo em conta que estes comportamentos são naturais. Notam-se alguns “namoricos”, eles (rapazes) não querem dar muito a mostrar de alguma relação que mantêm com as raparigas, mas elas têm tendência em se aproximarem e no meu ponto de vista para mostrar às outras raparigas que aquele rapaz está “comprometido”.

	<p>Entre a comunidade e os técnicos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quando me estava a vir embora, o Dr. Lino disse as crianças que estavam lá, que eu era a marisa e que ia para lá trabalhar e ajuda-los e um deles veio logo á minha beira a dizer o nome (R) e que depois queria brincar porque ainda não tinha idade para estudar e eu simplesmente sorri e disse que claro que ia brincar com ele. Os restantes olharam para mim e sorriram e disseram adeus. Despedi-me do Dr. Lino agradecendo a disponibilidade dele e do centro para me receberem. • Foi neste momento depois do lanche que uma das meninas (Leonor) sentou-se mesmo ao meu lado com um desenho e começou a perguntar de que cor podia pintar algumas partes do desenho, eu em primeiro lugar perguntei como se chamava e ela perguntou-me em seguida o mesmo e depois disse-lhe que ela podia pintar o desenho ao gosto dela e que podia ser criativa, de imediato respondeu-me que gosta de “inventar coisas nos desenhos”, eu sorri e disse que ela com aquele desenho podia fazer o mesmo. Enquanto pintava perguntou-me se eu ia para la todos os dias, quantos ano tinha, onde vivia, mas ao mesmo tempo que eu respondia fazia-lhe também a ela a pergunta e ela respondia. A Leonor tem 8 anos e faz anos no dia 23 de Julho e segundo ela, pode fazer festa de aniversário porque está sol e nunca tem aulas neste dia. • Ao inicio ninguém os conseguiu tirar de lá, enquanto isso alguns deles estavam no sofá a ver tv ou a jogarem play station, mas ao mesmo tempo andavam a mandar as almofadas pelo ar para acertar nos que estavam a jogar wii, e eu disse para eles pararem, porque podiam partir alguma coisa, um deles respondeu muito rápido, “estamos a arranjar as almofadas porque estão achatadas”, a mim deu-me vontade de rir, mas não o fiz, mandei-os foi arrumar as almofadas todas em cada sofá, eles riram-se e fizeram o que lhes disse. • Uma situação que não tenho falado, mas que tenho reparado sempre é do envolvimento do doutor lino com as crianças e jovens, primeiro quando chegam vão todos sem exceção cumprimenta-lo, mas não por serem obrigados, nota-se que o fazem por gosto e também porque quando ele tem tempo livre esta junto deles a jogar, ou sentado no sofá a conversar com eles, pergunta como está a escola, como estão os irmãos e os pais, o que demonstra sempre uma grande preocupação com cada um deles. Sabe também o nome de todos eles, mas também quando é necessário chamar a atenção ele é o primeiro a fazer, havendo assim uma relação sempre muito próxima, mas com muito respeito
	<p>Relação entre técnicos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A doutora Liliana exigiu que a deixa-se de tratar por dr^a. E passar a trata-la como todos o fazem, ou seja, chama-la Lili, eu disse que não o conseguia fazer no inicio por sinal de respeito e também porque não sabia como ela gostava de ser tratada e ate me disser alguma coisa ia trata-la sempre dessa forma, mas a partir de hoje ia chamar Lili. Tivemos esta conversa, ao início da tarde quando fui com ela comprar umas velas e uns materiais para fazer uns arranjos de natal.

<p>Relação Centro- Comunidade (vice-versa)</p>	<p>Relação do Centro com a comunidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O senhor que está a fazer serviço comunitário hoje esteve no centro e pelo que percebi ele é apresentado às pessoas que vão e estão no centro como voluntário, ou seja, os funcionários do centro sabem o que se passa, mas para os utilizadores do centro omite-se essa informação para proteger o senhor. O doutor lino disse que ele estar sobre a atenção dele, mas que o facto de não dizermos que é obrigado a estar lá, é para que as pessoas não o tratem de forma diferente, sendo que há muitas pessoas que são mais radicais no que toca ao incumprimento da justiça. Até porque se está a prestar este serviço, é porque está a ser devidamente castigado pelo que fez. Assim, o senhor sente-se confortável, e como hoje não havia atividades no exterior, esteve a cortar rolhas à nossa beira. • O centro comunitário, nestes dias (em que não há escola) para mim assemelhasse a uma creche ou ATL, sendo que vêm todos para o centro para os pais ou avós fazerem irem trabalhar ou fazer as suas tarefas do dia-a-dia e ali vêm um apoio para poderem deixar os seus filhos ocupados e em segurança.
	<p>Relação da Comunidade com o Centro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A uma dada altura o Dr. lino recebeu um telefonema para chamar a polícia porque estava havia uma grande discussão entre vizinhos no bairro, até que começamos a ouvir no centro, o Dr. lino saiu logo para ir ate lá ver o que se passava, mas como estava cada vez pior, eu e a dona Zéza fomos até lá caso fosse necessário ajuda para alguma coisa, mas entretanto a policia chegou e nós voltamos para o centro.

O Centro Comunitário do Bairro da Ponte de Anta: Dinâmicas e Lógicas de Intervenção
Reflexão a partir do percurso de estágio

Anexos¹⁶

Anexo I – Relatório de Avaliação de 2013 do Centro Comunitário

Anexo II – Documento Oficial do Centro Comunitário, “Projeto de Intervenção”

¹⁶ Gravado em CD

Anexo I – Relatório de Avaliação de 2013 do Centro Comunitário

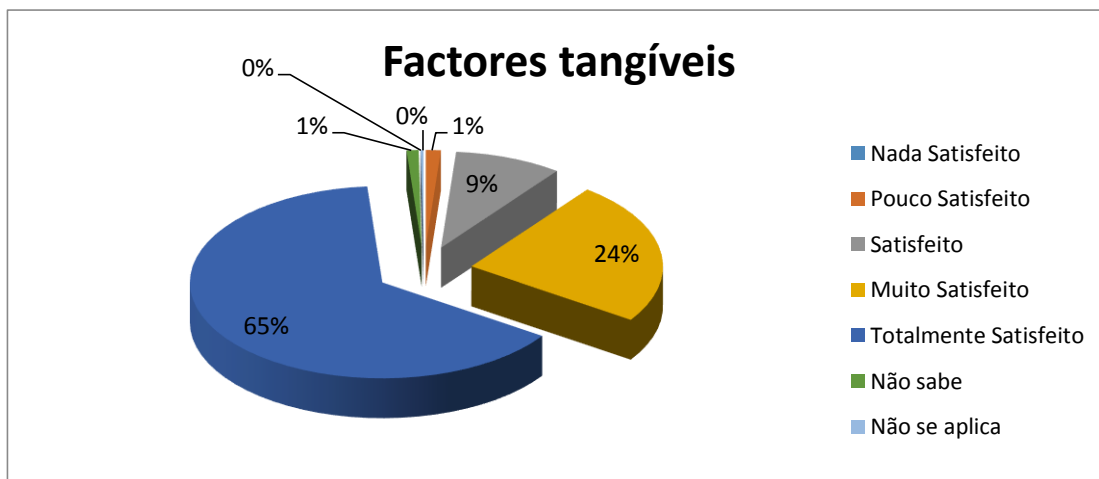
Relatório de Satisfação de Clientes - 2013

O questionário de avaliação do grau de satisfação foi entregue e preenchido por 100 clientes do Centro Comunitário da Ponte de Anta, com o objetivo de avaliar o seu grau de satisfação relativamente ao departamento e aos seus colaboradores, quanto às seguintes variáveis: instalações, fiabilidade; capacidade de resposta; confiança/segurança e empatia.

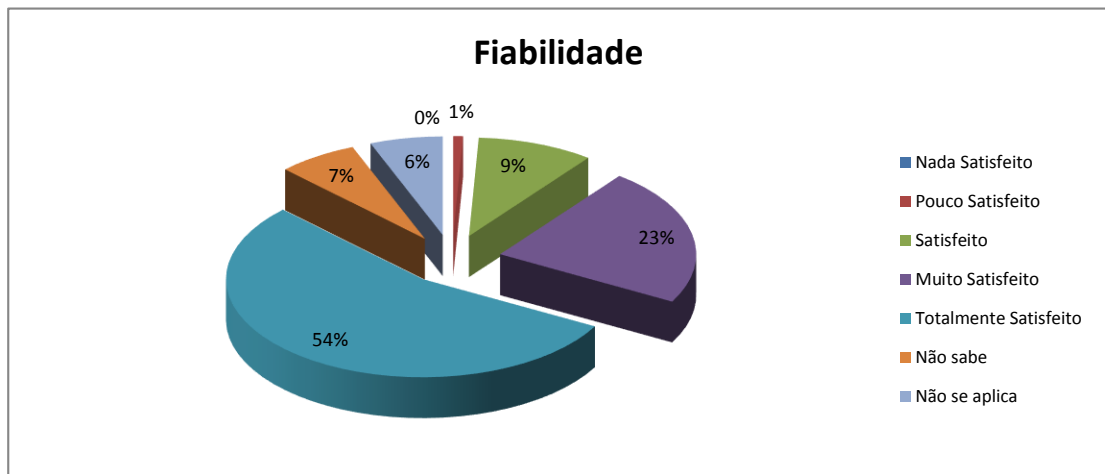
O preenchimento dos questionários foi realizado individualmente e/ou em grupo, mediante os contextos em que foram aplicados, no atendimento, na sala de apoio ao estudo e na aula de aeróbica e com a ajuda dos técnicos do departamento, que leram em voz alta as perguntas.

Da análise, podemos dizer que existe um total de 66,1% de clientes que apresentam um grau de totalmente satisfeito, um total de 20,4% que estão no grau de muito satisfeito e um total de 7,3 no grau de satisfeito. O que mostra um grau muito positivo de satisfação dos clientes do centro comunitário, sendo que a satisfação global atinge 93,8% dos inquiridos.

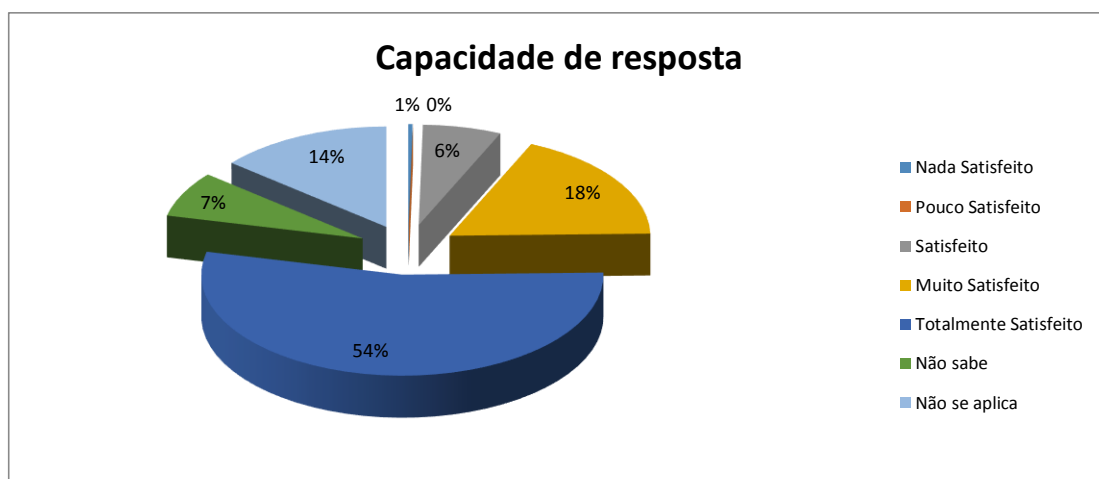
Ao analisarmos as dimensões, verificou-se que na dimensão "Instalações", 65% dos clientes estão totalmente satisfeitos, 24% estão muito satisfeitos e 9% estão satisfeitos e numa taxa de satisfação global de 98%.



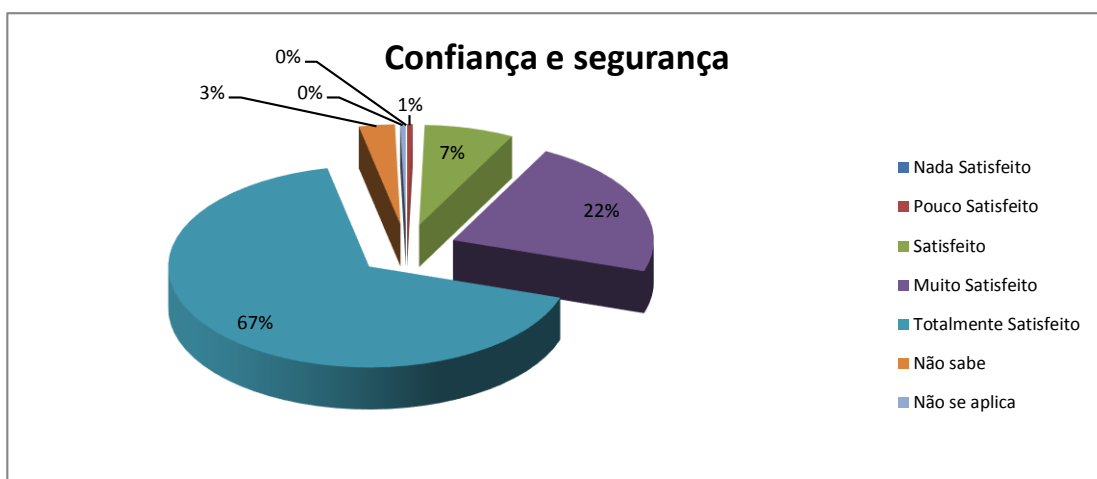
Na dimensão "Fiabilidade" podemos constatar que 54% estão totalmente satisfeitos, que 23% estão muito satisfeitos e 9% estão satisfeitos, sendo a taxa de satisfação global de 86%.



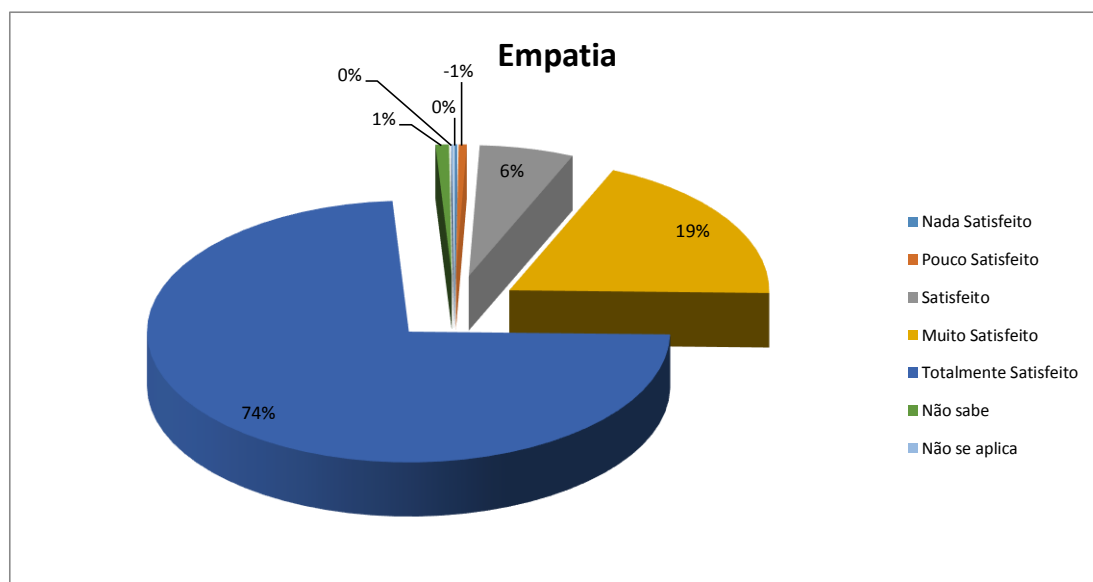
No que concerne à "Capacidade de resposta" obtivemos os valores de 54% de totalmente satisfeito, 18% de muito satisfeito e 6% satisfeitos, sendo a taxa de satisfação global de 78%.



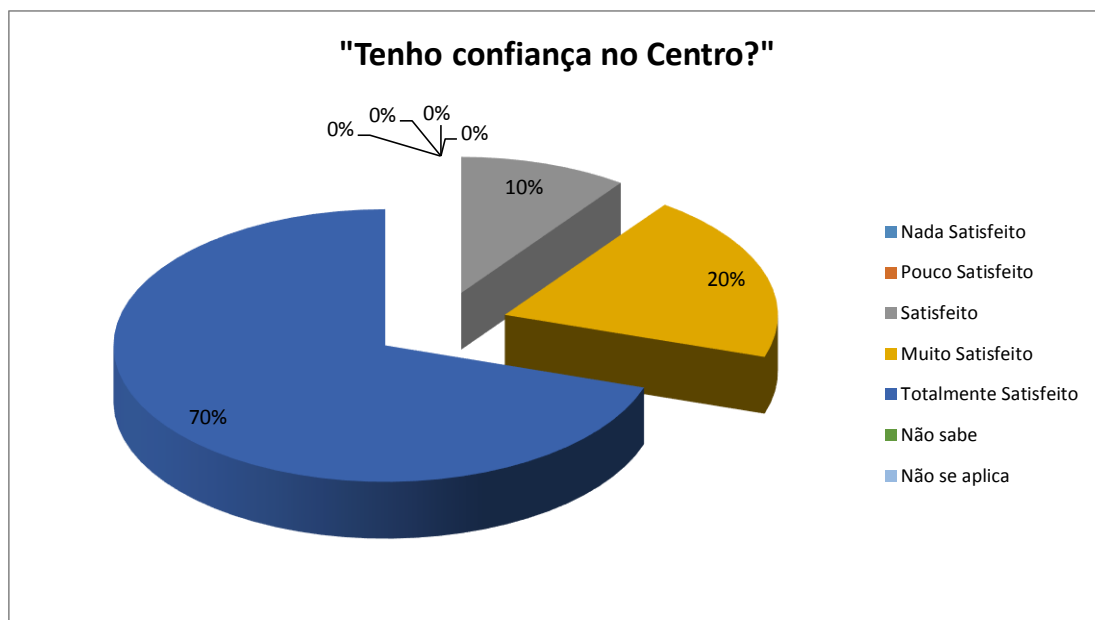
Quanto à dimensão "Confiança e segurança" temos 67% de totalmente satisfeito, 22% de muito satisfeito e 7% de satisfeito, sendo a taxa de satisfação global de 96%.



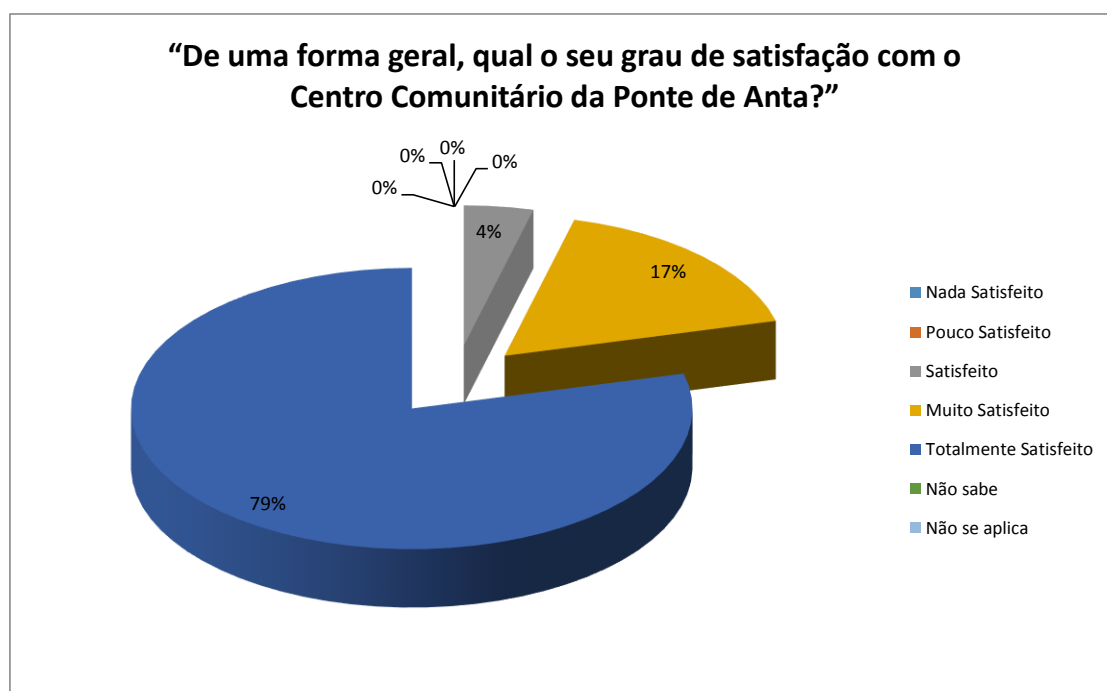
Na dimensão "Empatia", obtivemos, 74% de totalmente satisfeitos, 19% de muito satisfeito e 6% de satisfeito, num total global de 99% de satisfação.



Na pergunta 21 "Tenho confiança no Centro?", temos 70% de totalmente satisfeito, 20% de muito satisfeito e 10% de satisfeito, sendo a taxa de satisfação global de 100%.



Na questão 28 "De uma forma geral, qual o seu grau de satisfação com o Centro Comunitário da Ponte de Anta?", obtivemos um total de 79% de clientes que apresentam um grau de totalmente satisfeito, 17% que estão no grau de muito satisfeito e 4% de satisfeito, num total de 100% de satisfação global.



Nas questões 29 e 30, os clientes do centro comunitário à pergunta "Se um amigo seu precisasse, recomendaria o Centro?" 98% respondeu que sim e à pergunta "Se pudesse mudaria de organização?" 94% respondeu que não.

No que concerne às questões onde se pergunta "o melhor e o pior do centro comunitário". No melhor a resposta mais utilizada foi "tudo" seguida de: "Computadores", "convívio e ajuda", "atividades", "atendimento" e "sala de apoio ao estudo".

No pior a resposta mais utilizada foi "nada", seguida de: "ter pouco espaço", "barulho", "devia de ser maior" e por fim "sala de espera enquanto esperamos pelo atendimento".

Podemos concluir que os resultados da satisfação dos nossos clientes, são bastante positivos.

O nosso objetivo não é só ter um serviço de qualidade ou fornecer um bom serviço ao cliente, mas sim contribuir para um cliente satisfeito, que venha ter sempre connosco quando necessita dos nossos serviços.

Janeiro/2014

O Coordenador

(Lino Alberto Silva Rodrigues)

Anexo II – Documento Oficial do Centro Comunitário – “Projeto de Intervenção”



PROJETO DE INTERVENÇÃO

Aprovado pela direção em 15/10/2012 Assinatura: _____ Disseminação - Afixação/Reunião

Designação

Centro Comunitário da Ponte de Anta (CC)

Contactos

Morada: Bairro da Ponte de Anta, Bloco G, Entrada 3, R/C | 4500-001 Espinho

Telefone: 220815127/8 | **Telefax:** 227320166

E-mail: centro.comunitario@cerciespinho.org.pt

Entidade Financiadora/Reguladora

Ministério da Solidariedade e da Segurança Social - Centro Distrital de Aveiro do Instituto de Segurança Social, Instituto Público.

Caracterização

O CC é uma resposta social, desenvolvida em equipamento, onde se prestam serviços e se desenvolvem atividades que, de uma forma articulada, tendem a constituir um polo de animação com vista à prevenção de problemas sociais e à definição de um projeto de desenvolvimento local, coletivamente assumido, consistindo portanto numa resposta social atípica.

Destinatários

O trabalho desenvolvido no CC consiste numa intervenção direcionada para grupos etários específicos como crianças, jovens, adultos e idosos, procurando-se fomentar o desenvolvimento sociocultural da comunidade em geral, favorecer a inserção socioeconómica da população e promover uma maior abertura da comunidade ao meio envolvente. A zona de intervenção situa-se no Bairro da Ponte de Anta que apresenta uma forte densidade populacional (cerca de três mil pessoas). O bairro caracteriza-se por uma construção em altura verticalizada, composto por um conjunto de blocos em sequência, com carências ao nível de infraestruturas sociais e arquitetónicas. Caracteriza-se por população heterogénea com diferentes culturas e modelos de vida, socialmente desenraizada, acentuado insucesso escolar e abandono do sistema educativo, baixa qualificação profissional, elevada taxa de desemprego e trabalho precário; famílias monoparentais com baixos rendimentos, situações de pobreza extrema e deficiente gestão dos recursos económicos e população idosa em situação de isolamento.



PROJETO DE INTERVENÇÃO

Objetivo Geral

Promover o desenvolvimento da comunidade local, nomeadamente a sua qualidade de vida, contribuindo para a criação de condições que possibilitem aos indivíduos o exercício pleno do seu direito de cidadania e, apoiar as famílias no desempenho das suas funções e responsabilidades, reforçando a sua capacidade de integração e a sua participação social.

Objetivos específicos

- Possibilitar uma sintonia com a comunidade envolvente, uma capacidade de resposta mais rápida aos problemas e a possibilidade de obter um feedback constante dos progressos que vão sendo alcançados à medida que o CC se desenvolve;
- Criar condições facilitadoras da frequência escolar, promovendo a reintegração no sistema educativo dos/das jovens em situação de abandono escolar, através da articulação tripartida: jovens, família e escola;
- Possibilitar às crianças e jovens o acesso às aprendizagens básicas do relacionamento (convívio, cultura, desporto, lazer), essenciais para o crescimento saudável e harmonioso, permitindo atenuar a situação de exclusão em que vivem;
- Proporcionar a integração socioeconómica dos/das jovens através da sua inserção a médio prazo no mercado do trabalho;
- Criar condições para a manutenção da situação profissional das famílias residentes no bairro, e/ou, favorecer a mudança de atitudes e de valores que regem a dinâmica familiar diária, proporcionando a aquisição de competências profissionais e psicossociais que permitam uma futura inserção no mercado de trabalho;
- Fomentar a organização e participação da população na resolução de problemas comuns;
- Capacitar a população para o exercício dos seus direitos e deveres de cidadania;
- Apoiar a comunidade aos níveis escolar, de saúde, económico, profissional e habitacional, numa perspetiva de promoção da inserção social;
- Criação de atividades no âmbito cultural e recreativo para ocupar os tempos livres dos idosos de forma a fomentar o combate ao isolamento, convívio e a melhoria da autoestima.

Modelo de intervenção

O modelo de intervenção do CC caracteriza-se por uma abordagem holística baseada nos domínios definidos pelo modelo de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde: físico, psicológico, relações sociais e ambiental.

A OMS define como Qualidade de Vida a *percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, dentro do contexto dos sistemas de cultura e valores nos quais está inserido e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações* (WHOQOL Group, 1994, p. 28). Trata-se de um conceito alargado, influenciado de forma complexa pela saúde física, estado psicológico, nível de independência, relações sociais, crenças pessoais e suas relações com características salientes do respetivo meio (WHOQOL Group, 1995).

De salientar que os clientes devem ter um papel importante no processo de decisão e de ser chamados a pronunciarem-se sobre o que vão fazer e como o podem fazer da melhor maneira. A autodeterminação, enquanto qualidade de comportamento, é um objetivo central para toda a intervenção do CC em particular e da Cerciespinho em particular.

Serviços e atividades a disponibilizar

Esta resposta constitui um importante e único recurso local, que possibilita o acompanhamento da população do Bairro da Ponte de Anta e disponibiliza às famílias um apoio efetivo que lhes possibilita o exercício das suas atividades profissionais e a gestão da vida quotidiana. É um serviço central e de fácil acesso onde se privilegia o contacto direto. Disponibiliza acompanhamento social e psicológico, faculta apoio escolar, proporciona atividades culturais, desportivas e recreativas. Tem uma mediateca onde se disponibiliza uma grande variedade de recursos, jogos, brinquedos, livros, novas tecnologias e uma grande diversidade de atividades de ocupação dos tempos livres. Facilita o encaminhamento para outras instituições, através da sua rede de parcerias. Fornece também informação variada e promove a cidadania.

No CC o/a cliente pode encontrar espaços de apoio abertos à comunidade, intervenções focalizadas na família, intervenções focalizadas no indivíduo e intervenções articuladas. Com os espaços de apoio abertos à comunidade fornece-se um conjunto de atividades que pretendem criar oportunidades de enriquecimento pessoal e social, direcionadas aos três grupos etários: crianças/jovens, adultos e idosos. As intervenções focalizadas na família consistem na operacionalização de serviços cujo/a cliente é a família como um todo, procurando-se articular respostas, encaminhamentos e atividades que favoreçam o desenvolvimento harmonioso da família. As intervenções focalizadas no indivíduo incluem todos os serviços e atividades projetados a partir das necessidades específicas do indivíduo, criando oportunidades de desenvolvimento em diferentes áreas do mesmo: cognitiva, afetiva, social, escolar e profissional. As intervenções articuladas consistem, tal como o próprio nome sugere, em intervenções que incluem mais do que um serviço ou atividade a apoiar o mesmo/a cliente.

Os serviços e atividades disponíveis no CC foram criados, essencialmente a partir das necessidades sentidas na população e de acordo com os objetivos gerais do departamento. Tendo em conta este pressuposto, os serviços e as atividades foram sendo alterados ao longo do tempo de existência do departamento (em funcionamento desde 1996), procurando-se adaptar em primeiro lugar às necessidades dos clientes, mas também às novidades culturais, científicas e tecnológicas, nomeadamente ao referencial da Qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (OMS).

As atividades em que a intervenção é maioritariamente familiar são: Gabinete de Apoio Integrado (GAI), Grupo de Pais, Banco de Ajudas Técnicas, Banco de Alimentos e Recursos, no entanto, estes, também podem ser ativados por pessoa singular. Existe apenas uma atividade de intervenção individual que é o Gabinete de Apoio Psicossocial (GAP). As restantes atividades são de trabalho em grupo - Sala de Apoio ao Estudo, Higiene e Saúde Oral, Clube de Artes Decorativas, Grupo de Mediação, Colónias de férias, Atelier de Modelismo, Mediateca & Espaço Internet, Atividades Socioculturais, Aeróbica, Espaço de convívio e Idosos e C^a.

As atividades são na sua essência de frequência livre, nas quais os clientes podem participar se for do seu interesse. Podem, no entanto, existir situações, por exigência das entidades reguladoras, em que os clientes são vinculados à participação, sendo providenciado o respetivo acompanhamento.

O banco de ajudas técnicas e o banco de alimentos e recursos são atividades transversais à organização, apresentando-se nesta lista devido à sua frequente utilização neste departamento.

Metodologias/estratégias

- Trabalho em equipa, no planeamento, intervenção reformulação e avaliação;
- Proximidade e presença do CC no bairro;
- Recurso à interação através de um trabalho informal na comunidade para um conhecimento e intervenção mais aprofundada;
- Participação da população na definição das atividades e posterior divulgação;
- Intervenção individualizada;
- Trabalhos de grupo;
- Reforço positivo;
- Cooperação entre serviços e estruturas que desenvolvem uma ação a nível local, de forma a fornecer uma resposta articulada às problemáticas da população da área de intervenção, quer ao nível das parcerias estabelecidas, quer através da flexibilidade/permeabilidade existente entre os diversos departamentos e projetos da Cerciespinho;

- Aproveitamento dos recursos existentes, recorrendo a pessoas da comunidade para dinamizarem as atividades;

- Execução de tarefas com utilidade e visibilidade na comunidade;

- Cooperação Institucional: Para uma resposta mais célere e eficaz aos problemas que os habitantes do bairro nos apresentam privilegiamos o estabelecimento de parcerias, de forma a criar condições mais adequadas para a solução dos mesmos, têm sido feitos esforços no sentido de se manter um canal aberto entre o CC e os parceiros nomeadamente, Instituições do Concelho de Espinho e Concelhos limítrofes.

No sentido de atingir os objetivos traçados para a sua intervenção e de acordo com as metodologias adotadas, foram delineadas as seguintes estratégias:

- Proximidade e presença no bairro;

- Desenvolvimento de atividades específicas para todas as faixas etárias;

- Cooperação entre serviços e estruturas que desenvolvem uma ação a nível local de forma a fornecer uma resposta articulada às problemáticas da população da área de intervenção;

- Aproveitamento dos recursos existentes, recorrendo a pessoas da comunidade para a dinamizarem as atividades;

- Seleção de atividades do interesse da população;

- Valorização das regras básicas de civismo, sociabilização e higiene;

- Incentivo do empenho escolar e recompensas pelo bom aproveitamento;

- Desenvolvimento de autonomia e da responsabilização;

- Prioridade dada a atividades de trabalho em equipa;

- Oferta de lanche aos idosos que frequentam o atelier de artes decorativas e o Espaço de Convívio;

- Aposta nas novas tecnologias da informação;

- Promoção da autoestima dos intervenientes pela divulgação nos meios de comunicação social;

- Diálogo direto com os intervenientes e suas famílias;

- Incentivo à família para participar/acompanhar as atividades desenvolvidas;

- Estabelecimento de relações de confiança e de respeito mútuo;

- Disponibilidade dos membros da equipa para acompanhar os intervenientes em qualquer altura;

- Promoção de visitas de estudo e de intercâmbios culturais e desportivos;

- Incentivo ao acesso a bens culturais.

Avaliação

Cientes:

- Avaliação diagnóstica do/a cliente pelos serviços social e psicologia;
- Monitorização contínua dos Planos de Intervenção e avaliação anual ou sempre que pertinente;
- Revisões dos Planos de Intervenção sempre que se considere necessário.

Colaboradores:

- Avaliação do desempenho - anual.

Avaliação da satisfação das partes interessadas:

- Aplicação de questionários de satisfação às/aos clientes (anual) e parceiros (2 em 2 anos);

Planificação e avaliação do funcionamento anual:

- Plano de Atividades;
- Relatório de Atividades;

Estes documentos são avaliados pela direção e validados pela Assembleia-Geral da Cerciespinho.

Recursos

Recursos Internos	
Humanos	<p>Coordenador: Animador Sociocultural (100%); Diretor/a-geral (5%); Assistente social (100%); 2 Psicólogas (100%); Socióloga (25%); Caixa (5%); TOC (5%); Escriturária (5%); Contabilista (5%); Auxiliar serviços gerais (100%); 2 Monitores (Reparações) (5%).</p> <p>Em regime de prestação de serviços, como monitores de atividades:</p> <p>Monitora de Aeróbica; 2 Monitores de Arte e Design; Monitora de Português e Francês; Monitora de Inglês e Monitora de Matemática.</p> <p>Em regime de voluntariado:</p> <p>Monitor de Modelismo; 2 Monitoras do Espaço de Convívio e Monitor de serviços gerais.</p>
Instalações	<p>1. O Gabinete de Atendimento Integrado funciona no Bloco G, Entrada 2, R/c Dto - este espaço pertence ao IHRU (Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana);</p> <p>2. A Mediateca, o Esp@ço Internet e o Gabinete de Apoio Psicossocial funcionam no Bloco G, Entrada 3, R/C;</p> <p>3. O Clube de Artes Decorativas e Espaço de Convívio funciona no Bloco C, Entrada 2, Cave Dtª;</p>

Recursos Internos

4. A Sala de Apoio ao Estudo e Aeróbica funcionam nas instalações da Escola de Ensino Básico Anta 3 (protocolo com o Agrupamento de Escolas Manuel Laranjeira (Sá Couto).

São utilizados ainda os espaços exteriores para atividades ligadas ao desporto, ocupação dos tempos livres e ao ambiente, como a construção e preservação de um jardim construído em parceria com a Junta de Freguesia de Anta e a Câmara Municipal de Espinho. Algumas atividades pressupõem saídas do Bairro como visitas, passeios ou mesmo espetáculos.

Recursos Externos

O CC recorre a parcerias e articulações com os recursos da comunidade local no sentido de potenciar e complementar o serviço prestado, nomeadamente: Centro Distrital de Aveiro - ISS, IP; Serviço Local de Segurança Social de Espinho - Unidade de Desenvolvimento Social; Agrupamento Vertical de Escolas Dr. Manuel Laranjeira; Agrupamento Vertical de Escolas Dr. Manuel Gomes de Almeida; Comissão Local de Apoio Social de Espinho; Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho; Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco; Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU); Centro de Emprego e Formação Profissional de Vila Nova de Gaia - Extensão Permanente de Espinho; Câmara Municipal de Espinho; Centro Social de Paramos; Junta de Freguesia de Anta; Junta de Freguesia de Espinho; Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Espinho; Grupo Sócio Caritativo da Paroquia de Anta; Rotary Clube de Espinho; Instituto de Reinserção Social; Clínicas de Psicologia do Concelho; Lions Club de Espinho; Núcleo de Modelismo de Espinho; Fundo para a proteção dos Animais Selvagens; Tuna de Anta; Polícia de Segurança Pública - Escola Segura.

Horário de funcionamento

O CC funciona de Janeiro a Dezembro, de segunda a sexta-feira, entre as 9h e as 20h.

- A Mediateca e o Esp@ço Internet encontram-se abertos ao público de 2.ª a 6.ª feira entre as 9h e as 12h e as 14h e as 18h;

- O GAI funciona à 3.ª feira das 14h30m às 16h30m e à 5.ª feira das 10h às 12h30;

- O GAP funciona de 2.ª a 6.ª feira das 10h às 13h e das 14h30m às 19h30m;

- A Sala de Apoio ao Estudo funciona de 2.ª a 6.ª feira das 18h às 20h;



PROJETO DE INTERVENÇÃO

- A Aeróbica funciona à 3.ª e 5.ª feira das 19h30m às 20h30m;
- O Clube de Artes Decorativas funciona à 3.ª e 5.ª feira das 14h30m às 17h30m;
- O Espaço de Convívio funciona à 4.ª e 6.ª feira das 14h30m às 17h30m;
- O Espaço de Mediação Social funciona à 4.ª feira das 15h30m às 17h30m, mensalmente;
- O Grupo de Pais funciona à 4.ª feira das 17h00m às 18h30m, quinzenalmente;
- O Atelier de Modelismo funciona ao Sábado das 10h às 12h.